

REVISTA DA SOCIEDADE DE PSICANÁLISE IRACY DOYLE

NÚMERO 2

# ENSAIOS





Leandro Rafael Ferreira dos Santos (2019)  
Biblioteca da SPID

## — COMISSÃO EDITORIAL

Angela Coutinho, Carolina Vidal, Janaina Pires Garcia,  
Leandro Rafael Ferreira dos Santos, Luciana Rodrigues,  
Maira Rangel, Nádia Couri, Ninfa Parreiras, Octavio  
Machado

— APOIO SECRETARIA SPID  
Adriana Mendes, Heloisa Vogel



Publicado originalmente em outubro de 2019 com o título Ensaios - Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, pela editora Casa Philos. Revista Ensaios © 2019 Todos os direitos reservados. As opiniões expressas nos artigos desta edição são de responsabilidade exclusiva dos autores.

**Philos - Revista de Artes e Literatura da União Latina** - Associação Casa Philos, 2019. CEO e Coordenação editorial JORGE PEREIRA; Edição executiva EVANDRO GRAESER; Direção de projetos LUCAS FONSECA; Assistência editorial NINFA PARREIRAS; Preparação e revisão JORGE PEREIRA, LUCRECIA WELTER; Tradução SABRINA GRACIANO; Projeto gráfico CASA PHILOS; Impressão e acabamento PSI7 GRÁFICA; Jornalista responsável PRISCILA URPIA; Capa LUCÍA PARIAS



---

**Carolina Vidal** é psicóloga e psicanalista, membro associado SPID, integrante da Comissão Editorial da Ensaíos. E-mail: carol\_csvidal@hotmail.com

Havia na SPID um interesse na produção interna e este espaço, portanto, pretende incentivar e dar visibilidade aos trabalhos elaborados a partir das nossas discussões teórico-clínicas.

Para esta segunda edição, com lançamento na primavera de 2019, contamos com a colaboração de dezesseis autores, totalizando quatorze trabalhos. Pretendemos, com isto, publicar a revista Ensaíos como um retrato vivo da nossa produção.

É importante ressaltar as marcas que guiam os valores fundamentais da sociedade, a saber, o pluralismo, a horizontalidade e a não-tutorialidade. No que se refere à primeira, é no sentido da valorização das diferentes formas de conceber a teoria e a clínica psicanalítica. No que se refere à segunda, ela é lembrada por não sermos reféns de uma hierarquia institucional que poderia ceifar o objetivo central de nossas intenções, que é a colaboração igualitária entre os membros. Já no que se refere à terceira, a ideia de não haver nenhum membro que conduza outro com um percurso menor, mas sim uma troca mútua constante entre os pares.

Decidimos que estaríamos abertos aos mais diversos estilos de escrita e produção, não ficando restritos ao modelo universitário. Inspiramo-nos aqui na própria prática do método psicanalítico, indo ao encontro do desconhecido, acolhendo a ‘estranheidade’, para assim torná-la fonte de elaboração e criação.

A Ensaíos foi dividida em seções que contemplam as atividades da sociedade. Na primeira seção, “Encontros”, estão reunidos os trabalhos que tiveram a sua origem de reflexão nos seguintes espaços da SPID: Encontros Clínicos, Seminários e Grupos de Estudos, Jornadas Semestrais, Projeto Controvérsias e Projeto Passagem (passagem dos membros associados a membros titulares). A segunda seção, denominada “Eventos”, é destinada a acolher os trabalhos apresentados em atividades organizadas pela SPID, tais como conferências e palestras realizadas por analistas membros e convidados, bem como trabalhos de membros da SPID apresentados em eventos fora da mesma. “Pesquisas” é o título da terceira seção, que contempla os trabalhos advindos de monografias, dissertações e teses, ligados ao campo psicanalítico ou áreas afins. Em “Correios”, a quarta seção, dedicamos um espaço para publicação de trabalhos enviados por colaboradores – membros da SPID ou não – ligados ao campo psicanalítico ou áreas afins. A última seção, denominada de “Antena”, é destinada a entrevistas, resenhas, crítica de filmes, poesia, entre outros.

Assim, é com o espírito de acolhimento às diferenças e de incentivo à produção que esta iniciativa se mantém. Que este movimento sirva de inspiração para o fortalecimento da transmissão e da construção de uma psicanálise viva e plural.

# sumário

## I. ENCONTROS

### I.1 ENCONTROS CLÍNICOS

9 PROJETO PASSAGEM  
ANGELA COUTINHO

18 DEZCONEXÃO": AS PROFUNDEZAS DAS  
CONEXÕES LÍQUIDAS  
CAROLINA VIDAL e MÁRCIO PEREIRA

### I.2 JORNADA SEMESTRAL

34 A PSICANÁLISE É ENDIVIDADA COM  
VICTOR TAUSK?  
DIRCE FERREIRA DA CUNHA

39 O MORTÍFERO EM ANÁLISE: LIMITES?  
LEANDRO RAFAEL DOS SANTOS

45 A ARTE DA PSICANÁLISE  
LUIZA CARDOSO

51 A PSICOSSOMÁTICA PSICANALÍTICA  
SOLANGE BLUVOL

### I.3 SEMINÁRIOS E GRUPO DE ESTUDOS

57 TRANSINQUIETAÇÃO  
MÔNICA DIAS

## II. EVENTOS

58 A LÓGICA DO INCONSCIENTE: O NÓ BORROMEU E A TERCEIRA  
IVANISA TEITELROIT MARTINS



### III. PESQUISAS

64 A PELE DE VÊNUS E A VÊNUS DAS PELES  
KARIN VELOSO MÜLLER

72 AMOR, SABER E TRANSFERÊNCIA. PERDER PARA GANHAR, FALTAR  
PARA DESEJAR  
OCTAVIO MACHADO



### IV. CORREIO

77 O CAOS REVISITADO: A DIMENSÃO ESTÉTICA NA CLÍNICA  
PSICANALÍTICA  
HALINA GRINBERG E MORGANA RECH

92 A ESCUTA SENSÓRIA: O CORPO SALIVA A PALAVRA  
HELIA BORGES

### V. ANTENA

107 RESENHA: NO GERÚNDIO, MEMÓRIA DE EDUARDO ROZENTHAL  
NINFA PARREIRAS

111 ENTREVISTA:  
RUTH GOLDEMBERG





**Lucia Parias** (2018)  
Cerâmica e série fotográfica para a  
Revista Philos

# I. ENCONTROS

## I.1 ENCONTROS CLÍNICOS

### **Projeto Passagem<sup>1</sup>**

*por* ANGELA COUTINHO<sup>2</sup>

#### CONSIDERAÇÕES

Descrever o movimento num escrito estanque parece uma tarefa inglória. Como parece inglória qualquer tentativa de descrever a passagem a membro titular (antigamente, membro psicanalista). Passagem de analisando a analista, em processo permanente.

Tornar-se analista sempre e não “para sempre”. A princípio, analista de sua própria experiência de análise, numa tensão constante, interminável. Uma tensão permanece movimento tensionado e fluido, um movimento de vai e vem. Condição de possibilidade de a surpresa estar sempre presente. De o inesperado trazer de volta mais uma vez o desabrochar do ponto de partida. O eterno retorno. Sempre outro. Nunca mais o mesmo. Nunca foi o mesmo. Nunca mais do mesmo. Jogo de palavras. Ensaio para descrever em palavras o movimento da vida. Reflexões como reflexos do rio onde tudo flui. Fotografia do movimento, um “flash” do fluxo de um rio.

Passagem, entraves, obstáculos sinuosos, desafios, brechas, caminho. Deslocamento não de um ponto a outro e sim deslocamento de um movimento que não passa, não cessa de ir passando.

Há momentos de remanso, de calma, uma sensação de sabedoria, “sabedoria da insegurança”, atrelada a um despertar no desconhecido, num mar de infinito desconhecimento. A tensão dá lugar a certo apaziguamento, a uma certeza tão grande da incerteza que resulta numa clareza, numa transparência infinita, invisível e sensível.

Na passagem a analista há recortes de muitos percursos, incluindo os da análise pessoal do analista. Percursos teórico-clínicos onde uma pergunta não quer calar: o que faz uma análise funcionar, o que faz um analista?

Os psicanalistas inspirados em Freud – nosso mestre primeiro e fundador – se debruçam sobre a clínica numa tentativa de elucidar todo seu mistério. Mistério incognoscível.

A insistência nesta sondagem resulta em múltiplas perspectivas. É a história do movimento psicanalítico. Psicanálise é movimento. É um saber em movimento, um saber a ser suposto, repostado e recomposto. A psicanálise é reinventada com cada analisando.

Há dores e delícias nessa passagem a analista. Dói a nostalgia da perda da ilusão, da alienação do analisando. Saudades! Saudades daquele tempo de credulidade num outro certo, no amparo ilusório frente ao nosso desamparo primordial e permanente. Socorro! Às vezes recorro a antigos balizamentos que mapeavam e cerceavam a liberdade! Aprisionamento que acolhe e aperta. Que protege e engole. Aperta e afrouxa. Segura e solta. Saudade que dói e também traz alívio. Não mais tão apegada aos fantasmas que contornam o inevitável e inefável confronto com o desconhecido. Uma passagem sem volta. Sem olhar para trás. Saudades da inocência da criança que não se sabe. Sem véu.

Rasgado o véu da inocência, um mar de possibilidades se abre neste oceano infinito. Um inventar-se, um caminho sem tréguas. Um mergulho no desconhecido, novo fôlego, novas aventuras e venturas. Abertura para além dos fantasmas congelantes. Novos experimentos, sempre outros. Inclinar-se. E eis que brota adiante um novo broto, nova luz, emerge algo inusitado e livre.

Numa perspectiva menos otimista, o objetivo do processo analítico é passar de uma “prisão domiciliar” – cercada de fantasmas que protegem, oprimem e restringem a vida – para uma “prisão semiaberta”, com a possibilidade de escolhas facultativas, menos aprisionantes, embora permanecendo como pano de fundo os mesmos fantasmas que conformam e confortam, como telas protetoras frente à avalanche do desconhecido.

O desafio maior é desejar e conseguir ocupar às vezes um lugar muito preciso, justamente nesta fronteira analisando-analista, tornando-se analista nesse constante vir a ser. Desafio frente à “transmissão” dessa passagem. Transmissão que implica no acolhimento da inocência do outro, zelo em movimento. Segura, ampara e solta, à deriva. Confiante nessa transmissão. Confiante e entusiasmada, apostando nessa travessia. Testemunha e parceira do analisando.

O analisando e seus mistérios singulares. Um universo desconhecido a ser desbravado no encontro clínico, na experiência analítica. Um universo a ser revisitado, descortinado, desconstruído e reconstruído.

Inclinar-se, debruçando sobre este caminho sulcado, construído e amalgamado num sincronismo estranho e familiar. Sem deixar escapar o vislumbre, o vestígio de outra via, deslocada do véu da inocência, confiante na aventura da invenção de si.

## INVENTÁRIO DE UM PERCURSO NA ONDA DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO

“Existem momentos na vida da gente, em que as palavras perdem o sentido ou parecem inúteis, e, por mais que a gente pense numa forma de empregá-las, elas não parecem servir. Então a gente não diz, apenas sente.” — S. Freud

“No princípio era a ação.” — S. Freud

Logo de início, um grande susto. Aquele acontecimento iniciático e único me mostrou que a teoria na prática é outra coisa. O novo sempre excede qualquer teoria. Eu estava imbuída de um modelo de psicanálise referido ao método experimental em que o analista era um observador neutro e, como um espelho, não refletia nada além do que lhe era mostrado. E a transferência era tida como “falsa conexão”, como projeção, no analista, das fantasias do analisando. Esse modelo cai por terra no primeiro encontro, num primeiro e luminoso encontro onde fui agraciada com o brilho e a argúcia do olhar de uma criança. Se a angústia é o afeto que não deixa mentir, aquele olhar sagaz me despiu de qualquer roupagem, de qualquer blindagem suposta pela teoria. Ali estava a aspirante a analista, nua e crua. Desnuda e angustiada. Aquele era um encontro pra valer.

Aprendi, desde cedo, que o analista é afetado. Que não pode escapar do fogo cruzado do encontro clínico. Se o analista não quiser ser descoberto, tocado, é melhor buscar outro ofício. Abaixo o mito da neutralidade científica! O observador colore e modifica, com suas tintas, o campo a ser observado. No caso do encontro clínico, há um “encontro” e o campo a ser observado é justamente o que se dá nesse encontro, o que aí é produzido no “entre dois” do processo.

Essa grande lição de psicanálise me acompanha até hoje. A partir desse primeiro toque os caminhos se abriram, outros estudos se impuseram. Novas perspectivas resultaram numa tese de mestrado. Toda minha preocupação do momento estava sintetizada no tema escolhido: “Transferência e Relação Real no Processo

Psicoterápico: os fenômenos clínicos e uma tentativa de explicação metapsicológica.”

Relação real, aqui, no sentido de Greenson, como “verdadeira conexão” que se diferencia de relação transferencial entendida como “falsa conexão”. Se consegui solucionar um impasse com esse trabalho, logo, logo se produziu um novo impasse: como avaliar o quão “real” ou “distorcido” era o discurso do analisando? De que serviria isso na prática? De qualquer modo, caberia ao analista julgar, ficando num lugar de detentor da “percepção pura,” do saber absoluto. Essa posição do analista não coadunava com minha vivência na clínica. Outras inquietações foram surgindo, a partir daí. Novos estudos foram cotejados. Fui seguindo o rumo que a experiência me apontava. Uma contribuição me afetou particularmente e até hoje faz sentido pra mim. A metodologia do processo analítico implica numa observação participante. A participação – afetar e ser afetado – é condição necessária, mas não suficiente. Embora fundamental o mergulho na intensidade do encontro clínico, há que se dar conta, há que se despertar da turbulência transferencial para que a acessibilidade interpretativa tenha lugar. Inicialmente, o dito “analista”, pelo trabalho realizado em sua análise pessoal, se prepara para estar dentro e fora do processo, numa “dissociação instrumental”. Ao longo do processo, o analisando vai se implicando de tal modo que ele também passa a se observar participando, isto é, afetando e sendo afetado. No limite, o analisando passa a analista da própria experiência. Assim, há na situação analítica uma estrutura vivencial que afeta analista e analisando reciprocamente. O campo transferencial é irreduzível a cada um dos membros da relação. Trata-se de uma experiência compartilhada que visa acompanhar as vicissitudes desse objeto transferencial que resulta da interação entre os dois no processo. Aqui se trata de dois analisandos. O analista, como função, é o lugar da interpretação, da simbolização do imaginário e da direção da análise. Num contexto de interpretância que não pertence a ninguém, a “função analista” se exerce seja por aquele dito “analista”, seja pelo analisando. Neste sentido é que entendemos que na situação analítica há um analista e dois analisandos, isto é, uma situação ternária. Ambos participam e podem observar o campo transferencial em que estão inseridos.

Por falar em contexto de interpretância, o rumo de uma pesquisa – que eu vinha realizando acerca do inconsciente – mudou inteiramente a partir de um questionamento surgido numa situação clínica.

Era um analisando especialmente sedutor que explicitava seu desejo de conquistar a analista. Ora vivia uma aflição por não ser correspondido, ora quando supunha estar “atingindo” a analista. À medida que foi sendo escutado e acolhido, foi falando mais e mais, chegando a se sentir encurralado nas suas dores.

O clima de sedução se esvaziou, ficou deprimido, entrando em contato com seus fantasmas. Do “nada”, fui surpreendida com um desabafo fortuito: “Se há, aqui, alguma sedução de verdade, é a sua. Com esse jeito misterioso, silencioso, mas instigante, me faz falar mais e mais, me faz voltar aqui sempre, à minha revelia. Esse mistério que lhe ronda e que você mantém com esse ar reticente, impenetrável e enigmático, não há nada que atraia mais do que isso. Essa é a sedução mais efetiva.”

Tal desabafo poderia muito bem ser escutado a partir dos parâmetros conhecidos: resistência, falsa conexão, projeção no analista das fantasias de sedução, identificação projetiva, entre outros.

Esta seria uma saída mais fácil, permanecer na zona de conforto, no já sabido. Difícil foi responder com o estômago, com um soco no estômago. Seria o analista uma função sedutora? Questão que nadava “contra a corrente”, que não encontrava respaldo na teoria psicanalítica. Contudo, é na e pela clínica que novas questões emergem. Impossível me ensurdecer frente a esse momento mágico. É fato que o analista causa, provoca movimento. Acolhe e puxa o tapete. Esse encontro fortuito, no que ele teve de surpreendente, suscitou uma série de indagações: seria o analista uma função sedutora? E mais, seria essa função, uma das condições para a análise produzir efeitos no real? Seria esse um ponto de convergência entre os psicanalistas, independentemente da abordagem teórica? Construí a hipótese de que o analista, como função sedutora, faria parte da estrutura da situação analítica. Função sedutora, no sentido de provocar movimento, produzir diferença, ruptura no que está petrificado, estagnado. Sedução, aqui, não é desvio para um fim, mas sim desvio de uma rota pré-traçada, alienante, que impede o sujeito do exercício de um viver criativo. Seduzir é propiciar o resgate desse viver criativo. O produto dessas indagações foi a tese de doutorado: “Psicanalista, uma função sedutora?”

Há sempre o risco de se estancar o movimento nas palavras, no formalismo das palavras. A transmissão de uma vivência requer o dom de usar palavras que não congelem a experiência. Palavras vivas que nas entrelinhas deixem escapar o de que se trata. E é o que mais importa. Há que se fazer um esforço nesta direção. De capturar o que escapa.

A mudança de rumo de uma pesquisa não só advém de achados na clínica, mas a própria pesquisa pode levar a novos questionamentos. A pesquisa sobre sedução trouxe uma dimensão transgressiva à prática psicanalítica, como prática subversiva. O que seria latente em psicanálise? Aonde leva a interpretação? A questão do poder se impôs: se o analista dirige a análise, subvertendo o “status

quo”, quem dirige o analista? Como se distribui o poder na clínica? Como dirigir a análise sem que se transforme num dispositivo de poder?

Um recurso à filosofia se fez necessário. Colocar a clínica em análise é colocar a cena analítica em perspectiva, olhando por uma janela, de fora do campo psicanalítico. Olhar de fora, mas sem perder de vista o norte para onde a clínica nos encaminha. A questão do manejo da história e da resistência merece aqui um destaque.

Olhando a clínica por uma janela, muitos aspectos que passavam despercebidos vieram à luz. Sob esse novo olhar, a investigação histórica, por exemplo, muda de enfoque. Longe de levar ao auto-conhecimento, ao saber de si, leva ao estranhamento de si, à dissolução da identidade. A partir da constatação de que não há essência, não há o que descobrir, há que se inventar. A origem está no início da investigação, o que é problematizado, e não como fim. Pela investigação genealógica não se chega à origem, mas ao que se forjou como tal. O que se supõe essencial foi construído peça por peça, ao longo da história. Foi uma construção histórica. Daí a desmontagem como resultado dessa escavação genealógica. Longe de estabilizar o presente, essa investigação histórica vai desnaturalizar o presente, provocando mudança. Tudo o que é pode ser diferente.

O poder é outra questão pouco discutida no âmbito analítico. No entanto, a transferência, como pivô da análise, pressupõe uma deposição de saber-poder no analista. Torna-se problemático pensar o poder do analista na manipulação das relações de força inerentes à transferência. A perspectiva de poder apresentada por Foucault nos acendeu nova luz. O poder se exerce, não se possui. Poder como relação de forças, sempre no plural. Afetar e ser afetado. Há forças de resistência também, há algo que resiste a essa afetação. O poder é reversível. O campo transferencial afeta analista e analisando nesta relação de forças. Há uma dupla deposição de saber-poder. Do analista em relação ao analisando e vice-versa.

Enquanto estava debruçado nas questões de saber poder, Foucault pensa o sujeito como assujeitado. Contudo, constata que não há poder sem resistência. Ao constatar a resistência na relação de forças se pergunta de onde vem a resistência. Após longo tempo de gestação dessa ideia, passa a vislumbrar a resistência apontando para o sujeito ativo que é capaz de dizer não ao assujeitamento. Dentro desse contexto, elabora o que conhecemos como “práticas de si”, efeito de um processo de subjetivação. O que não se confunde com “culto de si”. Ao retomar a questão do sujeito, além das dimensões de saber e poder, este ressurgiu como vir a ser. Trata-se do sujeito ético que resiste ao assujeitamento, na contramão do sujeito moral, assujeitado.

Pensar a psicanálise como “prática de si” implica numa perspectiva ética, em que se vislumbra uma margem de liberdade frente ao assujeitamento, referido às malhas do saber poder. Trava-se um embate entre o sujeito passivo (moral), assujeitado e o sujeito ativo (ético) que emerge às margens da história.

Pensar a clínica como dispositivo ético é o desafio que se sobrepõe aos riscos do uso da prática como exercício de poder, como dispositivo de poder. O dispositivo analítico é criticado por pressupor o dispositivo da sexualidade como uma verdade já dada (pelo analista) embora não sabida (pelo analisando). A associação livre, nessa perspectiva, poderia ser pensada com a “extorsão” da verdade, sabida e dominada pelo analista, que tornaria o analisando refém desse saber-poder. Para fazer frente a essa crítica, é importante que o analista aceite os limites da teoria, bem como a parceria com o analisando na reinvenção da psicanálise.

É essencial enxergarmos a teoria como ficção, o que nos tira o fardo de um olhar dogmático ao confundir a lente com o que se vê. A teoria não toca o real da clínica, do mesmo modo que as palavras não falam das coisas.

É tão fundamental como paradoxal a escolha de uma lente teórica. Sem a lente fica impossível a escuta enquanto psicanalítica. Mas se fico colada na lente, não vejo nada além do que eu já sabia. Daí a teoria ficar em “reserva de uso”, como pano de fundo. Recorro a ela se e quando fizer sentido e enquanto estiver funcionando na clínica. A psicanálise pode ser tomada como dispositivo de poder se e somente se a teoria for tomada como dogma.

#### UM RECORTE EM DIFERENTES TEMPOS

Essas reflexões foram feitas a partir da apresentação no Projeto Passagem, em 2019, do trabalho teórico clínico de conclusão do curso de formação psicanalítica na SPID (1988). Trata-se, aqui, de um recorte em cima de diferentes tempos. O impacto no início da prática (1973), o tempo de um processo de análise que acompanhei como analista de 1977 a 1983, o trabalho de conclusão do curso referido a esse processo (1988) e a experiência clínica de 1988 a 2019. E o mais fundamental: longos períodos intermitentes de análise pessoal entre 1971 e 2019.

Nesse espaço de mais de 40 anos, a passagem de analisando a analista foi ganhando novos contornos, mantendo algumas ideias do passado, descartando outras e acrescentando outras tantas. Faço parte do movimento psicanalítico e junto com ele caminho sobre as ondas, num esforço para não estancar o movimento, para não alimentar a ilusão de que há um ponto de chegada.

Por mais que haja sempre um ou mais paradigmas vigentes, há que se manter aberto um espaço para discussão de novas ideias ou não teríamos avançado no conhecimento.

A quebra de paradigmas, ou seja, o rompimento com ideias anteriores é tão fecunda quanto estabelecer padrões que orientem a comunicação entre pares com ferramentas teóricas e metodológicas. Os parâmetros certamente auxiliam no desenvolvimento da psicanálise, mas também podem atuar no sentido contrário, ao se tornarem barreiras para inovações e mudanças. É fundamental sair da zona de conforto que as teorias podem fornecer para assumir o risco de olhar para o desconhecido, de tatear o não sabido.

Considero como “ambição analítica” o apego exagerado a determinadas referências que pode levar a um engessamento, freando o fluir do movimento psicanalítico. O que não quer dizer abrir mão dos paradigmas e sim não levá-los tão a sério. Paradigmas são ficções que valem enquanto funcionam. Em ‘reserva de uso’ sempre, não se sobrepondo, como anteparos protetores, ao fato clínico, sempre surpreendente.

É necessário estar aberta a questionar, ousar, experimentar, observar, refletir e até descobrir dimensões novas não previstas pelos estudos teóricos e paradigmas consensuais vigentes. A problematização dos diferentes modelos deve estar sempre no nosso horizonte. Sem medo de voltar atrás, sem medo de rever as próprias posições e de ir além. Esse foi o principal legado de nossos mestres. Por isso é fundamental que haja trocas, diálogos e interconexões dentro de uma abordagem eminentemente pluralista. E, sobretudo, é imprescindível ter a clínica como nosso leme, como nossa aliada, na luta, contra tornar os paradigmas leis imutáveis.

Nessa direção, considero o pluralismo a condição de possibilidade da formação psicanalítica. Admitir que houvesse outras lentes para enxergar o real da clínica impede a suposição de que a minha própria escolha seja a única, a melhor ou a definitiva. Manter uma posição equidistante entre paradigmas vigentes e a abertura a novas percepções e caminhos na relação analista analisando é sustentar a leveza e o balanço que a nossa prática propicia.

[notas]

1. Reflexões acerca da apresentação no Encontro Clínico “Projeto Passagem”, comentada por Bruno Campos, em 17 de abril de 2019, referida ao trabalho teórico-clínico de conclusão do curso de formação psicanalítica na SPID (1988).

2. Psicanalista, membro titular SPID, doutora em Psicologia Clínica (1994), PUC/RJ. E-mail: [coutinhoangela@gmail.com](mailto:coutinhoangela@gmail.com)

# I. ENCONTROS

## I.1 ENCONTROS CLÍNICOS

### **“DEZconexão”: as profundezas das conexões líquidas<sup>1</sup>**

*por* CAROLINA VIDAL<sup>2</sup> e MÁRCIO PEREIRA<sup>3</sup>

[Carolina e Márcio] Somos supervisor e supervisionanda e decidimos falar sobre uma questão clínica que vem quebrando bastante as nossas cabeças de um tempo para cá. É uma questão que surgiu para a gente, pelo menos de forma mais definida/intensa, neste ano de 2017, curiosamente. Decidimos apresentar este trabalho juntos porque nós dois temos trabalhado nisto juntos em supervisão, trocando textos, ideias e casos clínicos. Se trata de uma sensação nossa no consultório que, num primeiro momento, chamamos de “desconexão”, e que depois decidimos chamar de “DEZconexão”

[Carolina] Tudo começou quando eu cheguei em supervisão extremamente afetada por esta questão e o Márcio dividiu comigo que vinha sentindo algo muito similar também em sua clínica nestes últimos meses. E desde então esta questão tem sido bastante desenvolvida por nós em supervisão. Queremos provocar e tentar conectar nós e todo mundo aqui presente com esta questão nova que temos vislumbrado na clínica e que vocês possam ser afetados de forma firme e consistente de que o que apresentaremos hoje NÃO se trata de algo antigo e comum, mas sim de algo novo, apesar de aparentemente ter laços com fenômenos comuns na nossa clínica do cotidiano. Ou seja, queremos marcar alguma coisa de outra ordem, algo rigorosamente novo que está acontecendo, que é uma questão basicamente “vincular”.

[Márcio] O termo desconexão/desconectados surgiu para a gente a partir de uma diferença entre conexão e afeto, conexão e vínculo. Começamos a perceber que alguns analisandos se conectam a muitas coisas, têm uma convivência muito íntima com as tecnologias e com as mídias sociais. Então, são ao mesmo tempo

MUITO conectados (daí a ideia de um “DEZ” conectado, onde esse DEZ seria alguma coisa da ordem de uma intensidade, um excesso de conexão, um excesso de imagem, excesso de informação, excesso de mídias, excesso de convivência nas redes sociais) e ao mesmo tempo nenhuma conexão com vínculos, afetos. Apesar de “DEZconectados” ser um jogo de linguagem a partir da palavra “desconectados”, queremos marcar aqui que não estamos usando essa ideia de forma normativa, como se “ser conectado” fosse melhor do que “DEZconectado”. Então, não se trata de um juízo de valor, se seria melhor um homem moderno (que alguns autores estão chamando de “homo psicologicus”) ou se seria melhor a realidade na qual estamos vivendo. Não se trata de um saudosismo. Não se trata de imaginarmos como seria sem a internet ou sem as tecnologias. O que estamos trazendo é apenas uma forma de pensar esse contexto que está chegando ao nosso consultório, com um modo de intensidade diferenciado. Estamos apenas marcando uma diferença, algo novo que temos observado e com que temos trabalhado. Com a dor e a delícia de suas características, assim como qualquer outro. Vamos pensar na construção deste novo Eu, deste novo sujeito, de uma nova forma de estar cultural e socialmente.

#### CARACTERÍSTICAS DA “DEZCONEXÃO” QUE CONSIDERAMOS FUNDAMENTAIS DE MARCAR:

[Márcio] São analisandos com uma conexão especialmente forte com as mídias sociais (“hiperconectados”). Os autores que estamos usando já vinham levantando essa questão desde 2005, há mais ou menos 10 anos atrás, mas agora é como se estivéssemos vendo isso vivificado em nossa clínica. Alguns analisandos que utilizam o celular durante a sessão, por exemplo;

[Carolina] São analisandos que têm algo que estamos chamando de “imagem espetaculosa”. Aqui, nos aproveitamos muito do livro *Sociedade do espetáculo* de Guy Debord, e selecionamos algumas passagens do livro que exemplificam bem nosso ponto:

“A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou (...) a uma evidente degradação do *ser em ter*.” (p. 18)

“Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação.” (p. 13)

“O espetáculo (...) não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. (...) a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo no real.” (p. 15)

“(...) o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana, socialmente falando, como simples aparência.” (p. 16)

“O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.” (p. 14)

“(...) o verdadeiro é um momento do falso”. (p. 16)

“(...) submete toda a realidade à aparência” (p. 37)

“Esta *alienação* recíproca é a *essência e o sustento* da sociedade existente.” (p. 16)

“As imagens *fluem desligadas* de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum (...).” (p. 13)

“Sua [espetáculo] única mensagem: o que aparece é bom, o que é bom aparece”. (p. 17)

“A sociedade que repousa sobre a indústria moderna não é fortuitamente ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente espetaculista. (...) O espetáculo não quer chegar a outra coisa senão a si mesmo.” (p. 18)

[Márcio] São analisandos que, com este desconectar afetivo, se apresentam na clínica sem história, sem memória, sem afetação, próximos a um risco de romper com uma nada poético da sua linguagem e se aproximar por demais do vazio.

[Carolina] Todos eles chegaram em análise por conta de alguma falência nas relações duais líquidas (primeiramente tínhamos escrito “falência nas relações amorosas”, mas mudamos o termo porque amor fala de muito afeto, então não se trata disso). Para nos ajudar a pensar nesta questão, tivemos como base o livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* de Zygmunt Bauman, e selecionamos algumas passagens:

“A modernidade líquida em que vivemos traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos – um amor líquido. A insegurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos.” Texto de quarta capa

“A era da modernidade líquida em que vivemos – um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível – é fatal para nossa capacidade de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, nosso parceiro ou a nós mesmos.” Apresentação

“Uma vez que damos prioridade a relacionamentos em ‘redes’, as quais podem ser tecidas ou desmanchadas com igual facilidade – e frequentemente sem que isso envolva nenhum contato além do virtual – não sabemos mais manter laços a longo prazo.” Apresentação

[Márcio] Vivem um contexto de ausência de referências políticas e socioeconômicas (estamos atravessando um caos no mundo, no Brasil, no Rio, quase dois impeachments seguidos, a questão dos imigrantes, terrorismo,...), então o que era pra ser referência de segurança/norteamento a partir de estruturas externas maiores, hoje não existe mais. E isso repercute no sujeito internamente. Por isso também termos recebido em nossos consultórios em maior quantidade neste ano, pois estes últimos meses foram especialmente caóticos. Uma passagem do livro *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo* de Jurandir Freire que fala bem sobre este ponto:

“Hoje se tornou corrente, em alguns meios intelectuais, falar-se sobre a perda da transcendência. Finalmente, diz-se, a sociedade burguesa realizou seu sonho, ou seja, laicizou-se de ponta a ponta e de alto a baixo. O Um, o Outro, o Transcendente religioso ou político morreram. Primeiro assistimos aos funerais de Deus, agora aos do Estado, seu herdeiro leigo. O coletivo dos indivíduos abriu mão da Lei, da Norma, do nome do Pai, em favor da liberdade de atribuir a si mesmo a última palavra na resolução dos conflitos privados. Fim da alienação, começo da desorientação. (...). Se todos são iguais perante o gosto, a preferência, a inclinação, o desejo ou o capricho, quem ou o quê decide qual a verdadeira Vontade Geral ou qual o legítimo Consenso Moral? Sem o Transcendente, sem o Heterônimo, quem ou o quê poderá dizer ‘isso está certo’ porque ‘assim foi dito e estava escrito’? Enfim, se cada um pode se outorgar a mestria de impor o que bem entende aos outros [‘influenciador digital’], onde começa a violência e termina a persuasão?” (p. 15)

[Carolina] Socialmente, ninguém percebe a DEZconexão, porque se dão muito bem no mundo contemporâneo, nesta nossa “Sociedade do espetáculo”. Como todos nós estamos inseridos nesta sociedade, no dia a dia é difícil mesmo de perceber o que estamos falando. Acredito que seja mais propício de ser percebido num *setting* analítico, já que são pessoas que têm uma APARÊNCIA social e profissionalmente bem-sucedidas.

[Márcio] Sentimos uma dificuldade em fechar o diagnóstico estrutural transferencialmente. Sem aprofundar cada estrutura, apenas citando: não parece uma neurose, apesar de trazerem queixas similares; não parece uma psicose clássica, porque não tem alucinações e delírios; não é o que chamamos de errância também – ou o que vem sendo chamado de psicose ordinária – apesar de sentirmos que também não há um norteamento; não parece perversão, apesar de uma falta de afetação. Um mesmo analisando pode falar de uma questão tipicamente histérica de que quando uma mulher que ele queria muito se interessa por ele, ele perde o interesse, ao mesmo tempo em que tem uma fala descarrilhada típica de algo como uma psicose errante, pode falar de tudo isso de forma desafetada... E isto que estamos trazendo não se trata também de uma situação típica onde há uma estrutura primordial que se apresenta transferencialmente, e traços de outras estruturas... Pelo contrário, não conseguimos nem chegar a alguma conclusão diagnóstica estrutural porque a transferência é evanescente, é estranha, difícil de sentir. Só sabemos que estes analisandos voltam, existe alguma forma de vinculação, mas não entendemos, não sabemos por que voltam.

CASO CLÍNICO 1 [Carolina]: “Analisanda sem nome e sem endereço”:

Ela chegou para mim da seguinte maneira: Eu recebo uma mensagem no *whatsapp* de uma menina (sei que é uma menina pela foto) dizendo apenas “Bom dia, recebi seu telefone como indicação por uma amiga”. Só isso. Fico até com uma dúvida se de fato seria uma pessoa buscando análise... Recebeu indicação para o quê? Eu subloco meu consultório, poderia ser para isso também. Respondo perguntando como ela se chama, ela diz. Pergunto se ela quer marcar um horário comigo no consultório. Neste momento ela explica melhor, diz que queria fazer uma consulta com uma psicóloga e que a amiga dela passou o meu contato. Eu pergunto quem é a amiga dela que me indicou. Ela diz que na verdade quem indicou foi a amiga da amiga, que ela nem sabe o nome, não conhece. Ela está comigo há uns 7 meses agora e até a semana passada eu não tinha conseguido identificar de onde ela veio. Por isso eu brinco chamando em supervisão de “sem endereço”. Sem nome e sem endereço. Agora eu descobri, veio de uma pessoa que eu também não conheço.

10 dias depois de ela ter chegado, me indicou para uma amiga dela, que chegou também sem nome e sem endereço. Hoje eu não vou falar dessa 2ª, só da 1ª, mas essa indicação me chamou a atenção porque ela me conhecia há apenas 10 dias, o que não é necessariamente estranho em si, porque sabemos que o tempo é relativo, mas queria reforçar que nesses 10 dias, a cada vez que ela ia às sessões eu

tinha a nítida sensação de que não sabia por que ela estava ali, por que ela ainda estava indo, não sentia que tinha algo sendo construído entre nós... uma sensação realmente muito estranha de desconexão, eu me sentia desconectada dela. Então eu fiquei me perguntando: “que analista é essa que ela está re-indicando?” Como se tudo, inclusive uma relação de análise, poderia ser assim tão líquida, como uma mercadoria que você compra porque achou legal. Queria deixar claro que a minha estranheza nessas indicações é que foram uma cadeia de indicações desafetadas.

Bom, voltando mais profundamente ao caso... Ela chegou dizendo que estava buscando análise para esquecer o ex-namorado. As coisas que ela me dizia, me soavam como se houvesse uma “conexão” estranha dela com este ex., uma coisa mais da ordem de uma repetição esvaziada do que para uma repetição com algum afeto, que seria diferente de uma “compulsão à repetição”.

Alguns exemplos de porque eu sinto essa repetição esvaziada:

1. Ela “*stalkeia*” incessantemente ele nas mídias sociais e sempre que eu pergunto o que ela sente quando faz isso, o que ela quer buscar com isso, ela sempre responde alguma coisa do tipo: “ah, não sei, não é ciúme e nem fico sofrendo, mas eu tenho que saber, tenho que olhar, sabe?!”. Não me parece uma negação, não sinto mesmo que tenha ciúmes ali. (Não estou dizendo que qualquer um que “*stalkeia*” nas redes sociais está vivendo algo dessa ordem);

2. Ela vai com uma certa frequência atrás do ex num bairro do subúrbio onde fica o trabalho dele (ela mora na zona sul) e fica sentada num boteco na frente esperando ver se ele aparece. Quando eu pergunto o que ela quer com isso e do que ela está atrás, ela diz que “às vezes me dá um branco e simplesmente vou até lá”. Ela não pensa em nada, só vai, entra num modo “imediatista” e vai. – As palavras: “Imediatismo” e “aleatoriedade” são muito importantes para pensar a DEZconexão. – Eu pergunto: “Enquanto você está esperando ver se ele aparece, o que você sente?”. Ela diz: “Eu não sei, só sei que eu tô lá”. Me parece um transe que simula um sofrimento (“eu sei que tenho que sentir algo, mas não sinto”). Um dia, depois de passar uma tarde sentada no bar na frente do trabalho dele, começou a ficar tarde, ela estava longe de casa, viu um fluxo indo em direção ao metrô, começou a ir seguindo o fluxo e nesse caminho pensou: “eu podia tomar um tiro agora de bala perdida e morrer”. Nessa hora, eu com meus vícios, fiquei achando (e talvez querendo) que daí viesse alguma afetação e fiz alguma pergunta sobre esta sua fala. Ela falou “ah, eu penso direto antes de dormir que poderia morrer. Mas eu acho que eu não tiraria minha vida não, porque acho que seria muito ruim pra minha família, eles ficariam

muito tristes, mas alguma coisa podia acontecer comigo, tipo bala perdida, acidente...". Novamente, não me pareceu uma fala mascarada de desafetação, mas com uma afetação ao fundo. Me pareceu uma desafetação MESMO. Eu já ouvi falas muito parecidas de outros analisandos, mas tinha uma clara afetação ali, que com ela eu não senti. Quando ela fala da possível tristeza da família, é um simulacro racional de que o normal seria a tristeza e sofrimento num momento como este, mas ela não entra em contato com essa tristeza, é racional. Frente a uma desafetação dela, eu, sem ter nenhuma noção do que fazer, porque eu não estou ali necessariamente para conectá-la com afetações, acabei levando alguma afetação para a relação, porque fiquei afetada e falei "Nossa, mas é muito grande isso que você está trazendo, é muita coisa!" E ela responde "Você falando assim, acho que é, né" [Aqui vale uma observação a respeito do conceito de "Sentir Com" *ferencziano*. Este conceito fala sobre o fato de sermos, cotidianamente e enquanto analistas, atravessados e afetados pelos sentimentos dos outros, ou seja, sentimos junto do analisando. Márcio Pereira, - também autor deste trabalho - em seu trabalho "Amarrando o vazio no Nada - AlvoreSer na linguagem poético-clínica da psicanálise", se utilizando do conceito de Ferenczi, cria o conceito de "Sentir Por", que se diferencia do primeiro na medida em que este ocorre quando o analista sente o sentimento que o analisando ainda não pode sentir por si mesmo, ou seja, o analista sente antes do analisando poder sentir. A partir do analista "sentir por", o analisando talvez possa vir a sentir no futuro, aos poucos. Ou talvez nunca, não se sabe]. Neste caso que eu estou trazendo, o "sentir por" não funciona, porque a analisanda não se conecta com o meu sentimento. A não ser racionalmente.

3. Numa outra ocasião, ela chegou a ir à casa deste ex. sem ser convidada. Primeiro se sentou no meio-fio na frente do prédio, onde ficou pensando o que fazer enquanto bebia uma cerveja. Depois, começou a achar que poderia ser perigoso ficar ali, já que é um lugar deserto e estava de noite. Aí pediu para o porteiro para entrar na portaria e depois de um tempo conseguiu convencê-lo de subir (o interfone não estava funcionando). Nada disso era um plano que ela bolou. Se fosse, seria algo da ordem de um desejo, mas neste caso é aleatório. Chegou no corredor do andar dele, de frente para a porta. Mandou uma foto da porta para ele, que não respondeu. Ele nunca a responde. Ela disse que nessas horas não tem freio, vai indo, não pensa em nada..., mas, nessa hora, sentiu alguma coisa muito estranha que deixou ela completamente transtornada. Eu acho que ela ficou transtornada em sentir, porque até agora foi tudo da ordem da razão. Mesmo que meio fora de razão. Então ela correu para a escada do prédio com medo e ficou um tempo ali até que decidiu ir embora. "Por que você

foi embora?”, eu pergunto. “Porque estava tarde e era um lugar perigoso”, ela responde. Um detalhe é que já tem uns 2 anos que eles não estão mais juntos, então tem uma questão temporal aí muito esquisita também, uma distorção, ela fala como se fosse atual o que os dois viveram.

4. Uma outra situação, que já não tem a ver com o ex., mas que fala de uma repetição esvaziada também, foi que um dia, o pai dela disse para ela e para a irmã quando eram novinhas (que são gêmeas idênticas), na praia, que elas estavam com uma bunda gigante. Depois disso elas teriam se tornado anoréxicas por algum tempo, lendo blogs de meninas que davam dicas de como fazer, como por exemplo, só raspar o garfo no prato para parecer que comeram e jogavam a comida fora. Mas como os pais não reparavam nelas, os dois eram bastante distantes, depois de um tempo, um pouco maiorzinhas, começaram a perceber que os garotos gostavam das meninas que tinham mais corpo, então elas decidiram deixar de ser anoréxicas para poderem se sentir desejadas e ficar com os garotos. Me soou muito estranho essa anorexia que de repente deixa de existir. É porque elas sabem que têm que ser desejadas por um homem, é o que se espera delas, e a anorexia estava impossibilitando isso. Primeiro ficaram anoréxicas para serem desejadas pelo pai e depois resolvem deixar de ser para serem desejadas por outros homens.

Outros detalhes do caso que me fizeram entrar em contato com algo dessa DEZconexão, só que agora com questões entre nós, transferenciais:

Na 1ª sessão, ela comentou que chegou a ir numa analista antes de mim, que era uma mulher mais velha e que ela sentia que fazia alguns julgamentos de algumas coisas que ela falava, e que essa analista insistia muito em associar tudo da vida dela, inclusive a maneira como ela se relaciona com os homens, que normalmente são homens agressivos – este ex. especificamente tinha uma outra namorada quando começou a namorar com ela, e ela descobriu 1 ano depois - com o fato de sua mãe ter sido muito distante afetivamente. E aí ela me disse que achava que não tinha nada a ver essa associação e que ela não queria falar disso na análise, porque se sentia bem resolvida com essa questão da mãe. Logo depois ela falou do irmão dela, que parece ser um cara bastante complicado, com uns surtos de raiva, quebra tudo em casa se escuta algo que não quer. Aí me perguntou: “você acha que minha escolha amorosa pode ter a ver com o meu irmão?” Aí, eu, bastante cuidadosa com o recado que ela tinha acabado de me dar, respondi que não necessariamente as escolhas amorosas dela têm a ver com a mãe ou com o irmão especificamente, mas que uma coisa que a gente poderia pensar é o fato dela estar muito acostumada a conviver num ambiente bastante agressivo, então

ela já saberia dançar de acordo com essa música. O pai, que teoricamente seria o mais presente dali, é também bastante agressivo, mas de um jeito disfarçado. Na 2ª sessão, ela chegou dizendo que o que eu tinha dito para ela tinha feito tanto sentido, tanto, que ela pensou em nem voltar mais...

Puxando para a questão amorosa dela, eu falei: “Se você diz que quando faz muito sentido você pensou em não ficar aqui, como você vai se relacionar com os homens, com os outros? Só quando não fizer sentido nenhum?” Que é o que ela diz que existe entre ela e o ex., uma falta de sentido gigante, mas que a prende.

No fim desta mesma 2ª sessão, quando já estávamos em pé para ir até a porta, ela disse: “Posso dar uma retocada na minha maquiagem no seu banheiro, ou vou te atrapalhar?” Aí eu falei: “Claro, pode ir!”. Eu achei que ela ia entrar no banheiro e fechar a porta, mas ela ficou com a porta aberta se maquiando, como se estivesse na casa de uma amiga e ainda ficou “trocando uma ideia” comigo enquanto se maquiava. Ela falou: “Uma das razões que eu quase não vim hoje também, foi porque eu coloquei esses dias o DIU, e me deixou com uma cólica muito forte. Meu pai é ginecologista, ele consegue várias pílulas para as minhas amigas, se você quiser é só pedir!” Eu fiquei calada, constrangida, e aí ela perguntou: “Você usa pílula?”. Eu fiquei tão chocada com esta situação, tão perdida, que eu acabei respondendo que sim e saí de perto. Não soube o que fazer nesta situação. Depois eu pensei: “Por que eu respondi isso? Mas também como não responder nada, ficar calada?” É muito assim que eu me sinto com ela em muitos momentos, “o que eu faço agora?”. Quando ela me pede para usar o banheiro, ela não estava me vendo neste momento no lugar de analista, não estava tendo um cuidado, mas sim me convidando para algo que é conhecido para ela, um bate-papo de amigas.

Numa das nossas últimas sessões, perguntou se a gente poderia fazer de 15 em 15, porque ela sente que às vezes de uma semana para outra não tem muito o que falar. Primeiro eu disse para ela as questões que têm a ver comigo a respeito disso, da minha ética e depois eu falei porque eu achava que isso não seria bom para ela. Eu disse “Você ficar com um cara ou outro não faz diferença pra você, você ficar com um cara da sua amiga não faz diferença pra você, seu ex. te responder ou não, não faz diferença pra você, você continua tentando entrar em contato com ele de qualquer maneira... Então tô começando a achar que você vir ou não vir aqui também vai deixar de fazer diferença pra você em algum momento, talvez já esteja deixando. Mas acho que é disso que se trata. Acho que é isso que você veio buscar aqui, alguma coisa que faça diferença. Então acho que se a gente fizer de 15 em 15 vamos dar espaço pra essa indiferença, pra essa falta de conexão com as coisas aparecer/se manter. Você que me diz que está querendo se conectar com homens diferentes, parar de ficar escondida com os caras que as suas amigas estão ficando,

construir alguma coisa mais consistente... Então acho que um ritmo mais consistente aqui, deixaria a gente mais conectada, podendo construir melhor isso aí que você quer, né...

Para finalizar o caso, na nossa última sessão até então, ela contou que conseguiu um emprego novo, melhor, onde ela ganharia mais, uma empresa onde poderia ser efetivada. E aí ela chamou o pai para ir à casa dela para dar a notícia (ela mora sozinha com a irmã, o pai mora pertinho delas numa casa junto com o irmão delas e a mãe mora longe com a avó) e contou que o pai ficou apenas perguntando sobre dinheiro e não falou nada de bom para ela a respeito dessa novidade. Aí ela disse que começou a ficar com muita raiva e começou a falar para o pai: “desde que você chegou aqui você só falou de coisas práticas e sobre dinheiro, não me perguntou em momento nenhum se eu tô feliz!” O que me chamou atenção é que a partir de um sentimento como a raiva, ela teve um dos únicos momentos mais conectada com afetos.

Resumindo: ela chegou sem nome e sem endereço, teve uma facilidade de me indicar para outra pessoa logo que chega, sem nem me conhecer, sem nem saber quem é a analista para quem ela está indicando e teve a mesma facilidade de pensar que poderia sair. Da mesma forma que chegou poderia ir embora. Então, com tudo isso, esta relação transferencial me causou uma sensação de um campo transferencial fluído. Inclusive, foi usando essa palavra “fluidez” em supervisão que lembramos que o livro do Bauman caberia muito para esta sensação que eu estava tendo. Algo como “analisando líquidos” de uma “Sociedade líquida”.

CASO CLÍNICO 2 [Márcio]: “Caso Alfa ( $\alpha$ )”:

Empresária de sucesso, menos de 30 anos. Seus projetos profissionais têm uma ligação com o desenvolvimento e fornecimento de tecnologia. Não só estes projetos, mas todas as suas relações duais (“amorosas”) sempre se iniciam a partir dos aplicativos, e também se mantém majoritariamente pelos canais comunicacionais da tecnologia.

Chegou até a análise apenas falando destas relações com os homens e, quando fala sobre isto, o faz como se fossem relações mercadológicas.

Um dia, após três-quatro meses de nossos encontros, passou a falar sobre um apaixonamento por um homem que conheceu, com um aspecto encantado: “Homem feio e sem graça... Poderia me apaixonar por ele!”. Pergunto: “Como assim?” Ela responde: “Amo o caráter dele!” Pergunto: “Como você pode conhecer o caráter dele em uma semana?” (...)

Ela apresenta uma falta de memória sobre sua vida, de quase toda a sua história. Sobre sua adolescência, infância e até mesmo memória recente.

Um dia me conta sobre uma mudança de casa que viveu há poucos anos atrás, diz que se empolgou muito com esta mudança, porque era uma casa muito maior e melhor do que a antiga, que teve liberdade para escolher como queria decorar e mobiliar o seu quarto junto ao arquiteto, vendo as cores, cortinas, luminárias e etc.. Perguntei qual foi a cor que escolheu pro seu quarto novo e ela não conseguia se lembrar para me dizer.

Em um outro encontro nosso, me contou que estudou em Paris por alguns anos. Interessado e querendo entender sua afetação com o lugar e com a experiência deste vivido, pergunto como isto se deu, de onde veio a ideia de ir para lá especificamente, como se organizou os preparativos, etc.. Ela responde desafetada que seu pai viu num panfleto de agência de viagens, um que recebeu na rua e juntos pensaram "por que não?". Questionei o fato de que não se escolhe passar alguns anos em Paris da mesma forma que se escolhe comer um pão de queijo porque viu na vitrine da lanchonete. Ao que ela, percebendo racionalmente a diferença, pôde se questionar por alguma falta, a possibilidade da falta de um tônus afetivo na cena...

Outra cena marcante de nosso encontro, foi um dia em que assim que entrou no meu consultório disse: "O Mariozinho morreu". Eu, achando que se tratava de uma notícia difícil sobre alguém de sua vida, perguntei como ela estava se sentindo e quem era Mariozinho. Ela respondeu "Não, o Mariozinho é o dono daquela boate chamada 'Mariuzinn'".

A partir daí, desta racional constatação do desafeto e da desconexão, passamos a poder falar sobre o tema da morte em si, ao que ela, demonstrando estranhar o desalinho racional de sua desconexão, passa a poder apresentar uma fala de que se sua mãe morresse, acredita que não sentiria nada. Menciona que saberia racionalmente como proceder para manter os "papéis emocionais e sociais" da cena, mas, para além de estar apta a representar estes "papéis e personagem", crê que não sentirá nada afetivamente.

#### INSTRUMENTOS QUE TEMOS USADO PARA LIDAR COM A CENA DA DESCONEXÃO NO CONSULTÓRIO:

[Márcio] Percebemo-nos preservando os parâmetros do espaço físico, coisa que não fazemos com outros analisando, sem flexibilizar os marcadores de espaço e de tempo. Até marcamos sessões extras, mas não ficamos trocando de horário com eles, tentando manter o ritmo, o tempo e o espaço preservados como forma de amarrar a conexão.

[Carolina] Eu falei anteriormente que esta analisanda que eu optei em trazer hoje, me indicou para uma amiga. Esta amiga chegou e está comigo ainda. Uma tentativa minha, que primeiro aconteceu sem querer e depois eu continuei propositalmente, foi que na primeira sessão de cada uma destas analisandas, eu acabei atendendo cada uma numa sala diferente, porque no meu consultório tem 2 salas, e eu costumo atender mais em uma, mas por uma questão de horário, acabo atendendo um dia da semana nessa outra sala. E uma delas veio no dia que eu fico nessa outra sala e assim continuamos. Foi bom atendê-las em salas diferentes, porque isso me ajudou a dar algum contorno físico, uma ajuda para lidar com a cena.

[Márcio] Bauman, em seu livro “Amor líquido” busca entender de que forma o homem sem vínculos – segundo ele, figura central dos tempos modernos – se conecta. E a nossa questão clínica central hoje aqui é: *A gente trabalha com o afeto. Então, se nada é afetável, a gente trabalha com o quê? Como trabalhar neste novo momento de muita desafetação e DEZconexão?*

Em consequência desta desconexão afetiva, vemos analisandos sem histórias, sem memórias, sem uma mitologia pessoal, sem uma linguagem aparente. Não conseguimos perceber a pulsão, então não conseguimos fazer um diagnóstico transferencial, porque a sensação afetiva é de que nada está se dando ali dentro do consultório. Então, com o quê que a gente trabalha? Todos esses significantes e todas as coisas significativas ficam diluídas nessa fluidez desse novo ego ou dessa nova forma de estar na cultura e consigo mesmo nas relações, e tudo isso é desconectado afetivamente. Então temos um problema. Não conseguimos achar uma forma de pensar num trabalho na nossa clínica com essas pessoas.

[Carolina] Bom, como falamos no início, essas questões todas que estamos chamando de “DEZconexão”, têm surgido de maneira gritante nesse período na nossa clínica, e, como toda coisa nova quando insiste acaba causando um certo desconforto, estamos tentando nos alargar para um novo formato, ainda um pouco perdidos...

#### OUTRAS REFERÊNCIAS TEXTUAIS:

“O homem contemporâneo não sabe o que é desejar, só sabe o que é consumir” Recorte de uma entrevista com *Jean-Pierre Lebrun*

Revista Fronteiras do Pensamento – 17/02/2016

Charles Melman e Jean-Pierre Lebrun, dois psicanalistas contemporâneos, constroem um outro tipo de homem, dentro de novos modos de subjetivação, em relação ao que Freud e Lacan já tinham construído.

Este novo homem que eles propõem não saberia mais o que é desejar, ou seja, “parece ter sido engolido pelo consumo e pelo gozo”, segundo Lebrun.

Lebrun propõe que podemos falar de novas psicopatologias dentro dos novos modos de subjetivação, porque *o discurso social atual não favorece a subjetivação*. Segundo ele, atualmente, no conjunto do que é proposto no discurso social, temos a impressão de que seria possível não ter de passar pelos constrangimentos/sofrimentos da condição humana. Sua explicação seria porque, por exemplo, os jovens se tornam adultos de forma muito precoce e forçada. Crescem, mas continuam como crianças e com desejos típicos delas. Então, uma forma atual de nova patologia seria uma espécie de fuga à subjetivação. “Não há forma de passar por um processo que envolve o subjetivo sem sofrer. Esse é um sofrimento formador. Alguns sujeitos preferem ficar *albeios* a tudo isso.”

Lebrun diferencia o homem analisado por Freud e o homem desenhado por ele e Melman da seguinte forma: “O homem de Freud era um neurótico, alguém que não sabia como orientar seu desejo, ele dizia ao analista ‘tenho uma mulher e uma amante e não sei qual escolher’/‘não sei qual profissão seguir’. Já o discurso do homem atual, mesmo que ainda exista esse de Freud, vem dizer algo diferente ao analista, que é: ‘eu não sei o que é desejar’.

O homem contemporâneo sabe o que é consumir e está numa relação na qual parece ter sido engolido pelo consumo e gozo, não constituindo essa separação que lhe permite sustentar um desejo. Então, não é mais um simples neurótico. O que esse homem é? Ele está se protegendo da subjetivação da qual ele tem medo, e vive sem pagar o preço dela. Ele não se engaja verdadeiramente.

"O Show do Eu: A intimidade como espetáculo"  
Paula Sibila

“Certa tradição ocidental pensa o ser humano como uma criatura dotada de uma profundidade abissal e frondosa, em cujos obscuros meandros se esconde uma bagagem tão enigmática como incomensurável: eu. (...) Todos os sedimentos da experiência vivida e da imaginação de cada um. Se pudesse ser conhecida, (...) seria capaz de revelar o que cada um é. Mas um tal desvendamento não é nada simples, pois esse acúmulo substancial imagina-se etéreo e intangível. (...) volátil, fluido, espectral. Seus contornos apenas podem ser intuídos ocasionalmente (...) após um árduo trabalho de introspecção. Essa é, pelo menos, uma caracterização do que constitui o cerne do homem moderno, aquele tipo de sujeito que protagonizou os diversos dramas das sociedades industriais no Ocidente dos últimos dois ou três séculos: o *homo psychologicus*. Um indivíduo que não só podia ser estudado (...), mas que devia ser assim analisado. Entre todos esses instrumentos, numa posição privilegiada, destaca-se a psicanálise. (...) Em

decorrência desses abalos, estariam emergindo outras construções identitárias, baseadas em novos regimes de produção e tematização do eu, bem como formas inéditas de se relacionar com os outros e com o mundo. Após o desmoronamento daqueles muros que separavam os ambientes públicos e privados na sociedade industrial, torna-se visível nada menos que a intimidade de cada um e de qualquer um. Nesse quadro, o homo privatus se metamorfoseia e dá lugar às novas configurações da subjetividade contemporânea.

Acompanhando as complexas transformações econômicas, sociais, políticas, culturais, tecnológicas e morais das últimas décadas, cujas sacudidas desmancharam boa parte das velhas certezas. (...) Por exemplo, hoje é colocada em questão a primazia da vida interior, uma entidade que desempenhou um papel fundamental na conformação subjetiva moderna. Fatores como a visibilidade e as aparências – ou seja, tudo aquilo que costumava ser avaliado como a enganosa exterioridade do eu – balizam, com uma insistência crescente, a definição do que é cada sujeito. Ao mesmo tempo, estaria se esvaziando aquele denso acervo alojado nas profundezas da alma humana, considerado essencial e verdadeiro, embora invisível aos olhos (Exupéry: “O essencial é invisível aos olhos” - P.P.)”.

#### Intimidade x Extimidade Poema em Linha Reta, de Álvaro de Campos

“Um dos heterônimos de Fernando Pessoa mais famosos foi Álvaro de Campos, um engenheiro naval que era reflexo da era das máquinas, consolidada na Europa no final do século XIX, quando a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, se alastrara pela maior parte do Velho Continente. Com isso, o personagem era um entusiasta da modernidade, adepto da corrente futurista em voga na época. Para ele, o homem estava em seu auge, e o passado deveria ser renegado. E sua escrita traduzia suas crenças: poemas dotados de versos livres, sem as regras métricas do classicismo ou do parnasianismo, inquietude, exaltação de energia, e uma intensa intelectualização das sensações, a forma por ele encontrada de torná-las reais.

Uma das obras mais conhecidas de Álvaro de Campos (e de todo o Fernando Pessoa) é o agressivo e incômodo “Poema em Linha Reta”. Nele, o poeta destila toda a sua indignação em face de uma sociedade de pessoas perfeitas, completas, insuscetíveis aos erros. E se questiona: só eu terei defeitos? Só eu falho? ‘Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?’. Assim, Álvaro de Campos faz um manifesto pela humanidade, por um mundo real e verdadeiro, não um de falsas aparências.

Vivemos em uma era caracterizada pelos pensadores como ‘pós-modernidade’. Uma das principais características desses tempos é o individualismo, mas não no

sentido do Renascentismo e do Iluminismo, que pregava que o homem deveria conhecer a si próprio para entender o mundo. O individualismo contemporâneo é narcisista, uma ‘paixão por sua personalidade’. E isso se desdobra em uma sociedade que busca a fama a todo custo – uma fama baseada em ‘ser famoso por ser’, sem nenhuma realização extraordinária que a justifique. Isso explica a profusão dos Facebooks, Twitters e Instagrams do mundo, programas em que a vida privada é devassada publicamente em busca de atenção, num fenômeno denominado ‘*extimidade*’, que se opõe à intimidade”. Fonte: [verdades de papel](#)

Poema em linha reta

*Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.  
E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,  
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,  
Indesculpavelmente sujo,  
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,  
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,  
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,  
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,  
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,  
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;  
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,  
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,  
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,  
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado  
Para fora da possibilidade do soco;  
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,  
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.  
Toda a gente que eu conheço e que fala comigo  
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,  
Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na vida...  
Quem me dera ouvir de alguém a voz humana  
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;  
Que contasse, não uma violência, mas uma covardia!  
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.  
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?  
Ó príncipes, meus irmãos,  
Arre, estou farto de semideuses!  
Onde é que há gente no mundo?  
Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?  
Poderão as mulheres não os terem amado,  
Podem ter sido traídos – mas ridículos nunca!  
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,  
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?  
Eu, que venho sido vil, literalmente vil,  
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.*

Filme-Documentário "Janela da Alma", de João Jardim e Walter Carvalho. Recorte de uma fala do cineasta Wim Wenders:

“As imagens têm que servir a uma história. As imagens têm que ser amarradas por uma história. (...) as imagens, se estão no contexto de uma história, precisam estar protegidas e a proteção que mais gosto são as músicas e as palavras. Sem essa proteção, sentiria que as imagens estão nuas e desprotegidas e que ficariam doentes e logo morreriam.”; “Eu gosto mais de quadros e fotos do que de imagens em movimento. Como cineasta, não devia dizer isso, mas é menos agressivo. Não assisto TV, pois não há espaço entre uma cena e outra.”  
Aqui, Wenders fala do imediatismo, da aleatoriedade, da imagem como mais importante do que a conexão, mais importante do que a história.

“A Melhor Banda de todos os tempos da última semana”  
Titãs

*Quinze minutos de fama  
Mais um pros comerciais  
Quinze minutos de fama  
Depois descanse em paz  
O gênio da última hora  
É o idiota do ano seguinte  
O último novo rico  
É o mais novo pedinte  
A melhor banda de todos os tempos da última semana  
O melhor disco brasileiro de música americana  
O melhor disco dos últimos anos de sucessos do passado  
O maior sucesso de todos os tempos entre os dez maiores fracassos  
Não importa contradição  
O que importa é televisão  
Dizem que não há nada que você não se acostume  
Cala a boca e aumenta o volume, então  
As músicas mais pedidas  
Os discos que vendem mais  
As novidades antigas  
Nas páginas dos jornais  
Um idiota em inglês  
Se é idiota, é bem menos que nós  
Um idiota em inglês  
É bem melhor do que eu e vocês  
A melhor banda de todos os tempos da última semana  
O melhor disco brasileiro de música americana  
O melhor disco dos últimos anos de sucessos do passado  
O maior sucesso de todos os tempos entre os dez maiores fracassos  
Não importa contradição  
O que importa é televisão*

*Dizem que não há nada que você não se acostume  
Cala a boca e aumenta o volume, então  
Os bons meninos de hoje  
Eram os rebeldes da outra estação  
O ilustre desconhecido  
É o novo ídolo do próximo verão  
A melhor banda de todos os tempos da última semana  
O melhor disco brasileiro de música americana  
O melhor disco dos últimos anos de sucessos do passado  
O maior sucesso de todos os tempos entre os dez maiores fracassos*

[notas]

1. Comunicação feita na Reunião da Clínica da SPID no dia 08/11/2017.
2. Psicóloga e psicanalista, membro associado SPID. [carol\\_csvidal@hotmail.com](mailto:carol_csvidal@hotmail.com)
3. Psicólogo e psicanalista, membro titular SPID. [marciopsicanalista@hotmail.com](mailto:marciopsicanalista@hotmail.com)

# I. ENCONTROS

## I.2 JORNADA SEMESTRAL

### “A psicanálise é endividada com Victor Tausk?”<sup>1</sup>

por DIRCE FERREIRA DA CUNHA<sup>2</sup>

Ao lermos: (...) todos os pensadores trazem a marca de seu tempo em suas produções! Pensamos na clínica de Freud em seus primórdios, e no atendimento e na produção de Tausk, talvez seu discípulo mais criativo, mais talentoso, autor instigante, um personagem polêmico. Sentimo-nos estimulados a entrar nos perturbadores detalhes da luta entre Freud e Tausk que formavam, como diz Paul Rozen, “um estranho par de gladiadores, na medida em que suas forças e fraquezas caíam em poder um do outro”. Tausk entrou no mundo da Psicanálise em 1908 e em 1919 já estava morto, suicidou-se aos 41 anos, bem no meio de seu período mais produtivo, acabava de redigir um admirável texto, que se tornaria um clássico, intitulado “Da gênese do aparelho de influenciar no curso da esquizofrenia.” A relação com Freud e com uma parcela do limitado círculo vienense da psicanálise foi marcada pela controvérsia e às vezes pela discórdia. Há uma carência no plano da publicação dos escritos de Tausk, sendo que no Brasil seu nome não circula nos debates, pois não é, seguramente, uma referência existente na bibliografia dos talentos publicados e nos cursos de transmissão da Psicanálise.

Pretendemos explorar os obstáculos à inserção de Tausk na Psicanálise, focando, entre outros, os impasses vindos de Freud para que o processo de análise de Tausk não pudesse se realizar. Freud não só o recusou como o enviou para Helene Deutsch iniciante na Psicanálise e há apenas três meses fazendo análise com ele. Mais ainda, Freud, após algum tempo, exige que Helene interrompa a análise de Tausk, sob ameaça de terminar com o processo dela. Freud armou uma dessas confusões transferenciais, que tinha o hábito de fazer nessa época, onde a posição do Mestre era certamente incômoda. A relação dos dois foi sempre mediada por uma mulher: Lou Andréas Salomé e Helena.

Por outro lado, a demanda de Tausk de uma figura paterna potente sobre Freud assumiu uma feição violenta, ambivalente, que impunha reservas pelo lado de

Freud. Tausk adotou Freud com atitude feita simultaneamente de rebelião, adoração e submissão. Outra questão que pretendemos desenvolver é a apresentada por François Roustang, sobre o *efeito mortífero* que permeia a relação mestre-discípulo no contexto da instituição psicanalítica. Assim, numa instituição onde a modalidade básica de transmissão da psicanálise é centrada na experiência da transferência, as formas de conhecimentos, os debates e as discussões, são marcadas, contaminadas por seus efeitos.

Nossa pretensão é trazer alguma luz para esses pontos e concluir pela dívida ou não da Psicanálise para com Victor Tausk.

#### ENCONTRO FREUD – TAUSK

Paul Rozen, pesquisador americano, ao fazer investigação histórica sobre o movimento Psicanalítico em seus primórdios, se deparou perplexo com a estória de Tausk e seu desaparecimento da memória histórica da psicanálise. Nessas observações, destacou a relação de Tausk com a figura de Freud.

Entre Tausk e Freud havia fontes de tensão. Freud, como sempre, desejava transcender todos os limites anteriores de conhecimento. Achava, porém, que Tausk atacava os problemas antes da hora. O trabalho de Tausk irritava-o, em boa parte por causa de sua originalidade. A independência de Tausk era, até certo ponto, apenas fachada. O pior de tudo, do ponto de vista de Freud, era o fato de, por vezes, Tausk assumir como suas, preocupações dele, de maneira tão estranha, que parecia capaz de prover-lhe as formulações. Sentia-se pouco à vontade junto a Tausk, não somente por sua inteligência, mas também porque ousava utilizar esse talento, aplicando-o a problemas de importância fundamental para o próprio Freud. O receio era que Tausk lhe arrebatasse algumas ideias antes mesmo que acabasse de burilá-las. Porém, Tausk agarrava-se a Freud, em parte devido a sua própria falta de recursos emocionais não conquistados anteriormente.

Tausk participou da 1ª Guerra Mundial e, ao voltar, solicitou a Freud que o analisasse, seu grande sonho. Entretanto, sua presença incomodava Freud, que respondeu negativamente. Embora a recusa dificultasse mais o relacionamento entre ambos, Freud achou que conseguiria manter-se próximo a Tausk. Recomendou-lhe que se submetesse a uma análise com uma psiquiatra e psicanalista americana, cinco anos mais nova que Tausk, Helena Deustsch, que começara sua análise, recentemente. Ela estava sendo analisada há 3 meses por Freud, quando começou a tratar de Tausk. Freud discutia o caso com Helena Deustsch, explicando os motivos pelos quais, ele próprio, não se incumbia da

análise de Tausk. Medo de que tomasse uma de suas ideias e a desenvolvesse antes que o próprio Freud tivesse tempo de elaborá-la inteiramente.

Por outro lado, Tausk, nas sessões com Helena, falava exclusivamente de Freud. Ambos se queixavam mais ou menos do mesmo, e parte do interesse pela luta entre os dois residia na semelhança de suas personalidades. Cada um achava que o outro lhe estava arrebatando as ideias sem a devida autorização. Três meses depois, Freud interrompeu aquela situação incestuosa.

Ao ser rejeitado por Freud e, diante do fracasso da tentativa de ser analisado, procurou ligar sua vida a outra mulher, Hilda Loervi, concertista de piano, dezesseis anos mais jovem que ele, tentando pôr ordem a sua vida privada.

Para Tausk não bastava ser um discípulo de Freud, sua revolta contra Freud era porque sua criatividade teria sido frustrada. E agora, precisava descobrir do que seria capaz sem Freud.

O que precipitou o suicídio de Tausk foi a incapacidade de levar adiante o casamento com Hilde. A licença para o casamento deveria ser-lhe entregue na manhã seguinte, segundo Paul Rozen. Estava privado da convivência de Freud e sofrendo.

Na madrugada de 3 de julho de 1919, tomou a decisão de se matar. Escreveu um testamento pormenorizado, cartas para Hilde, e carta para Freud. Amarrou, em seguida, o cordão de uma cortina em torno do pescoço, aplicou o cano de sua pistola do exército, contra a têmpora direita, e puxou o gatilho. Além de explodir a cabeça, estrangulou-se ao cair. Freud escreveu o necrológico de Tausk: “Ninguém, poderia afastar-se da impressão de que ali estava um homem importante. Tausk tem garantida uma honrosa lembrança na história da Psicanálise e de suas primeiras lutas.”

Freud, na “Avaliação do Inconsciente” (volume XIV) utiliza as observações de Tausk das etapas iniciais da esquizofrenia, utilizando o exemplo de uma paciente cuja fala vai ficando comprometida, as frases se desorganizam e se tornam incompreensivas, fazendo referência a órgãos corporais. A paciente após briga com o namorado queixou-se que “seus olhos não estavam direitos, estavam tortos”. Atribuiu o fato ao namorado: era hipócrita, entortador de olhos, agora via o mundo com olhos diferentes. Freud concordou com Tausk, quando ressalta nesse exemplo que a relação da paciente com o órgão corporal (o olho) arrogou, a si, a representação de todo o conteúdo (dos pensamentos dela). Assim, a manifestação oral da esquizofrenia exhibe uma categoria hipocondríaca: tornou-se a “fala do órgão.”

## POR QUE A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE VICTOR TAUSK?

“Eu sou eu” é a expressão corretamente utilizada para o sentimento de identidade, noção controvertida no terreno filosófico, como na psicanálise. Na literatura psicanalítica, quem introduziu o termo identidade foi Tausk, em seu clássico trabalho sobre a origem do “aparelho de influência”. Nesse ensaio, Tausk estudou como a criança se desenvolve no conhecimento dos objetos e do seu self, afirmando que o homem em sua luta pela sobrevivência deve constantemente encontrar-se e experimentar-se a si mesmo de novo. Parece característica de sua própria vida: mudou de profissão, saiu do casamento em busca de outro, e saindo para a morte. A leitura da estrutura psíquica da psicose ficou imortalizada na obra: “Da gênese do aparelho de influenciar no curso da esquizofrenia,” verdadeira obra-prima da Psicanálise. Aparelho diferente de todos os outros aparelhos, pelo qual certo tipo de esquizofrenia diz ser perseguido, construído pelo delírio.

Tausk tirou conclusões sobre o aparelho de sua própria vivência e experiência. Levou em consideração os sintomas clínicos. Ele busca as origens e conclusões pela aparição dos fenômenos representados pela variação dos sintomas nas suas formas mais atípicas. O sujeito sem jogar para fora de si, e a partir de sentimentos de transformação que aparecem sobre o signo de estranheza, em vez de atribuí-los a sugestão de alguém ou influência telepática, desemboca na construção de um aparelho de influenciar. Partindo daí, estaríamos no ponto de admitir que o aparelho de influenciar é o ponto final da evolução dos sintomas, que têm início com simples sentimento de transformação percebido pelo indivíduo, nele mesmo. O acompanhamento de toda a construção é difícil, pelo aparecimento de sintomas secundários ou derivados. Os sentimentos de transformação são disfarçados por uma psicose ou neurose associada. Estes vêm em primeiro plano e os elementos da evolução do delírio de influência escapam ao observador, ou mesmo ao doente.

A máquina de influenciar é criada pela necessidade de causalidade natural do homem, como em outros casos, a mesma causalidade é responsável pela crença em perseguidores. São inúmeros os temas e desdobramentos suscitados pelo ensaio de Victor Tausk.

Outra contribuição de Tausk foi ao destacar o conceito de limites do ego em relação à psicose e que teve grande influência no pensamento psicanalítico posterior.

Então, concluindo, apenas pontuamos alguns temas na rica produção teórica de Tausk, na qual a elaboração de questões colocadas pela clínica psicanalítica

ocupou o centro de suas preocupações. Seus trabalhos se disseminaram em uma variedade de áreas. Além de suas explorações sobre as psicoses, Tausk contribuiu para a compreensão da Psicologia do Ego, a criatividade artística, as bases filosóficas da Psicanálise, e também para as relações entre o Direito e a Psiquiatria. Um só de seus trabalhos, a “máquina influenciadora”, foi suficiente para valer a Tausk uma situação pioneira na compreensão das ilusões esquizofrênicas.

Quanto à dívida da psicanálise com Tausk, podemos considerar: o psicanalista se torna mestre através das concepções teóricas cujas sociedades reclamam a submissão ao saber unitário. Isto determina a infantilização e a dívida simbólica permanente com o saber do Outro, o Mestre. Ocorre, assim, o assujeitamento ao pensamento dos outros, ignorando seus investimentos libidinais como afirma Chaim Katz e buscando a morte para se libertar.

Chaim levanta interrogando: “Foi este – quem sabe? - o destino final de Tausk, que se apreende no seu duplo suicídio...”

## REFERÊNCIAS

- [1] BIRMAN, J. (org.), KATZ, C. S, TAUSK, V. – *Tausk e o Aparelho de Influenciar na Psicose*. São Paulo: Escuta, 1990.
- [2] FREUD, S. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira, v. XIV, cap. VII – Avaliação do Inconsciente).
- [3] FREUD, S. *Victor Tausk*. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira, v. XVII, Breves Escritos. 1919).
- [4] GRINBERG, L e GRINBERG, R. *Identidad y cambio*. Buenos Aires: Ediciones Kargieman, 1971.
- [5] GROSSKURTH, P.O *Círculo secreto. O Círculo íntimo de Freud e a Política da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- [6] ROAZEN, P. *Irmão Animal a história de Freud e Tausk*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- [7] ROAZEN, P. *Freud e seus discípulos*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- [8] ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- [9] ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- [9] ROUDINESCO, E. e PLON, M., *Sigmund Freud – Na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

[notas]

- 1. Artigo Apresentado na Jornada Semestral da SPID 2018; IV Jornada Científica do Instituto de Psicanálise, Dinâmica de Grupo e Psicodrama / Juiz de Fora 2018.
- 2. Psicanalista titular SPID, Didata (Instituto Brasileiro de Psicanálise, Dinâmica de Grupo e Psicodrama, Juiz de Fora), mestre e doutora em Psicologia, UFRJ, ex-professora titular, coordenadora e supervisora de estágio, UNESA. E-mail: dirce.fc@terra.com.br

# I. ENCONTROS

## I.2 JORNADA SEMESTRAL

### **"O mortífero em análise: limites?"<sup>1</sup>**

*por* LEANDRO RAFAEL FERREIRA DOS SANTOS<sup>2</sup>

Pensar a questão do mortífero e sua articulação com os limites é algo que vem atravessando a minha prática de maneira profunda. Muitas interrogações que estão sendo levantadas pela minha clínica começaram a confluir na direção do que pude sintetizar com a ideia do título de minha comunicação. Ao me perceber sendo tomado por estas duas questões – mortífero e limites –, decidi sistematizar uma possível articulação entre elas, que pudesse me servir como motor de abertura e produção de novos sentidos.

Desta forma, a primeira questão que se impõe é a de circunscrever o que estou compreendendo como mortífero. Na sequência, tentarei contornar o que estou tratando aqui como limites. Ou seja, situar o campo de onde minhas interrogações estão partindo, para na sequência, poder refletir sobre possíveis articulações e saídas para os impasses com os quais venho esbarrando em minha prática.

#### O MORTÍFERO EM ANÁLISE: DO QUE SE TRATA?

O mortífero em psicanálise pode ser confrontado a partir de diversas direções. A literatura psicanalítica tem como referência situar esta questão a partir de algumas ideias-chaves. Podemos sinalizar, em especial: a pulsão de morte, a compulsão à repetição, o estranho/sinistro, a reação terapêutica negativa e a transferência negativa. Outras ideias, como a noção de desligamento, também são de grande importância na abordagem do tema, fazendo supor – em uma primeira leitura – que a noção de mortífero estaria circunscrita ao domínio conceitual/metapsicológico da pulsão de morte e aos fenômenos clínicos que orbitam ao redor deste domínio.

Entretanto, saindo um pouco desse registro, podemos encontrar em alguns autores – como o Jean Laplanche, por exemplo – a ideia de que o mortífero pode apresentar em sua base uma raiz nos domínios do campo do “sexual”. Isto quer dizer, portanto, que o mortífero não se encontra restrito apenas ao campo teórico da pulsão de morte e de seus derivados clínicos. Neste sentido, podemos apontar que para uma parcela da tradição analítica, o mortífero e a pulsão de morte não coincidem em absoluto. Para esta parcela de analistas, o sexual também pode apresentar uma face mortífera, demoníaca.

Sinalizo que minha clínica me obriga a estar alinhado a esta segunda perspectiva, que interpreta o mortífero de modo menos restrito ao campo da pulsão de morte, sem, no entanto, negligenciar o seu co-protagonismo. Apostar na hipótese de que o pulsional se apresenta na clínica sempre de modo intrincado (Eros e Tânatos em alguma medida amalgamados) é por onde pretendo situar meu entendimento desta questão.

O que tenho observado é que o mortífero se apresenta na clínica como algo que nos remete a um certo vazio existencial que muitas vezes se exprime por um vazio glacial e/ou desértico da vida psíquica. A forma como este fenômeno se atualiza nos coloca diante de situações onde a palavra falha. O que entra em cena é algo de outra natureza, próximo de uma sensação de estranheza, onde o corpo assume a cena em sua face mais estranha e sinistra.

Com isso, podemos pensar que algo se introduz na análise em um registro outro, permanecendo ali como uma espécie de estrangeiro radical. Esta imagem de um estrangeiro radical – retirada das considerações de Marta Rezende Cardoso – nos serve de modo muito interessante, na medida em que, a partir dela, podemos pensar em um elemento que se encontra dentro dos limites geográficos de um dado espaço, sem, no entanto, conseguir se comunicar com os habitantes locais. E isso por dois motivos: primeiro, por não haver um domínio que permita uma tradução e/ou entendimento do idioma local. Segundo, por não conter a autorização – visto de entrada e permanência – para a estadia no referido espaço, ficando, por assim dizer, desconectado. Instala-se uma situação paradoxal, pois, mesmo sem consentimento e condições de permanecer no espaço o estrangeiro permanece lá.

Trazendo esta metáfora para um entendimento analítico, podemos recordar as interessantes questões levantadas por Freud na carta de número 52 enviada à Fliess. Nesta carta, Freud apresenta algumas ideias a respeito do problema da recepção de estímulos e da construção da memória no aparelho psíquico. Da problematização que Freud levanta nesta carta, destaco aquela que melhor ajuda na sustentação da metáfora do estrangeiro radical. A presença de elementos que

ingressam no psiquismo, que permanecem sem conseguir realizar a vinculação que os permitiriam ingressar no sistema de memória seriam os *fueros*. Por um lado, os *fueros* fazem parte do conjunto dos elementos que integram o psiquismo – ou seja, estão dentro, no registro de índice perceptivo – por outro, permanecem desvinculados sem conseguir realizar um trabalho de tradução que os faça integrar o registro dos traços de memória. Permanecendo, portanto, dentro e fora ao mesmo tempo.

É curioso notar que Freud não sinaliza a natureza desses *fueros* na carta. Só podemos supor que eles se encontram em um registro muito aquém do recalcado, exatamente por não ter conseguido ingressar no esquema tradutivo que os fizessem avançar como traço de memória. Parece que o que trato aqui como mortífero pode apresentar uma articulação com a ideia que Freud levantou sobre os *fueros*.

Com isso, podemos nos perguntar: como analisar esse mortífero, que nos remete ao desligado, ao estranho/sinistro e aos *fueros*? Como analisar aquilo que não se deixa encaixar no registro dos traços mnêmicos, condição para se construir a representação e a fala? Como trabalhar com o que muitas vezes se apresenta como algo estrangeiro – não só no analisando, como também no analista? Como abordar o desligamento que impede a vinculação necessária para que o trabalho analítico funcione? É com isso em vista que preciso me remeter a outra ideia de minha comunicação, a saber, a noção de limite. Como transformar o encontro com o mortífero em algo além de um ponto de chegada, de estagnação analítica, um limite, portanto. Como transformar esse limite em ponto de partida?

#### LIMITES?

No que se refere à questão dos limites, esta noção também pode ser abordada por diferentes entradas no campo psicanalítico. Podemos pensar nos limites da teoria, nos limites da nosografia/estrutura, nos limites de nossos analisandos, nos limites do analista e de sua escuta e nos limites do analisável na própria análise. Mesmo que se privilegie um desses itens, apostamos que todos eles têm como ponto comum uma espécie de emperramento do processo analítico.

É interessante sublinhar que são os analisandos que se encontram às margens das categorias clássicas da estrutura neurose, psicose e perversão que nos prestam os melhores auxílios para se pensar nesta questão. Não é à toa que uma parcela significativa dos analistas contemporâneos trabalha com a ideia de “estados limites” e “casos limites”, na medida em que levantam uma frutífera tentativa de dar conta desses fenômenos clínicos que permanecem de certo modo “estrangeiros” para a psicanálise clássica. Para além de uma discussão de

estruturas, que não me interessa muito destacar aqui, é importante sinalizar que o limite – em meu entendimento – não deve ser tomado como um processo de estagnação da análise.

Além disso, não tomarei a noção de limite como sinônimo de resistência, tal como a clínica psicanalítica nos informa. Uma vez que acredito que a resistência – como a tradição lacaniana muito bem nos sinaliza – de fato se encontra prioritariamente do lado do analista. Entretanto, a meu ver, os limites nem sempre. Acredito que os limites podem estar presentes em todas as variáveis do processo que permitem uma análise avançar. Podendo ser apresentados pelo analisando, pelo analista e pela própria análise.

No que se refere aos limites do analisando, acredito que a dificuldade em fazer uma análise seguir está referida a uma matriz subjetiva que comporta em sua construção a marca de uma prevalência do que acima sinalizamos como *fueros*. Ou seja, a dificuldade em traduzir em linguagem verbal os elementos que permaneceram no registro do índice perceptivo. Não se trata, como poderia sugerir a clínica com as neuroses, da tradução do sistema inconsciente recalcado. Tenho a sensação de estar situado nos limites de vinculação e ligação pela via representacional.

Com relação aos limites do analista, a experiência clínica nos mostra que uma parcela deles se refere ao próprio processo de análise do analista. O que talvez seja interessante sublinhar é o limite da escuta do analista. Devemos levar em consideração – no próprio processo de formação – a possibilidade de o analista também se encontrar sem recursos para seguir com determinada análise. Até que ponto um analista pode suportar ouvir seu analisando para dar continuidade à análise?

Esta situação nos impõe uma questão ética fundamental, pois toca no ponto central da formação de um analista: qual o seu limite para se emprestar como “agente vinculador” ao seu analisando.

Tenho a intuição que o limite – tal como estou tentando pensar aqui – seja qual for o viés que ele seja abordado, esbarra no que faz fronteira com o que nos constitui como humano: o desamparo fundamental. Este desamparo estaria em referência a uma situação onde o sujeito se encontra sem a posse das ferramentas que lhe permitiria traduzir e vincular o que lhe chega do mundo. Neste sentido o limite estaria referido exatamente à possibilidade de ligar aquilo que está desligado, de traduzir o que está intraduzível, de transformar o estrangeiro radical em emigrante legal, de transformar o *fueros*, enquanto índice perceptível, em traço de memória.

Com isso, penso que abordar o limite como referido ao desamparo é tocar naquilo que de algum modo pode não ser passível de ser decomposto, por justamente não ter tido uma oportunidade de ter sido composto. Como quebrar algo que já se apresenta “quebrado”? Como desmontar o que nunca foi montado?

Com isso, podemos colocar em questão a noção de que a análise estaria a serviço da quebra de algumas certezas fantasmáticas com as quais os analisandos nos chegam. Poderíamos pensar que a própria ideia de mortífero e dos fenômenos clínicos que advém dele estaria inserida na lógica da fantasia de estar quebrado? Da fantasia de um corpo despedaçado? Como se o impasse fosse em si uma fantasia de impossível? Minha clínica sugere que essas situações não se encontram circunscritas no reino da representação e da fantasia. Especialmente pelas singulares exigências contratransferenciais que estas situações suscitam. Ainda estou com o ouvido voltado para a clínica para ver como ela pode responder a estas indagações.

#### À GUIA DA CONCLUSÃO: HORIZONTES POSSÍVEIS

Como então fazer a análise avançar diante desse mortífero que impõe limites? Aceitar esse limite como um processo estagnador não me parece ser o caminho que a ética da análise impõe. É preciso construir vias para seguir. Mas como pensar uma quebra de um muro aparentemente intransponível? Como avançar diante de um pulsional que muitas vezes se coloca como irredutível? Como quebrar aquilo que não se permite deslocar para outro desfecho que não a destruição dos vínculos?

Levanto uma crítica a certo tipo de clínica que tem como objetivo querer contornar este limite com a tentativa de transformar o não representável em representável. Será que não estaríamos, com esse projeto, categorizando alguns casos em uma lógica deficitária, onde o projeto analítico estaria a serviço de uma espécie de “neurotização” ideal?

Em minha perspectiva, esse horizonte estaria a serviço de uma espécie de recusa do acolhimento de um limite. Uma espécie de desmentido do próprio limite do que se situa para além do representável. Será que esta posição não estaria no campo de uma imposição analítica prévia ao sujeito?

Porém, a questão insiste: como fazer a clínica do limite sem cair na armadilha de tomar a “neurotização” como o ponto de chegada? Pensar na possibilidade de abordar o limite e transformá-lo em algo que produza movimento é o grande desafio de muitos analistas contemporâneos. Resgatar a polissemia dos sentidos

parece ser o grande desafio. Resgatar o sentido mais próximo de registro corporal, quase perceptivo, poderá ser uma via para se pensar outros tipos de traduções, de ligações, ao que ficou ‘desligado’.

Assim, como pensar uma clínica que acolha e resgate a polissemia da palavra sentido e que não recuse reconhecer aquilo que nos é estranho na sua radicalidade? As ideias de construção e criação aparecem como um horizonte que podem vir em nosso auxílio. E neste sentido, tenho a intuição que o modelo da sublimação pode vir a funcionar como uma valiosíssima ferramenta. Especialmente por ser ele também um dos destinos possíveis da pulsão.

Obviamente não se trata de tomar esse modelo como um meio de transformação que se dê no sentido de transformar nossos analisandos em artistas. Não se trata disso, em absoluto. E por dois motivos: primeiro, porque uma parcela muito pequena de pessoas tem essa disponibilidade artística para tal empreitada. Segundo, porque um tal projeto com esta envergadura colocaria um limite ao próprio processo analítico. Uma vez que, em sendo assim, a análise estaria presa a um destino preestabelecido de chegada. E não há nada mais anti-analítico do que isso.

Penso que podemos fazer uso do modelo sublimatório na medida em que estamos diante de um mecanismo em que o que está em jogo é a possibilidade de dessexualizar o sexual. Essa ideia pode funcionar como um utensílio analítico na medida em possa funcionar como inspiração para se pensar em um modo de “desmortificar” o mortífero. E com isso contornar um limite possibilitando uma transformação do mortífero em motor de análise. Produzindo sentidos – em sua expressão ampla e polissêmica – em arranjos únicos e singulares. Pensar o modelo sublimatório como plataforma para se fazer do limite o impulso para transformação criativa é um grande desafio. *Acho que vale a aposta!*

[notas]

1. Trabalho apresentado na Jornada Semestral da SPID em 2018.

2. Psicanalista; membro associado SPID, doutorando em Teoria Psicanalítica, UFRJ; mestre em Teoria Psicanalítica, UFRJ; Psicólogo da Secretaria de Assistência Social, professor de Psicologia, Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC e da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos de Magé, RJ. E-mail: [leandrorfs@uol.com.br](mailto:leandrorfs@uol.com.br)

# I. ENCONTROS

## I.2 JORNADA SEMESTRAL

### “A arte da psicanálise”<sup>1</sup>

por LUIZA CARDOZO<sup>2</sup>

Há sempre um algo mais que nos escapa; à compreensão e à satisfação. Mas a busca segue. A psicanálise, a arte, a arte da psicanálise e a sublimação são guias possíveis. O desamparo é a condição necessária para que os espaços vazios sejam preenchidos com novas construções. É na falta de respostas que podemos inventar algo novo; podemos nos desprender do saber cristalizado que vem do Outro. Produzimos metáfora para que seja possível encararmos aquilo que é não simbolizável, aquilo que vem do Real e nos deixa capturados pela sensação de estranhamento e vazio. A metáfora do incompleto nos transborda; percorre a poesia ou encarna a tinta no pincel que se transforma em pintura.

Tudo na obra de arte é um curativo do vazio [...]. Não o vazio enquanto espaço entre as coisas [...], mas como ausência mesmo daquilo que o quadro oferece como simulacro. [...] Todo curativo esconde ao mesmo tempo que trata, e substitui sua aparência perceptível a não aparência do ferimento [...]. A pintura remete, então, para outra coisa que ela mesma [...]. (PASSERON, 2001 apud TESSLER, 2002, p. 73).

Neste sentido, frente à condição do sujeito diante daquilo que sobra e que falta, este empreendimento se inicia, com alguns questionamentos: qual a relação da psicanálise com o campo da arte e quais são os compromissos e contribuições que assumiria, acompanhada dos demais saberes, em relação à teoria da criatividade? Mais ainda, e principalmente: a psicanálise produz em seu campo uma experiência equivalente à criação artística?

Começamos nossa investigação dialogando com algumas questões articuladas por Joel Birman, em *Fantasiando sobre a sublime ação* (2002):

O que significa a criação em psicanálise? [...] o que se quer dizer quando se afirma que existe 'em' psicanálise algo da ordem da criação? [...] O discurso psicanalítico poderia contribuir [...] para a produção de uma teoria da criatividade, ao lado de outros saberes [...]. Vale dizer, o que a psicanálise tem a propor aqui é uma leitura da subjetividade criadora que pressuponho ser a condição de possibilidade da experiência artística de criação. Com efeito, não pode existir experiência de criação sem que disso participe uma subjetividade criadora, como sendo ao mesmo tempo seu agente e seu agenciador.” (BIRMAN, 2002, p. 89/96).

Há 45.000 anos atrás, o homem primitivo inventou a arte. Em condições terríveis, na luta pela sua sobrevivência, este homem passou a desenvolver uma atividade puramente abstrata, se transformando em ser psíquico; sonhando, fantasiando e nascendo artista. Alcançando, desta maneira, um caminho para o excesso das suas emoções (PERSICANO, 2002, p. 192). A psicanálise promove em sua experiência um processo criativo, que vem dar conta deste excesso de emoções; da intensidade pulsional, daquilo que não cessa em se inscrever.

Tudo isso nos indica que a criatividade é a finalidade da experiência analítica [...]. Pela mediação dessa pretende-se, pois, que o psiquismo possa funcionar de maneira criativa, restaurando a potência conflitiva dos opostos, para que estes então forneçam a matéria prima para as suas produções. (BIRMAN, 2002, p. 93-94).

A psicanálise, desde seus primórdios, se deixou ser afetada pela ciência e pela arte, dois campos epistemológicos diferentes e legítimos, cada qual englobando as suas especificidades. Freud era médico neurologista e inventou a psicanálise na tentativa de explicar cientificamente a mente humana; a partir do Projeto e com a estruturação da sua Metapsicologia, buscou uma fundamentação científica para a sua nova criação. Mas o interesse de Freud pela literatura e pelas artes em geral fez com que a psicanálise ousasse trilhar um caminho que a libertaria da tutela médica; Leonardo da Vinci, Michelangelo, Shakespeare, Goethe e tantos outros serviram de inspiração para a pesquisa e o modelo das narrativas freudianas (CHAVES, 2015). A literatura sempre esteve presente nas produções e interesses de Freud, mesmo quando não diretamente desenvolvida em sua obra; os relatos de seus casos clínicos se apresentam com as mesmas condições narrativas de um romance. Nos encontros que aconteciam na “Sociedade psicológica das quartas feiras”, as exposições e discussões que promovia exploravam a aplicação da psicanálise no campo literário, artístico, mitológico e histórico (LAPLANCHE, 1996). Nos dias atuais, a íntima e encantadora relação entre a psicanálise e as artes

torna cada vez mais comum os empréstimos da teoria psicanalítica para a concepção das histórias e personagens da literatura e filmografia contemporânea. Em análise, o encontro entre analista e analisando cria um "terceiro" e deixa uma marca. Ambos serão expectadores daquilo que se revela nesta marca, do rastro que transfigura e pulsa. As produções subjetivas que se desdobram do encontro analítico configuram um acontecimento de ordem criativa e seguem características muito semelhantes às das experiências de criação do campo da arte. Promovem o surgimento e a construção de um material inédito; um devir de enunciação, desejo e simbolização. Neste sentido, podemos contemplar um campo transferencial que se desdobra para além da repetição/atualização, na relação analítica, dos desejos inconscientes e dos vínculos afetivos objetivos. Entre os diversos efeitos da análise, tais como a interpretação, as construções e elaborações, há um acontecimento, vivido pelo par analítico, que se configura pelo mesmo princípio de elevação estética dotado pelos criadores e artistas; um fenômeno da ordem da sublimação. O circuito pulsional que percorre as vias criativas interrompe com as fixações objetivos e rompe limites. Para além do que há de mais característico nos campos do saber e da ciência – a completude como traço principal, que mobiliza o sistema pulsional do sujeito através de enquadres consolidados e contornos pré-estabelecidos - o campo da arte e a arte da sublimação inauguram no sujeito uma nova modalidade de discurso, irrompendo uma experiência de renascimento, ressignificação e transformação (BIRMAN, 2002).

A arte se constitui como uma prática de decifração, de produção de sentido. Há tantas artes quanto existem artistas. E assim também é com a psicanálise. A psicanálise é a arte da experiência de si, onde o sujeito se experimenta e se transforma; se reinventa. Fazer análise é suggestionar-se, sujeiTORNAR-SE; poder ser sua própria invenção através da investigação de si mesmo. Nesta estética clínica não há projeto pré-determinado; o resultado está no simples fazer. "A psicanálise foi se transformando bastante ao longo dos anos pós freudianos [...] ... ele [FREUD] é [...] nosso referencial eterno..., mas, esperemos, não um oráculo impedidor de criação" (BAND, 1993, p. 5). A cada encontro, o par reinventa sua própria forma e seus meios. A análise tem por objetivo buscar, e não apenas encontrar (BAND, 1993); a jornada desperta sensação semelhante a que vivenciamos quando encaramos os mistérios da experiência artística; quando estamos de frente com o enigma do autor, da obra e de nós mesmos.

A experiência de si, do outro (visto que falamos de analista e analisando vivenciando tal acontecimento) e do terceiro analítico faz surgir um novo formato; uma aposta, numa clínica que segue as vias e artimanhas da arte e da improvisação (COUTINHO, 2017). Improvisar não é agir com espontaneidade; a improvisação não faz valer a concepção idealizada do "criar-se algo

completamente novo”, “do zero”, que surge “do nada”, autogerido; algo da ordem do impossível. Improvisar é procurar alguma coisa dentro de si, é recriar com aquilo que já se tem e frente àquilo que não se sabe. É entrelaçar o conhecido com o desconhecido. A arte do improvisado é ainda mais bem aproveitada pelo sujeito com expertise da técnica que fundamenta sua prática; sem os elementos estruturais a criação pode “perder o compasso”; descontrola e desatina. Deste modo, improvisar, seja na música, no canto, no teatro ou na dança, é se apropriar da habilidade que já se tem para criar e interpretar algo inédito. Pode-se experimentar uma alternância no ritmo, na melodia, fazer escapar uma fala ou se lançar num movimento inesperado.

Em análise, improvisar é criar algo a partir de uma mistura; daquilo que se oferece e se recebe; produto este que não pertence mais apenas ao analista ou ao analisando; é um novo patrimônio, herdado por ambos.

Quando não há objeto que se pronuncie para atender à demanda pulsional, há de se criar uma linguagem que dê conta de novos signos e mantenha a cadeia significante deslizando. A livre improvisação vem dar conta disso, do irrepresentável. Em cada pausa, em cada encontro com o não saber; quando o que se tem não serve, cria-se um novo elo; surge o experimentar de um som, se ensaia o cantarolar de uma música; analista e analisando inventam uma história, uma nova fábula do sujeito. Rascunham e preenchem os espaços em aberto, quebrando o padrão monótono da fala e da corrente. O desafio da psicanálise seria, então, se lançar num jogo com recursos ilimitados, sem uma maneira única de jogar; os jogadores é que deverão criar suas regras e seu mundo; analista e analisando, pelas garantias e mapeamentos da sua relação transferencial, irão decidir os próximos passos. Alguns recortes clínicos nos embaralham pelas rodadas desta experiência, onde a criação é uma aposta e composição de dupla autoria; torna-se propriedade compartilhada:

L.: *“A linguagem nos habita. Ocupa um baita tamanho. Precisamos falar para escoar esse barulho de dentro da gente.”*

C.: *“Gosto do u e do i e de uma luz alaranjada.”*

L.: *“Não cabe mais, quando está pronto. Sobe a garganta. Mas entala. Não há lugar possível, ainda, do lado de fora.”*

L.: *“É como se o caos interno cessasse, por alguns; e elas se dão as mãos, as emoções. Fazem isso porque algo que faz sentido foi encontrado. E todo o pensamento faz silêncio, para saber mais daquilo que surgiu no breve momento...”*

R.: *“Na sua análise, R. fazia piada de si. Logo ele, que na escola era um bichinho acuado; ansioso e capturado pelo olhar de censura do Outro. Fazia um ‘Stand Up Comedy’ de si próprio nas sessões; costumava a alterar a voz e fazer caretas para rechaçar suas dificuldades. Me divertia. Um belo dia, mudou de escola, começou a namorar e virou dublador.”*

L.: “*Eu sinto a gota de emoção na boca, no que chego perto de saber de mim. Quase encosto no seu jeito; nisso que não tem forma e nem nome, mas que deliro sentir o gosto.*”

L.: “*Chorar é minha boa ação!*”

P.: “*Levanta da cadeira e vira tenista. Torce o corpo e me sinto fascinada pelo seu gesto em câmera lenta! Senta-se novamente, e eis que então viramos cantores, ao que ouvimos o som baixo da música que vem da sala de espera. P. me convida a cantarolar Aladim; acabara de assistir ao filme no cinema:*

“*Olha eu vou lhe mostrar, como é belo este mundo!*” P. em geral se queixa sobre seus colegas não ouvirem quando ele os chama. “*Parece que me ignoram*”. Diz que se sente sem voz, invisível. Mas conseguiu me fazer voar e cantar junto a ele, no tapete mágico...”

B.: “*- Não sei, eu estou assim, meio, ' não sei'. É muito diferente, não sei.*

— *Mas é ruim ou é bom?*

— *É bom.*

— *Então por que este não sei tão encolhido, receoso? Quem sabe um não sei que nem o de um bebê que, mal nasceu, deitado no berço, já assiste à vida, tomado pelo não saber, mas curioso e encantado com aquilo que enxerga pela primeira vez?*”

J.: “*Eu sinto que não existo, para além do meu corpo. Sinto que não há motivos para eu continuar*”. Na primeira sessão, J. me conta que gosta muito de escrever e que escreve para o seu falecido avô. Leio, então, com ela, uma passagem de Clarice Lispector, que se encontra no livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1998): “*... uma das coisas que aprendi é que se deve viver APESAR DE. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. “Até hoje, por herança desta leitura, J. me diz que é o ‘APESAR DE’ que a faz seguir sua busca e investir em sua vida.*”

Afinal; a psicanálise, aberta à criatividade e impactada pelas tantas formas de subjetivação e linguagem, arrasta consigo e traz para dentro da cena uma intenção artística, em determinados campos transferenciais? Compreendemos que não há produção psíquica ou alargamento da potencialidade da subjetividade sem um defrontar-se com os componentes da criação artística - palavras, imagens, movimentos, sons – já que é próprio, da subjetividade, a criatividade como característica. À psicanálise, cabe sua contribuição em permitir a abertura necessária para que as condições artísticas do sujeito se apresentem; permitindo ao sujeito responder a esse esbarrão e encontrar um lugar possível para si neste campo. Circula no *disse-me-disse* do meio psicanalítico que Renato Russo levava seu violão para análise de maneira a não ficar capturado, durante a sessão, apenas pelas possibilidades provocadas pelo campo da fala. E que Vinicius de Moraes não queria fazer análise, pois preferia fazer poesia. (CAMPOS, 2017, comunicação verbal). “Se, pelo menos, pudéssemos encontrar em nós mesmos, ou entre nossos próximos, uma atividade de algum modo semelhante à do poeta! (FREUD, 2015, p. 53). Todavia, diriam os poetas, a nós, sujeitos comuns, que”...

em cada um existe um poeta escondido e que o último poeta deverá morrer junto com o último homem.” (IDEM, p. 53-54).

O que assumimos como aspiração e buscamos experimentar não é o exercício da psicanálise transmutado em atividade artística, mas sim o alcance máximo do terceiro analítico; a criatividade, o olhar poético, a contação de história, a contração facial, a construção de um verso, outro tom de voz; o espetáculo. “Algo da ordem de um prazer estético, que nos provoca um prazer preliminar e liberta as tensões da nossa psiquê.” (FREUD, 2015, p. 64). Um aumento de perímetro e não de densidade (FERENCZI apud AVELAR, 2018, comunicação verbal). O que é diferente da identificação com outro campo do saber ou com sua introjeção. O que vale à psicanálise é estender sua cobertura, prolongando sua busca e disponibilidade, a cada vivência ligada a Eros, a cada experiência de vinculação; no encontro, entre analista e analisando: os criadores da Arte da Psicanálise.

## REFERÊNCIAS

- [1] BAND, Ary. *O sentido da busca*. Cadernos do SPA: Uma prática em debate. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia PUC/RJ, 1993.
- [2] BIRMAN, Joel. *Fantasiando sobre a sublime ação*. In: BARTUCCI, Giovanna et al. (1962). *Psicanálise, arte e estéticas da subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- [3] CAMPOS, Bruno. *Supervisão clínica*. Rio de Janeiro: SPID, 2017. (Comunicação oral).
- [4] COUTINHO JORGE, Marco Antônio. *Fundamentos da psicanálise – de Freud a Lacan, v. 1: As bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- [5] FERENCZI, Sándor apud AVELAR, André. *Diálogos da prática clínica*. Seminário apresentado na SPID-RJ. Rio de Janeiro: SPID, 2018. (Comunicação oral).
- [6] FREUD, Sigmund (1939[1856]). *Arte, literatura e os artistas*. Tradução Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- [7] LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- [8] LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- [9] PERSICANO, Maria Luiza Scrosoppi. *Criatividade e subjetivação: do cérebro à arte na criação do humano*. In: BARTUCCI, Giovanna et al. (1962). *Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- [10] TESSLER, Elida. *Tudo é figura ou faz figura*. In: BARTUCCI, Giovanna et al. (1962). *Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

[notas]

1. Trabalho apresentado na Jornada Semestral da SPID- 2018/1.

2. Psicóloga, Universidade Santa Úrsula (Rio de Janeiro); neuropsicóloga, Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, membro associada SPID.

# I. ENCONTROS

## I.2 JORNADA SEMESTRAL

### A psicossomática psicanalítica<sup>1</sup>

por SOLANGE BLUVOL<sup>2</sup>

*“Quando o sofrimento não consegue se expressar pelo pranto, ele faz chorar outros órgãos”.*  
— frase de Henry Maudsley, citada por Joyce McDougall no livro *Teatros do Corpo*.

A pergunta que Joyce McDougall faz é “como o corpo bio-lógico se torna o corpo psico-lógico?”

Desde a antiguidade, o ser humano vem se perguntando sobre o destino do seu sofrimento. O adoecer era considerado uma manifestação de forças sobrenaturais, sendo a cura buscada em rituais religiosos. Hipócrates, por volta de 460 A.C., criou uma medicina naturalista que ressaltava a importância da observação clínica e da anamnese. O objetivo da terapêutica era restaurar a unidade do todo orgânico ameaçado pela doença considerando não apenas os sintomas, mas também a natureza do doente.

Em 1818, o psiquiatra alemão J.C. Heinroth (1773-1843) criou a expressão psicossomática referente à influência das paixões sobre a tuberculose, a epilepsia e o câncer. Ressaltava a importância da integração dos aspectos físicos e anímicos do adoecer. Dez anos mais tarde, criou o termo somatopsíquico, explorando as modificações dos estados psíquicos a partir do fator corporal.

A psicossomática tem ocupado um lugar de interesse crescente e observa-se que há uma diversidade de enfoques neste campo. A partir da psicanálise, podemos traçar um percurso desde Freud até as nossas orientações em psicossomáticas dos dias atuais.

Em leituras da obra freudiana, não foi encontrada a palavra psicossomática. As correntes modernas foram oriundas do movimento psicanalítico. No início do século XX, Freud edifica uma ruptura epistemológica que libera a corporeidade

humana. Com seus trabalhos sobre histeria, em 1895, assinala a relevância dos aspectos psíquicos em algumas manifestações somáticas e introduz o relacional na corporeidade que o torna imediatamente estrutura simbólica. Em seus primeiros trabalhos, o corpo somático se fez presente. A representação do sintoma corporal transcende a norma anatômica.

Freud pôde escutar o que o corpo de suas pacientes histéricas que apresentavam sintomas conversivos lhe dizia a respeito de sua história e de sua sexualidade, naquela época.

Ele volta sua atenção para as “psiconeuroses de defesa” (1894) e estuda o que chama de “neuroses atuais” (1898). A histeria se configura por sintomas conversivos. Já os sintomas somáticos da neurose atual, conforme notou, além de não remeterem à história do sujeito, não eram frutos de mediação simbólica. Na formação deste, haveria uma derivação direta da excitação sexual que não pôde ser elaborada psiquicamente e encontra seu caminho pela via somática.

Muitos autores da psicossomática consideram as formulações de Freud acerca das neuroses atuais como importantes subsídios para se compreender fenômenos psicossomáticos.

Com o estudo aprofundado das psiconeuroses, Freud foi deixando em segundo plano os sintomas que não possuíam mediação simbólica. O que se verificou no decorrer dos estudos foi o abandono progressivo devido à ênfase que se deu sobre o papel do recalque e da sexualidade infantil na constituição do campo psicanalítico.

Quando o corpo erógeno, esse conceito genial descoberto a partir da histeria, ganhou a cena como local em que processava os sintomas psiconeuróticos, o corpo somático declina de importância e são deixados de lado.

Georg Groddeck, em 1920, contemporâneo de Freud, torna-se membro da Associação Psicanalítica de Berlim, ao afirmar que as doenças orgânicas podiam ser tratadas com a psicanálise. Acreditava que não se podia dividir as doenças psíquicas e orgânicas, pois o corpo e a alma adoeciam simultaneamente. Segundo Groddeck, tanto o orgânico quanto o psíquico seriam duas formas de uma mesma fonte: “O Isso”. Insistiu no aspecto criativo “Do Isso”, absolutamente arraigado no orgânico. “O Isso” vive o homem. É a força que o faz agir, pensar, crescer, sentir-se bem ou doente. Em uma palavra: O que o Vive. O sintoma tem um sentido: é uma linguagem.

Para Groddeck, a doença é uma manifestação de vida do organismo humano e não o inimigo a se combater. Não se deve tentar curá-la. A busca do seu significado é que é considerada essencial.

Na década de 1930, surge a primeira Escola de Psicossomática em Chicago, fundada por Franz Alexander. Ele busca relacionar conflitos emocionais específicos. Estruturas de personalidade são definidas por sete doenças psicossomáticas, por excelência, “os sete de Chicago”: asma brônquica, artrite reumatoide, úlcera gástrica, reto colite ulcerativa, neurodermatoses, tireotoxicose e hipertensão essencial.

Em 1960, Pierre Marty funda a Escola Psicossomática de Paris – IPSO. Critica Alexander, pois o modelo dele continuava a ser dualista por não explicar os laços orgânicos que faziam do homem um ser psicossomático. Questiona os modelos da histeria e da neurose para pensar a patologia somática. Relaciona as doenças com a ausência de representação mental e a ausência de palavras para expressar o emocional.

Pierre Marty, então, cria os conceitos: de mentalização boa e má, de depressão essencial, de pensamento operatório e de vida operatória. Para ele, a mente, em certas condições, pode não assimilar um traumatismo e, neste caso, haverá uma sobrecarga sobre o soma que resultará em uma somatização. O trabalho de luto evita uma somatização. É uma forma de assimilar o trauma. A mentalização é a capacidade de assimilação mental de um indivíduo em determinado momento.

Nas boas mentalizações, o traumatismo, se não muito intenso, se espraia através de conexões mentais, o que dilui seu impacto.

Na má mentalização, os indivíduos são impulsivos com emotividade primária intensa e as representações mentais são inadequadas para correlacionar, comparar, ponderar e distribuir as cargas afetivas. Ocorre ausência de vida onírica, o que ele chama de sonho cru, onde as pulsões eróticas e agressivas manifestam-se diretamente sem distorções.

Na desmentalização, o indivíduo perde a capacidade de elaborar, processar, ligar a sobrecarga de estímulo mental, sobrevivendo uma desorganização progressiva. O indivíduo desmentaliza seu funcionamento mental rico, deixa de existir, os sonhos desaparecem ou perdem a complexidade. Ocorre a depressão essencial. A depressão essencial é uma pura perda de investimento narcísico em si próprio e objetal no outro. Uma queda de tônus vital para tudo, desde as alegrias até os sentimentos trágicos. Diferente das depressões, que, além dos desinvestimentos, possui sentimento de culpa, inferioridade, sentimento de falta de alguém. A

depressão essencial se caracteriza pela ausência de sintomas depressivos. Não há tristeza, nem autoacusações, nem culpa, nem nada. O estado considerado por alguns como corrente autodestrutiva da pulsão de morte.

Outra autora importante que trazemos é Joyce McDougall, psicanalista, neozelandesa, radicada na França. Ela considera a somatização como uma das respostas psíquicas mais comuns que o ser humano é capaz de sentir. Escreveu que a expressão somática é uma tentativa de se proteger contra sensações primitivas de perigo e ameaça de morte, bem como de comunicar esta angústia que não pode ser simbolizada nem pensada. Essa explosão no corpo tem uma função de ato de descarga por carência na elaboração psíquica e falha na simbolização que são compensados pelo ato sintoma para reduzir a dor psíquica. O termo desafetação fala do processo de retirada do afeto, emoção da coisa concreta, perdendo, assim, a capacidade de integrar o evento ao funcionamento psíquico.

Muitas vezes, tendem a ejetar (termo utilizado por Joyce) os afetos do próprio aparelho mental. Como consequência, tendem a ser reduzidos a sua pura expressão somática, o que pode promover uma cisão entre o corpo anatômico e o corpo erógeno, resultando na somatização dos afetos. A desafetação é o rompimento do indivíduo dos seus próprios sentimentos.

*“Os sintomas psicossomáticos constituem uma forma primitiva de comunicação, uma linguagem decodificada primeiramente pela mãe. Deste modo, quando as comunicações do corpo e suas mensagens afetivas são retidas ou cortadas do registro psíquico, a vulnerabilidade psicossomática ficaria aumentada.”* (Joyce McDougall)

Algumas correntes mais contemporâneas pensam os fenômenos psicossomáticos como uma quebra na linha de continuidade de existir, algo que se passou nos primórdios de sua existência. O mundo vivenciado pelo bebê é primariamente o mundo de afetos de vitalidade antes de ser um mundo de atos e formas. Qualidades de sensações estão envolvidas com todos os processos da vida tais como: respirar, ficar com fome, eliminar, adormecer ou acordar.

Françoise Dolto, pediatra e psicanalista francesa (1908-1988), nos diz que um bebê se alimenta de palavras, mas estas têm que ser direcionadas às necessidades dele e banhadas de afeto.

Os estudos de Freud (1923) nos apontam para a necessidade de uma construção de um ego corporal. Ele postulou que os bebês estão protegidos do excesso de estimulação por uma combinação de uma intervenção dos pais e uma barreira quase física, a “Barreira de estímulos” (Freud, 1920). Considerava-se que essa

barreira impedia que a estimulação do mundo externo perturbasse a homeostase da criança. Segundo Daniel Stern, nos primeiros dois meses de idade, o bebê está ativamente formando o senso de um eu emergente e que permanecerá ativo pelo resto da vida. Stern nos fala que começando no nascimento, os bebês estão regularmente em um estado chamado “imaturidade alerta”, quando ficam fisicamente tranquilos, alertas e aparentemente absorvendo eventos externos: pode durar vários minutos, algumas vezes, mais tempo, e acontece regularmente durante a vigília.

A necessidade de um ego corporal na constituição deste ser tem como um dos fatores o entreolhar entre mãe e bebê. E esse olhar precisa dobrar, ser envolvente e penetrante sem ser perfurante. O movimento de vai e vem é fundamental também para a estrutura psíquica, e a garantia de um ritmo entre boca e peito (aleitamento). Esse contato rítmico e afetivo do toque vai garantir uma continuidade do ser.

Pensar este corpo fundante de um sujeito no campo pré-representacional é o que queremos, pensar o sujeito humano que possa até mesmo dar sentido ao verbo. As experiências precoces podem não ter vínculos umas com as outras, não devido a uma clivagem, mas por falta de integração de conjunto. Segundo Winnicott, este estado de não-integração não é semelhante ao processo de desintegração de um estado já integrado.

Na comunicação analista–analizando é necessário admitir como parte inerente ao tratamento uma via sensorial. As sensações experimentadas irrompem o campo transferencial por meio dos aparelhos visual, auditivo e olfativo, quase como uma alucinação, oferecendo condições para um retorno do infantil. Está em jogo a capacidade do analista de interpretar esses enunciados corporais. O registro sensorial escapa por vezes ao processo de recalçamento, justamente por estar fora do campo das representações. Deve-se deixar, durante algum tempo, o paciente agir como criança. Por esse *laissez-faire* permite-se a tais pacientes desfrutarem, pela primeira vez, a irresponsabilidade da infância, o que equivale a introduzir impulsos positivos de vida e razões para se continuar existindo (Ferenczi, *Diário clínico*).

O que busca Ferenczi é dissolver a cristalização sintomática para que o *inconsciente energia* possa novamente ganhar movimento e presença.

A lembrança fica impressa no corpo e é somente lá que ela pode ser despertada, uma memória corporal que retorna via transferência, oferecendo a possibilidade de representação.

Segundo Pierre Fedida, o corpo do analista é implicado no processo frente as angústias arcaicas do paciente. O analista precisa ressoar a comunicação do paciente, isto é, deve produzir algum eco em seu próprio corpo. É na transferência e pela transferência que se anuncia repetidamente no presente o impronunciável do infantil.

Apreensão pelo analista da angústia arcaica corporificada, vivida pelo paciente, implica a utilização de seu próprio corpo.

Que novos procedimentos o analista acionará para entrar em sintonia com a sensibilidade do paciente? Parece tarefa fácil a de entrar em ressonância com outro. O que entra em questão é a percepção do analista de sua própria membrana de ressonância.

O que quero trazer aqui é uma reflexão sobre o corpo das forças de intensidades, um corpo com potência e não organizado sempre em tensão permanente que possa se revitalizar na transferência, relaxando de suas defesas. É no brincar, no humor, muitas vezes, que o sentimento de continuidade de ser pode aparecer pela primeira vez.

O que se propõe é pensar em uma clínica onde construir e vivenciar possa ser um acontecimento único, que é diferente de resgatar. Uma experiência analista-analisante inaugural. O que se funda no adulto traumatizado é a criança que nunca houve, é tentar transformar uma estratégia enrijecida e não simplesmente refazê-la.

É necessário reconhecer a vulnerabilidade da criança em todos nós. Sentimentos que estão sempre em relação, isso é relacional. O sujeito é vulnerável na relação com o outro. Como dizia Balint, na clínica é necessário, muitas vezes, escutar com todos os ouvidos da pele.

O ser humano, como todos os seres vivos, constitui uma teia de relações, o binômio saúde-doença é considerado um fenômeno de grande complexidade, pois sofre influências de diversos fatores oriundos de diferentes dimensões. Uma teia de relações, já que um elemento influencia todo o sistema.

O adoecer é uma forma de expressão com sentidos e significados. O adoecimento humano é, portanto, histórico e complexo, assim como histórico e complexo é o próprio ser, a um só tempo indivíduo singular e sujeito social.

[notas]

1. Trabalho apresentado na Jornada semestral 2019/1 da SPID.

2. Psicanalista, membro associado SPID, Rio de Janeiro. E-mail: [bluv971@gmail.com](mailto:bluv971@gmail.com)

# I. ENCONTROS

## I.3 SEMINÁRIOS E GRUPOS DE ESTUDOS

### Transquietação<sup>1</sup>

por MÔNICA DIAS<sup>2</sup>

*Transar*  
*Transação*  
*Translação*  
*Transmutação*  
*Translésbica*  
*Transir*  
*Transfixe*  
*Transsexualidade*  
*Transgressão*  
*Transcorpo*  
*Transaberes*  
*Transvaloração*  
*Transverslidade*  
*Trans...*  
*Além de*  
*Podemos estar qualquer coisa. Coisa mesmo*  
*Coisa corpo. Coisa natureza. Coisa da coisa. Corpo coisa*  
*Coisa de muitos buracos, talvez respiros, fendas, estratos*  
*Pouco usados e explorados.*  
*Cadê a experimentação?*  
*O organismo organizado foi aprisionado na memória*  
*Centrado, correto, moral*  
*Ou se tem XXY ou XXX*  
*No meio, no centro, de frente*  
*Deixemos o passado passar*  
*Passado e futuro lado a lado*  
*Devir*  
*Vamos nos agenciar com orelhas, narizes, bocas, pernas, pés, umbigos, vísceras, gueltras,*  
*asas, chifres, próteses*  
*Potencializemos nosso ânus*  
*Democratizá-lo*  
*Todos temos um, com múltiplas possibilidades*  
*A potência não será rebaixada por relações de poder*  
*Apropriemo-nos do corpo que construímos a cada instante*  
*Natureza, naturante, naturata*  
*E a criança fala: desejo é potência*

[notas]

1. Poesia feita e apresentada no seminário "Teoria Queer e a psicanálise", SPID em 2019/1.

2. Psicomotricista somática, psicoterapeuta corporal em análise psico-orgânica. E-mail: monicaferreiradias@hotmail.com

## II. EVENTOS

### A lógica do inconsciente: o nó Borromeu e a Terceira<sup>1</sup>

por IVANISA TEITELROIT MARTINS<sup>2</sup>

Na rotação dos discursos não há um só discurso que escape ao semblante no jogo da fala, a partir do momento em que é dada a partida. A questão que se coloca é de como o discurso analítico opera na fala. O discurso analítico é o simbólico, o imaginário e o real, o que não quer dizer que os outros discursos se invalidem e que neles esses registros significantes não estejam presentes. No discurso do mestre as falas operam para que “as coisas andem no passo de todo mundo” (Lacan, J, *A terceira*, 1975). No discurso analítico é o Real que não anda, é o real que não cessa de se repetir para se opor à marcha, ao movimento: esta é sua qualidade. O discurso analítico baseia-se nisso, os outros discursos evitam. O real não coincide com a realidade, nem pode ser atingido pela representação, não é universal. Não há metonímia/desejo para sustentar a relação entre os “elementos” do conjunto que são “inexistentes”.

R é uma hiância que se escreve em S, em alíngua, por meio de uma negação, não se dizer, não se escrever, não admite o discernimento, não há todos, não há relações nem classes. O Um de R é igualmente diferente e semelhante, persistente e efêmero, um e múltiplo, singular e anônimo: são os sintomas do Um real – o objeto a ou o sujeito – enquanto inscrito na cadeia significativa ou nas representações. Em I, para ser capturado pela trama do possível, R aparecerá como o impossível. R está fora do espaço e do tempo (que são instaurados por I). As rodinhas (representação) são indestrutíveis. Nunca cessam de existir, nunca cessam de se escrever, não cessam de se representar.

Jacques Lacan chama de sintoma o que vem do real, como “um peixinho cujo bico voraz só se fecha ao colocar sentido entre os dentes” (Lacan, J, *A terceira*, 1975). Outra questão que Lacan se coloca no campo do discurso analítico: como fazer para que o real seja desfeito?

#### DIGRESSÕES EPISTÊMICAS

A dialética hegeliana se reporta às raízes lógicas, ao déficit intrínseco da lógica de predicação ou atribuição, ou seja, ao universal que se fundamenta na negação, sendo que o particular somente tem existência, se apresenta como contingente.

Toda a dialética hegeliana busca preencher esta falha do particular, no que este é contingente ao adotar uma operação universal pela via da escansão tese, antítese, síntese.

Em *Os limites de Hegel* (Menos que Nada, Zizek, S, p.307) Zizek levanta a questão: “poderia Hegel pensar o conceito que, segundo Lacan, condensa todos os paradoxos do campo freudiano, o conceito de não-*Todo*?” Zizek por sua vez enuncia uma lista do que Hegel “não pode pensar” que são conceitos elaborados em sua maioria pela psicanálise e pelo marxismo: repetição, inconsciente, sobredeterminação, objeto a matema/letra (ciência e matemática), alíngua, antagonismo (paralaxe), luta de classes, diferença sexual.

Hegel também pensa o inconsciente, mas como o inconsciente formal. O inconsciente freudiano é o inconsciente de elos e associações contingentes particulares. Hegel pensa uma espécie de objeto a que é apenas a singularidade contingente à qual se prende a totalidade racional. Por mais que Hegel nos surpreenda com evocações sobre *a jouissance* enquanto Real, no espaço conceitual de Hegel não há lugar para a lacuna que separa a verdade do Real.

#### DIGRESSÕES SOBRE A ANGÚSTIA

Kierkegaard, como contemporâneo ao desenvolvimento do sistema de Hegel, propõe que a angústia é signo, é testemunha de uma brecha, uma falha essencial na estrutura do sistema, o que veio a dar sustentação à proposição freudiana referente à falha essencial na estrutura do sujeito.

Já em a proposição freudiana, tendo como referência uma falha essencial na estrutura do sujeito, a angústia é elaborada em sua relação ao desejo. Vale nos remeter à concepção de estrutura e de sua falha essencial para desenvolver a emergência da angústia diante da queda do objeto na relação entre sujeito e objeto. Ao sujeito cabe desvelar, além da angústia, a função deste objeto perdido para vir a operá-lo como instrumento. É a falha da estrutura, esta mesma, que

não nos permite tratar do desejo como um elemento que possa consistir, ter consistência no campo da lógica. (Lacan, J, Des Noms-du-Père, 1964/2005).

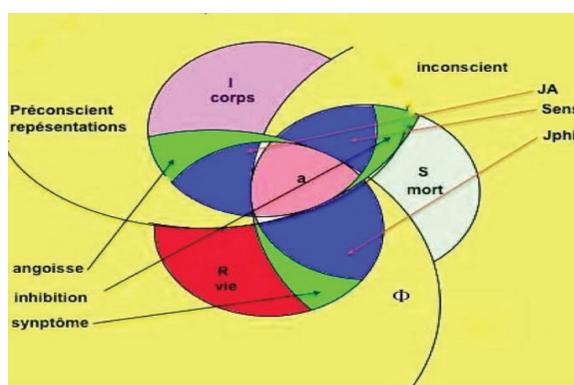
A angústia é um termo de referência crucial para a análise. A angústia é aquilo que jamais engana (Seminário XI), a angústia é um excesso de Real. A simbolização é bloqueada pela angústia porque toda simbolização supõe uma falta e, se há angústia, é porque esta falta está preenchida. O símbolo ocupa o lugar da falta sem o preencher, ele indica o que falta. Mas a angústia, “falta da falta”, corrói, apaga a própria falta como se o real contaminasse tudo. Por isto a angústia não engana, ela está ligada ao real em seu excesso, real que paralisa a função simbólica na ordem da falta. A angústia não é o real e o ato analítico não é desfazer a angústia como tal, a aposta do ato analítico é de que seja efetivo.

### EM A TERCEIRA

Lacan retoma a primeira (Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise), a que retorna para que não cesse de se escrever: “disse nela o que precisava dizer. A interpretação, emiti, não é interpretação de sentido, mas jogo com o equívoco. Eis por que dei destaque ao significante na língua. Eu o designei de instância da letra”.

Diz Lacan em a Terceira que o corpo é o abismo, é desnudado do real, o corpo goza de objetos cujo primeiro, que Lacan escreve com “a”, é o objeto do qual não se tem ideia. É somente pela psicanálise que esse objeto constitui o cerne elaborável do gozo que somente se sustenta na existência do nó, nas três consistências de toros, de rodinhas de barbantes que os constituem.

### O NÓ BORROMEU



O psicanalista pode abordar o real pelo grafo do desejo na dialética entre a demanda e o desejo, por uma série de letras rsi como nós. Diz Lacan em a Terceira que para que haja nó borromeu não é necessário que as três consistências fundamentais sejam todas tóricas. “Do imaginário, do simbólico e do real, pode haver um dos três, o real seguramente que se caracteriza justamente pelo que eu disse: por não fazer todo, isto é, por não se fechar”.

A decifração se resume ao que faz a cifra, ao que faz com que o sintoma seja algo que antes de tudo não cessa de se escrever do real. Ao operar o sintoma no intervalo entre  $S_2$  e  $S_1$ , em psicanálise, chega-se ao ponto em que a linguagem possa fazer equívoco.

Do grande Outro, diz Lacan em “De um Outro ao outro” (Seminário XVI) que o sujeito do inconsciente está incluído no campo do Outro, mas que o ponto em que ele se expressa como sujeito é externo, entre aspas, ao Outro. Daí a importância do psicanalista sustentar o discurso analítico.

Diz Patrick Valas em “Da metáfora dos symptômes à estrutura do sentio-me que é a topologia, acrescento no manejo transferencial, que permite fazer “fixa o além do real”. Trata-se de identificar o sujeito do desejo no não-todo de sua enunciação. Trata-se de identificar como este sujeito esférico se projeta nos pontos-traços (no tracejamento da banda de Moebius) nos pontos de torção, onde ele se esferiza, como imagem, no todo da demanda, como sujeito do enunciado reenviado à significação. Isto para dizer que todo o inte

Pode-se desenhar um destes pontos-traços no achatamento mais simples da banda de Moebius. Onde ele não é o traço oblíquo com que Lacan barra o sujeito (sujeito barrado) ou o Autre (Outro barrado), nos matemas que ele propõe.

Este traço lembra o traço da caligrafia em que Lacan diz que nenhuma mão ocidental pode reproduzir: traço obtido de um único gesto. Sua característica, além da beleza de sua curva, é tal que não se sabe onde começa nem onde acaba. É disto que Lacan quer falar ao inventar uma outra escrita, que não dependeria da precipitação do significante e cuja leitura seria politonal como nas partituras de Stravinsky. Dito de outra forma, é uma escrita que deixa ao sujeito a liberdade de sua enunciação, que antes necessitava da segurança da palavra, mas que ao mesmo tempo não espera ser fonetizada. Não se pode fazer o sujeito dizer qualquer coisa: sua estrutura é estável.

Patrick Valas se reporta à topologia pela prática clínica no nível do sonho. No sonho há uma imaginarização do simbólico (Is); o imaginário se sobrepõe ao simbólico, pois sua interpretação é a simbolização da imagem (Si): o simbólico então se sobrepõe ao real em jogo no sonho, este retoma a questão da natureza do desejo, que Freud disse ser indestrutível. Durante o sonho este desejo é o

realizador Depois da interpretação, o desejo é a realização. Cerne-se assim um aspecto do nó do real, do imaginário e do simbólico. Nesse caso o estatuto do real mudou: o sonho é topólogo e não geômetra.

No seminário “...ou pior” (Seminário XIX) Lacan, segundo Patrick Valas, introduziu o uso do nó borromeu a partir desta frase em que ele identifica cada um dos verbos a uma das rodinhas de barbante, tentando dizer que o sentido de cada um esclarece um e outros. Eu te demando recusar (peço-te que me recuses) o que (eu) te ofereço, porque não é isto. Fazendo um corte após cada verbo encontraremos os diferentes sentidos que ganha o sinthome.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sintoma é irrupção dessa a-nomalia em que consiste o gozo fálico, na medida em que aí se mostra, em que se revela essa falta fundamental que Patrick Valas qualifica de não-relação sexual. É sobre o significante e pela equivocação que há intervenção analítica em que alguma coisa, no caso o gozo fálico, pode recuar do campo do sintoma. É no simbólico, em que é alíngua que o suporta, que o saber inscrito d'alíngua, que constitui propriamente o inconsciente, se elabora, então destituindo o sintoma no jogo da fala. O corte da torção e do reviramento se faz com propriedade sobre o gozo fálico. (Valas, P)

À psicanálise cabe evitar que esse saber não sabido não venha a ser reduzido nem pela ciência nem pelos epígonos de Freud e Lacan. Este saber, a saber, o Urverdrängt de Freud, o que do inconsciente jamais será interpretado: “L’insu que sait de l’une-bévue s’aïlle à mourre”.

## REFERÊNCIAS

CAPPELER, L. *A antifilosofia de Lacan – O Seminário Alan Badiou 1994/1995*. Textos de Alain Badiou, textos de Lacan, textos de Jean-Claude Milner, textos do tradutor Leon Capeller. Original.

LACAN, J. *Escritos 1966/1998 – Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, p. 238. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *Escritos 1966/1998 – A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, p. 496. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *Outros Escritos 2001/2003 – Discurso de Roma*. p. 139. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. *Outros Escritos 2001/2003 – O ato psicanalítico*. p. 371. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. *de um Outro ao outro, Seminário XVI (1968-1969) 2006/2008 – O fato e o ditto*. p. 61. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. *Nomes-do-Pai 2005 – Introdução aos Nomes-do-Pai*. p. 63. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. *A terceira/ La troisième. Lettres de l'EFP*. Paris, n.16, p. 178-203, 1975.

Tradução em Cadernos Lacan. Porto Alegre: APPOA, 2002. v. 2.

VALAS, P. *De la métaphore des symptômes à la structure du sinthome*, *Navarin E*. v. 36  
Paris.

[notas]

1. Trabalho apresentado na reunião lacanoamericana (Lacanorio) em 20 de outubro de 2017.

2. Psicanalista, pós-graduada em Teoria Psicanalítica, UnB; mestre em psicologia clínica, PUC-SP; membro titular SPID; participante da Escola Letra Freudiana; mestre em planejamento e políticas sociais, London School of Economics and Political Science; gestora de políticas públicas, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. E-mail: [nisatmartins@gmail.com](mailto:nisatmartins@gmail.com)

### III. PESQUISAS

#### A pele de Vênus e a Vênus das peles<sup>1</sup>

por KARIN YASMIN VELOSO MÜLLER<sup>2</sup>

*“E Deus o puniu e o entregou às mãos de uma mulher. Eu repetia comigo. Então, o que devo perpetrar para que Ele puna também a mim?” — Masoch, 1870.*

#### INTRODUÇÃO

O filme *La Vénus à la fourrure* (*Vênus em Vison* ou *A pele de Vênus*, 2013), de David Ives e Roman Polanski, dirigido por Roman Polanski, é uma adaptação da peça homônima e baseada no livro *A vênus das peles* de Leopold Ritter von Sacher-Masoch. Este livro se eternizou por ser o primeiro a romancear o gozo masoquista de forma explícita e detalhada. Por isso, serviu como base de estudo de caso para muitos trabalhos psicanalíticos posteriores que abordam a perversão masoquista.

No livro, o personagem nobre Severin se faz escravizar por Wanda, uma jovem viúva a partir de um contrato firmado entre os dois. São exploradas fantasias que envolvem sofrimento físico e moral: deixar-se amarrar, ser chicoteado, obedecer cegamente, deixar-se humilhar, virar posse dela e assisti-la entregar-se a outro amante para posteriormente ser açoitado por ele, sempre marcando o papel do martelo (tirano) e da bigorna (servo) (Ferraz, em introdução para o livro de Masoch, 2011).

Já o filme, além de tratar do masoquismo, explora a temática dos semblantes com as personagens Vanda (interpretada por Emmanuelle Seigner) e o diretor Thomas (interpretado por Mathieu Almaric). Há algo de cômico e perverso na troca de personagens, na inversão de gêneros.

Em resumo, o filme se trata de Vanda, uma aspirante a atriz e um diretor, Thomas. O diretor está desesperançoso por não encontrar a atriz ideal para

interpretar a personagem Wanda em sua montagem de *A vênus das peles*. Wanda, misteriosa, chega atrasadíssima para o teste e, de forma sedutora, convence-o a fazer uma leitura com ela.

À medida que o filme evolui, o diretor e sua história se misturam com a de Séverin, de *A Vênus das peles*, de forma que não se sabe mais de quem é a autoria das falas e o quão masoquista o diretor realmente é. Da mesma forma, Wanda e Wanda se fundem, até que finalmente os papéis de gênero são invertidos e o diretor vira Wanda enquanto Wanda vira Séverin. Como ápice, Wanda se apresenta como Afrodite, cujo gozo seria fazer o diretor e os homens sofrerem e gozar com este sofrimento.

No artigo, serão abordados aspectos da estrutura perversão no livro autobiográfico de Masoch e no filme, que ainda deixa clara a denúncia que a perversão faz dos semblantes nos seres humanos.

#### A VÊNUS DAS PELES

O termo *masoquismo* surgiu em 1886, quando Kraft-Ebing, psiquiatra alemão nomeou um gozo que depende do sofrimento em estado de humilhação se baseando no nome de Leopold Ritter von Sacher-Masoch (1836-1895) (Laplanche e Pontalis). Apesar de isso não ter agradado o autor, pois Ebing fazia uma leitura moralizada das práticas sexuais ditas como desviantes, ele foi o primeiro a romancear o gozo masoquista e sua obra foi considerada honrada e célebre.

No livro *A vênus das peles* (1870), praticamente apenas os nomes próprios e as cidades são trocados. O protagonista é Séverin, um perverso masoquista. Assim como a mãe de Masoch, a mãe de Séverin teve problemas para amamentá-lo e ele foi nutrido com leite de cabra. Masoch não tinha a mãe no lugar de objeto de desejo e sim, a ama Handscha. Por isso, passa o resto da vida procurando pessoas com características de Handscha: alta, com traços nobres e opulenta. Neste livro, Masoch também retrata uma criada jovem e bela, voluptuosa como Handscha lhe parecia.

Outra situação que marca a trajetória de Masoch é ter sido açoitado por uma tia, Zenóbia. Na ocasião, estava vestida de peles, um fetiche para Masoch. O protagonista Séverin também é açoitado pela tia, a condessa Sobol com uma vara de marmelo. Ela é chamada pelo autor de Messalina, é sedutora e dominadora. O personagem afirma que é aí que lhes são despertados os sentidos para o sexo feminino. Séverin repete o fetiche de Masoch: idolatra mulheres belas e cruéis, travestidas de pele; considera superiores e acredita que deve se submeter a elas.

A questão das peles é ainda mais aprofundada pelo personagem: diz que esta fascinação o persegue desde criança. As vê como atributo do poder e da beleza e exemplifica com seu uso por grandes monarcas e em pinturas célebres.

Além das peles, Séverin sentia prazer em imagens e histórias de tiranos, torturadores e mártires. O prazer era exponencial quando se tratava de mulheres torturadoras e envoltas em peles. Buscava a mulher perfeita, sem furo, uma deusa, a Vênus. Era ao ver e beijar a imagem da deusa Vênus que ficava na biblioteca de seu pai que Séverin sentia prazer. Para Séverin, a mulher ideal teria a alma de Nero, cruel e o corpo de Prima, beleza impecável. E teria que estar disposta a fazer do homem, seu escravo.

*"Não posso negar – eu disse – para o homem não há nada que excite mais do que a imagem de uma despótica mulher bela, voluptuosa e cruel, que dispõe de seus favoritos de maneira atrevida e desconsiderada, a seu bel-prazer". —Masoch, p. 26*

Séverin e Wanda von Dunajew moravam na mesma casa, em apartamentos distintos. Com sua aproximação, Séverin se encanta por Wanda em poucas palavras. Ela dá a ele um ano para ganhá-la e convencê-la de que são feitos um para o outro. Assim, se casariam. Ele dá a ela a opção de ser sua dona e ele, seu escravo e Wanda questiona: "Poderia eu encarnar seu ideal?" (p. 63). Com o decorrer do tempo, fazem um contrato para a relação que vão viver. Neste contrato, ele passa a ser noivo e escravo de Wanda. Ela passa a ter o direito de castigá-lo sempre que quiser e, de sua parte, compromete-se a vestir peles sempre que possível, especialmente para ser cruel com ele. O contrato também é parte da vida de Masoch.

Martinho (2011) aponta que desde pequeno, o autor dava grande importância ao contrato. A ama de leite dele contou um conto polonês que se tratava de um contrato entre o mágico Twardovski e o diabo. Twardovski estava arruinado e apelou para o diabo por ajuda. O pacto foi feito e Twardovski se tornou médico do rei e seu conselheiro. Em troca, seria posse do diabo caso pisasse em Roma. Um dia, teve que ir até Roma para ajudar um rico estrangeiro doente. Chegou a uma hospedaria, onde deveria estar o doente. Lá, não encontrou o que procurava, mas sim uma senhora com uma criança e, em seguida, o diabo com o contrato na mão. Twardovski protestou e tentou usar a criança ali presente para se defender. O diabo apenas respondeu: "Agora eu sei de que vale a palavra de um gentil-homem polonês". Assim, Twardovski desistiu e se entregou ao diabo. Enquanto o diabo voava com ele nos braços, começou a cantar uma canção em honra de Virgem Maria e o diabo foi forçado a largá-lo. Assim, Twardovski ficou preso entre o céu e a terra até o dia do juízo final.

Martinho ainda demonstra que o contrato de Séverin com Wanda se assemelha ao contrato que Masoch queria firmar com a baronesa Fanny von Pistor. Ela foi a principal inspiração para *A Vênus das peles*. No livro, o autor representa a dificuldade que Fanny tinha em representar o papel de tirana. É possível inferir que Masoch tinha o desejo de transformar Fanny no diabo do conto polonês e, assim, perder a alma para ela, tornar-se escravo.

O protagonista afirma que só há duas opções que um homem pode ter diante de uma mulher: ser tirano ou escravo, ou o martelo, ou a bigorna. No entanto, é Séverin que educa Wanda para ser o martelo, é ele quem monta a cena para sofrer e assim, gozar: “É o masoquista o verdadeiro tirano, aquele que controla a cena com pulso firme” (Ferraz).

Outro ponto importante da relação com Fanny ilustrado no livro é a fantasia de incluir um homem na relação para ser amante dela e Masoch ser chicoteado por ele. Apesar de temer ser trocado e traído e de não viver sem Fanny, Masoch faz questão que ela o encontre. Na busca por esse homem, Fanny conhece um amante italiano, Salvini. No entanto, a fantasia de ser chicoteado não se realiza. Masoch e Fanny se separam.

No romance, com exceção do desfecho, tudo se repete. O amante de Wanda, o Grego, açoita Séverin. Era um príncipe russo de aparência atraente e sádico. Wanda amarra Séverin como se fosse açoitá-lo, e de repente o Grego a substitui. Wanda e Grego fogem e Séverin “acorda de um sonho” (MASOCH, p. 153). Em conclusão, o livro tem como desfecho a seguinte máxima:

*“Daí a moral da história: Quem se deixa açoitar merece os açoites. -Como vês, as chibatadas foram por mim muito bem recebidas. A neblina rósea do ultra-sensualismo se diluiu e ninguém mais me fará tomar pela imagem de deus as macacas sagradas de Benares ou o galo depenado de Platão”. —Masoch, p. 155-156.*

Séverin se diz curado, decide que a partir daquele momento passaria a ser o martelo e não mais a bigorna. Passa a ser o torturador com novas parceiras. E nunca mais tomaria uma mulher como deusa.

## VÊNUS EM VISON

O filme se inicia em uma sala ampla num dia chuvoso. Apenas o diretor se encontra em cena. Liga para a noiva e se queixa de não encontrar a atriz ideal para fazer o papel de Wanda em sua montagem de *A vênus das peles*. Quando ele já está pronto para ir embora, entra uma mulher de sobretudo completamente molhada. Verborrágica, diz que se atrasou e que teve um dia horrível e pergunta se pode começar.

Assustado, o diretor se nega e diz que os testes já terminaram. Ela se apresenta como Vanda e diz que é grande fã do trabalho dele. Afirma que marcou o teste para duas e meia da tarde, apesar de já serem nove e meia. Ele procura o nome dela na lista e não encontra. Tem certeza de que ela não é a atriz ideal. Ela implora, tira o sobretudo e surge uma roupa típica do que é vulgarmente chamado de *sadomasoquista*: short de couro, coleira, meia calça e muito couro. Ele responde indignado que a peça não se trata disso, mas acaba aceitando que ela leia o texto até o final da página. Em contrapartida, Vanda insiste que ele leia o papel de Séverin.

Começam a ler, se envolvem tanto que não conseguem parar. O diretor decide que Vanda seria a Wanda ideal.

Colocam roupas a caráter, de época e, aos poucos, Vanda vai questionando o quanto o diretor não se parece com Séverin. Ele nega, mas fica cada vez mais difícil de distinguir o que são falas de Séverin e de Thomas. Vanda finge açoitá-lo e ele sente muito prazer na ideia, e em servi-la. Já sobre Vanda, não se sabe nada, ela mesma evita falar de sua vida e ainda cria um namorado falso durante o ensaio.

Chegando ao clímax, Vanda sugere que ela faça a parte de Séverin e o diretor a de Vanda. Neste ponto, já não se sabe mais quem é quem e o jogo de posições feminina e masculina é evidente.

Os semblantes são desmascarados, não há mais nenhuma certeza da verdade de cada personagem. Para finalizar a peça, Vanda amarra Thomas como Séverin fora amarrado na cena em que o grego o açoitava. Apaga as luzes e começa a afirmar o quanto quer se vingar do diretor, pois ela é a deusa Afrodite.

#### A PERVERSÃO NO LIVRO E NO FILME

Assim com em *A vênus das peles*, o filme dá a entender que também o diretor fora açoitado na infância e buscaria uma Vênus para representar o papel de Wanda. Explica-se que Vênus e Afrodite são nomes diferentes para uma mesma deusa. Da mesma forma, o perverso masoquista está sempre em busca da mulher ideal, sem furos para desmentir a castração. Séverin encontrou Wanda e o diretor, Vanda. Como na neurose há o recalque, a estrutura perversa se define pelo desmentido da castração. A possibilidade de desmentir a castração, ou seja, de negar a negação da mesma, ocorre quando a criança não percebe da mãe um desejo erotizado que deixe marca de um interesse particularizado e, assim, a criança não pode ver a figura materna como faltosa. E, sem falta, não pode ter desejo.

Diferente do que é divulgado vulgarmente, o ideal para um perverso masoquista como Séverin não é uma pessoa sádica, sim alguém que ele possa impressionar, educar, que ele possa fazer descobrir um gozo que a pessoa não sabia que tinha e que transgrida regras, que aponte para sua divisão. E geralmente, as pessoas que se relacionam com o perverso o aceitam por amor, como Wanda, que acreditava até mesmo que poderia curá-lo.

Outro ponto importante é que, apesar de Kraft-Ebing definir o masoquismo como uma posição passiva, o livro demonstra que é ativo. É o masoquista que faz o contrato, monta a cena e dirige para o sofrimento próprio. Foi Séverin que deixou as regras claras para Wanda, não foi uma escolha dela. Séverin ocupou o lugar de objeto da pulsão, de objeto *a* como diz Lacan (1964).

Na perversão, o sujeito se coloca no lugar de objeto causa de gozo. Tanto na estrutura neurótica quanto na perversa, os desejos sádico e masoquista existem. Como afirmou Freud em *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), a neurose é o negativo da perversão. Pois é só na perversão que o sujeito se coloca como objeto para o gozo do Outro e, só assim, goza, enquanto na neurose é o sujeito que se relaciona de todas as maneiras com o objeto. E “a humilhação, a redução imaginária à condição de coisa ou de objeto, o risco de ver-se abandonado e traído são ingredientes indispensáveis ao prazer voluptuoso que Séverin quer experimentar” (Ferraz, na introdução do livro *A Vênus das peles*).

Como a escrita de Sacher Masoch era autobiográfica, foi inferido que o autor poderia também ser perverso masoquista, e tinha, em sua vida, estes elementos presentes no livro. Masoch podia querer ocupar o lugar de objeto da pulsão para Fanny e as demais “Vênus” que pensou encontrar na vida.

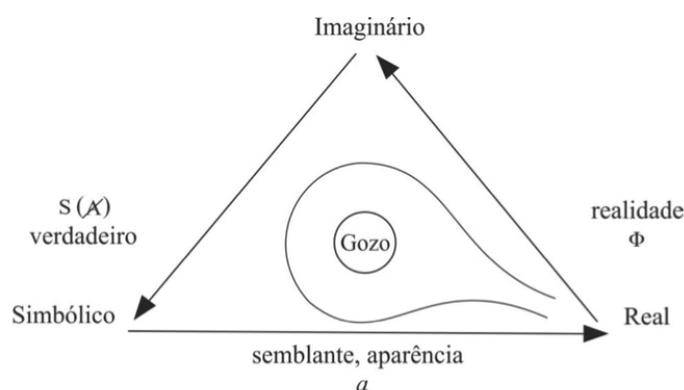
Segundo Martinho, os três elementos que não podem faltar a um perverso masoquista estão presentes no livro. Eles são: o objeto fetiche, a parceira ideal e o gozo extraído da parceira. O primeiro seria a pele, também fetiche do diretor na peça e o chicote, funcionando como uma condição de gozo. Segundo Freud (1927), o fetiche entra na perversão como substituto do falo da mãe. No caso de Séverin, este foi ligado ao açoite que sofreu de sua tia, tirana e fálica travestida de peles.

Já a parceira ideal, persuadida a atuar como sádica, como se verdadeiramente fosse, é uma denúncia dos semblantes. Tem que atuar como algo que não acredita ser e, no entanto, acaba gozando disso. O terceiro elemento é justamente este: extrair um gozo desconhecido da parceira, no caso, o gozo sádico. Além disso, a perversão revela a monotonia da compulsão a repetição entranhada no

gozo: para Séverin eram sempre necessários o sofrimento e as peles. Nesta condição com a parceira, o rapaz ficava sempre fixado na mesma posição de gozo.

O segundo elemento, no filme, fica ainda mais claro, pois uma atriz faz de fato um papel de sádica para o diretor que, apesar de também estar representando um papel de masoquista, goza com isso. E fica ainda mais forte com o desfecho, quando não se sabe se é de fato Afrodite representando um papel de humana ainda interpretando Wanda ou uma atriz representando Wanda, encarnando a Afrodite, que o diretor acreditava que Wanda fosse.

Justamente, é nos casos de masoquismo que o aspecto teatral da perversão aparece mais claramente. Mostra o quanto há distância entre o sujeito e o personagem por ele encarnado. A perversão leva o semblante ao seu limite. Mostra que até mesmo as palavras são máscaras que não dizem toda a verdade, o Real sobre as coisas. Demonstra a diferença entre o Sujeito e o Eu. E a natureza do semblante é o simbólico que se dirige para o Real, entre a palavra e o Real (Lacan, 1972-1973):



Neste matema do semblante, demonstra-se que a verdadeira natureza do objeto  $a$  é aparentar ser. E o Real seria uma abertura entre o semblante, resultante do simbólico, e a realidade. O perverso faria semblante de objeto  $a$ , causa de gozo. Ou seja, se coloca no lugar de objeto da pulsão do outro para fazer o outro gozar, assim como Séverin com Wanda. E, por se colocar nesse lugar, denuncia o quanto os neuróticos acreditam no semblante que encarnam. É ter consciência disso que aponta para a divisão do sujeito e faz o perverso gozar.

O perverso masoquista tem ainda um saber sobre o gozo: sabe que não há gozo que faça o ato sexual existir. O sujeito goza com o próprio corpo, do outro como objeto. Da mesma forma, o parceiro está gozando do sujeito como objeto. Por isso Séverin necessitava de uma mulher, mas não do coito. O perverso enfrenta de maneira mais direta o gozo e seus impasses, exemplificando mais claramente algo que concerne a todos: a impossibilidade do ato sexual.

Portanto, com os perversos pode-se conhecer com mais clareza aspectos comuns às outras estruturas, principalmente à neurose. Afinal, para se desmentir a castração é preciso primeiramente negá-la. E, por lidarem de forma mais direta com o gozo, revelam aspectos que não se enxergam nitidamente na neurose, nela estão recalcados. A perversão aponta para a divisão do sujeito, para as modalidades de gozo que ele não reconhece em si e em consequência, o semblante existente para todos os sujeitos. Além disso, remete à compulsão à repetição do gozo e à impossibilidade do ato sexual.

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1905) *Três ensaios sobre a sexualidade* em *Obras completas de Sigmund Freud*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1927) *O fetichismo* em *Obras Completas de Sigmund Freud*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise* (1982). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MARTINHO, M. H. C. *Perversão: um fazer gozar* (2011).

MASOCH, L.R. von S. *A vênus das peles* (1870). São Paulo: Hedra, 2011.

POLANSKI, Roman. *La Venus à la fourrure* – filme. (2013).

[nota]

1. Trabalho apresentado na pós-graduação da PUC-Rio, a fim de exemplificar a teoria de Lacan sobre a Perversão. Redigido num curso sobre estruturas clínicas, ministrado por Bruno Campos, na SPID.

2. Membro associada SPID. E-mail: [karinymuller@hotmail.com](mailto:karinymuller@hotmail.com)

### III. PESQUISAS

## Amor, saber e transferência. Perder para ganhar, faltar para desejar<sup>1</sup>

por OCTAVIO MACHADO<sup>2</sup>

O corte é uma condição. Disjunção que promove ligação, que produz! A ruptura com as regras de tratamento vigentes, a descontinuidade e o questionamento, a passagem da palavra às históricas, a suspensão de um saber prévio: atos que levaram Freud a inaugurar a psicanálise a partir de uma demanda, conferindo ao inconsciente seu estatuto. Corte fundador de um novo campo de saber, o freudiano, cuja condição fundamental é a associação livre. É pelo dito de quem sofre que se constrói um saber. Assim, Freud nos deixa um legado e nos convoca a reinventá-lo a cada escuta, a cada sujeito. Para não estarmos aquém, mas para irmos além. Neste trabalho, trataremos a questão da transferência, como um amor “(re)atualizado” e seus desdobramentos.

"Poucos querem o amor, porque amor é a grande desilusão de tudo mais. E poucos suportam perder todas as outras ilusões. Há os que se voluntariam para o amor, pensando que o amor enriquecerá a vida pessoal. É o contrário: amor é finalmente a pobreza. Amor é não ter. Inclusive amor é a desilusão do que se pensava que era amor." (LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina — Contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.)

*"Poucos querem o amor, porque amor é a grande desilusão de tudo mais."* Poderíamos dizer que a transferência acabaria em desilusão? De certa forma sim, e até necessariamente, mas *"só-depois"* (LACAN). Antes, é preciso amar e, quanto a isso, Freud nos diz que é justamente a capacidade de amar, a condição para que haja a transferência. O amor de transferência é um efeito que afeta.

“Deve-se compreender que cada indivíduo, através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos, conseguiu um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica — isto é, nas precondições para enamorar-se que se estabelece, nos instintos que satisfaz e nos objetivos que determina a si mesmo no decurso daquela.” (FREUD, Sigmund. *A dinâmica da transferência* (1912). p. 93. Rio de Janeiro: Imago, 1996.)

O que estaria em jogo na busca de um analista? Um saber? “*Há os que se voluntariam para o amor, pensando que o amor enriquecerá a vida pessoal*”, afirma a escritora. Em resposta aos voluntários que almejam conhecimento e enriquecimento pessoal, Lacan é categórico - “*Eu os despacho!*”. A entrada em análise se dá pela via do sintoma, por uma afetação que faz surgir questão. Mas a quem se questiona? Quem detém as respostas? Clarice nos diz que “*poucos suportam perder todas as outras ilusões*”.

“Os pacientes não podem, eles próprios, trazer todos os seus conflitos para a transferência, nem tampouco está o analista capacitado a invocar todos os possíveis conflitos instintuais deles, a partir da situação transferencial.” (FREUD, Sigmund. *Análise terminável e interminável* (1937). p. 93. Rio de Janeiro: Imago, 1996.)

No entanto se há uma questão do sujeito em jogo, há que se supor uma resposta. Portanto “*Trata-se de uma ilusão na qual o sujeito acredita que sua verdade encontra-se já dada no analista.*” (QUINET, 1991, p. 26). O analista se posiciona “*como se fosse*”. A esse efeito ilusório da transferência, de que o analista responde da posição de quem sabe e do imaginário de que existem respostas pré-existentes, Lacan denomina como *sujeito suposto saber*. Porque é para esse analista, que por conjectura detém as chaves do sintoma, a quem serão endereçadas as demandas. Entretanto, e paradoxalmente, é justamente do lugar de questionamento, diante de algo a saber, que responde o analista. O testemunho do furo produz efeitos *a posteriori*, porque é a falta que promove simbolização e aponta para o desejo, é pelo corte que se faz suplência. Mas é preciso fazer com prudência! Manejar a transferência.

“Se o analista empresta sua pessoa para encarnar esse sujeito suposto saber, ele não deve de maneira alguma identificar-se com essa posição de saber que é um erro, uma equivocação. A posição do analista não é a de saber, nem tampouco de compreender o paciente, pois se há algo que ele deve saber é que a comunicação é baseada no mal-entendido.” (Quinet, Antonio, 1951 - *As 4+1 condições da análise*, Antonio Quinet, p.26. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.)

A comunicação é baseada no mal-entendido, porque o que se entende mal provoca questão. No início do tratamento, o sintoma do qual o sujeito se queixa se apresenta como signo, colado a significados pré-concebidos, “mal-ditos”, como resposta pronta, delimitados e referidos a um certo modo de gozar. Sintoma? *Sim! Toma!* O “filho é teu” diria o ditado! E é mesmo, diríamos nós analistas, e agora? Momento em que, questionado pelo analista, o sujeito se divide (\$), se implica e, instigado, põe-se a trabalhar! Com a barra entre significante e significado.

Portanto, quando o sintoma se transforma em demanda endereçada ao analista, a problemática é posta sob questionamento. Poderá, dessa forma, deslizar para readquirir sua dimensão de significante. De acordo com Lacan, “nas entrevistas preliminares trata-se, portanto, de provocar a histerização do sujeito, desde que histérico é o nome do sujeito dividido, ou seja, o próprio inconsciente em exercício.” (LACAN 1970, p. 89 apud QUINET, 1991. p.18).

Dessa forma, é diante do *não-dito*, do *não-realizado* (LACAN 1964), daquilo que é da ordem da privação (Real), ou da frustração (Imaginário), que devemos estar implicados no Simbólico para que algo possa caminhar! De *maldito* a *bendito*! E então, como Lacan teoriza, apontar e identificar o desejo que aparece como questão: “*Che Vuoi?*”? Que queres? Clarice Lispector responderia “*amor é finalmente a pobreza. Amor é não ter*” porque não ter é desejar! E o desejo movimenta.

“Ao surgimento do desejo, sob forma de questão, o analisante responde com amor; cabe ao analista fazer surgir nessa demanda a dimensão do desejo, que é também conectado ao estabelecimento do sujeito suposto saber. Esse corresponde, condicionando-o, a um sujeito suposto desejar.” (Quinet, Antonio, 1951 – *As 4+1 condições da análise*, Antonio Quinet. p. 29. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.)

Se o analisante responde ao analista com amor, surge a questão: o que quer esse amor? Não nos importaria tanto o que quer, mas, portanto, o que causa. Nessa direção poderíamos elaborar que o que causa é o nada. O que é da ordem de uma falta constitutiva, objeto perdido, *objeto a*, causa do desejo. E é desse lugar que responde, sob *semblante de objeto a*, o analista. Porque o nada, a *não-resposta* a uma demanda, implica o surgimento de uma questão, através da palavra que aponta para o desejo.

E por que o analista oferece a não-reposta? Porque a resposta neurótica, metafórica e/ou metonímica, e os ideais com que o sujeito se identifica,

escamoteiam a falta que precisa irromper. Expor o sujeito ao nada pode nos parecer fazer um mal, entretanto, em oposição ao mal teremos o bem. Sendo assim, não se pode fazer o bem sem fazer o mal! Fazemos “bem-mal”! Sobre essa dialética Freud diria que “a análise deve ser levada a cabo num estado de frustração” (FREUD, 1939, p. 244), afinal é preciso ser atravessado (\$) para *atravessar a fantasia*. E o analista sairia inatingido?

“Quem, como eu, invoca os maléficos e maldotados demônios que habitam o peito humano, com eles travando combates, deve estar preparado para não sair ileso dessa luta.” (FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria — O Caso Dora (1905). p. 106. Rio de Janeiro: Imago, 1996.)

Nesse atravessamento da fantasia, a função da transferência é um dos principais facilitadores e, paralelamente, um dos principais obstáculos: repetição e resistência. Repetição porque o analisando atribui, ao analista, figuras parentais, edípicas, amadas ou temidas. É sob transferência que tais relações são revividas, atualizadas em ato e/ou palavras, que revelam o recalado. “*O que não pode ser lembrado se repete na conduta*” (LACAN, 1964, p.129), e é nesse terreno de repetições infantis, como vivências atuais, que se expõe, de forma singular, a economia de gozo, o desejo e fantasias do analisante. Repetir é resistir! Atuar para não lembrar!

A transferência é resistência, pois o deslocamento de amor/ódio para a figura do analista, pode ser utilizada para evitar a revelação do recalado ou para que o analisante escape do discurso que denunciaria o desejo. Além disso, esse quadro afetivo serviria de pretexto para se esgueirar da associação livre, atribuindo sentidos prévios aos ditos, perseguindo soluções afetuosas que mascarariam o sofrimento e evitariam a questão sintomática. Resistência porque o sujeito se recusa a sair do Princípio do Prazer e cair no Princípio da Realidade!

O que interessaria ao analista é que o sujeito pudesse aceder ao simbólico para fazer emergir *alguma coisa* no lugar de *coisa alguma*, ainda que sempre haja um Real, um resto. E desse encontro com o Real, o que podemos fazer é tentarmos tascar um falo! Descolarmos significantes e atribuirmos novos sentidos.

“O que Freud nos indica, desde o primeiro tempo, é que a transferência é essencialmente resistente, Übertragungswiderstand. A transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação do inconsciente, pelo qual o inconsciente torna a se fechar” (LACAN, Jaques. Seminário, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise 1964. p.129 Rio de Janeiro: Zahar, 2008.)

“Amor é a desilusão do que se pensava que era amor”, nos ensina Clarice. Desilusão que carrega uma perda, queda de ideais, e instaura a falta. Poucos suportam perder e se expressam por pura demanda: de amor, de presença, de olhar. E se repetem, em palavras e atos, como compulsão. Precisamos aprender a “*ir embora*”, a adiar o prazer, nos diria Freud com sua metáfora do “*Fort-Da*”. Porque o “*amor é finalmente a pobreza: amor é não ter*” afirma Lispector. “*E finalmente, não devemos esquecer que o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade*” (FREUD, 1939, p. 262). A verdade do sujeito. É preciso perder para ganhar, faltar para desejar!

#### REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. *O Caso Schreber, Artigos sobre a técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914 – 1916)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937 – 1939)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, Jaques, 1901-1981. *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise 1964 / Jaques Lacan; texto estabelecido por Jaques-Alain Miller; tradução M. D. Magno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- QUINET, Antônio, 1951. *As 4+1 condições de análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- J. LAPLANCHE. & J. B. PONTALIS. *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Tradução: Pedro Tamen. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

[nota]

1. Trabalho de conclusão do seminário “Condições de Análise” para o programa de pós-graduação do IBMR, 2018.
2. Psicanalista, membro associado SPID. Artista plástico e designer gráfico (UFRJ). Pós-graduado em teoria psicanalítica (IBMR). E-mail: [octaviopsicanalise@gmail.com](mailto:octaviopsicanalise@gmail.com)

## IV. CORREIO

### O caos revisitado: a dimensão estética na clínica psicanalítica<sup>1</sup>

por HALINA GRYNBERG<sup>2</sup> e MORGANA RECH<sup>3</sup>

#### INTRODUÇÃO: PENSAR O AFETO, AFETAR O PENSAMENTO

Quando pensamos em “estética”, o saber filosófico e a arte que inicialmente seduzem à aventura teórica. Porém, nosso trabalho extrai uma concepção de estética na clínica, presente no laço transferencial do fazer analítico. Em psicanálise, consideramos que a estética é uma dimensão do ato de saber e fazer no reino da alteridade, a partir do qual se estabelecem novos critérios de classificação para as qualidades da experimentação afetiva e do pensar sobre o afeto. Mesmo que esse campo operacional, aparentemente, não pareça trabalhado conceitualmente por Freud, ela está, contudo, presente em sua obra de forma eloquente e mesmo decisiva para que seus conceitos teóricos tenham se erguido com tamanha qualidade inovadora (RANCIÈRE, 2001/2009).

Para chegarmos à estética como dimensão na clínica psicanalítica, seguimos o rastro das concepções freudianas a partir de três eixos: 1) aqueles ligados à utilização dos mecanismos de deslocamento e condensação nas produções do inconsciente, tal como o sonho, os atos falhos, o brincar infantil e o humor; 2) a teoria da sublimação; 3) o terreno dos fenômenos ligados ao estranho e ao regressivo. Vamos nos deter nesse último para avançar em nossas hipóteses, considerando que a dimensão estética na clínica aponta para a presença e ação daqueles elementos que, por Freud, foram inseridos no conceito de “estranho” (FREUD, 1919/2010). Esses elementos indicam que existem traços e registros no psiquismo que escapam à tradução como representação verbal a partir do pré-consciente, recorrendo em intensidade maior ao registro do figurativo e do analógico na captura do vivido.

Em psicanálise, a figuração e a teoria andam, em verdade, entrelaçadas, pois os conceitos que fundamentam as operações psíquicas são dotados de intensa carga imagética, isto é, têm na sua figura estética a “essência do trabalho de pensamento” (MEZAN, 1989). Para entender psicanálise e sua trama conceitual, é preciso acrescentar um esforço figurativo daquele que a estuda, exigência permanente e contrastante com o saber descritivo/conceitual que a constitui enquanto saber.

No que diz respeito à técnica, portanto, a dimensão da estética deve se situar para além da interpretação clássica, bem como para além do “*holding*” e das construções em análise, constituindo ferramenta para que o analista tome seu lugar como quem escuta e fala enquanto operador de efeitos de afeto na cena analítica. Tomar esse lugar significa, em termos freudianos, atuar *na* transferência. Nos termos do psicanalista Michel de M’Uzan, é possibilitar a instalação e sustentação de uma quimera entre aquilo que resta do encontro de dois inconscientes (GAGNEBIN, 2015).

O estranho-familiar que inquieta ou a inquietante estranheza do que não é mais reconhecido (originalmente, em alemão, *Das Unheimlich*) pode envolver uma pessoa, uma impressão, uma palavra, uma vivência, um fato ou situação, uma memória que não sendo propriamente misteriosa provoca uma experiência de angústia, confusão – ou mesmo terror – e, no entanto, remonta àquilo que é desde há muito conhecido. É a estranheza que sustenta o imponderável do vivido e manifesta uma gama de restos que movem a memória psíquica de cada um, enraizada num nível primitivo da subjetividade humana (FREUD, 1919/2010). Tal é a dimensão estética enquanto manifestação do inconsciente, que se materializa por meio de formas que tomam existência através de uma produção imagético/sensório/corporal.

Como ferramenta transferencial, o sentimento de estranheza pode ser estruturante na clínica quando pensado em termos de presença do desconhecido no conhecido, ou da presença do não pensamento no pensamento (RANCIÈRE, 2001/2009), evento permanente em análise evidenciado por efeitos de afeto que surgem à “flor da pele” na experiência da dupla analista-analisando. Como um momento de recriação desse tempo não passado ou *impassé* (SCARFONE, 2014/5), uma memória que vacila, quando posta em ato, alerta para certas características da relação do eu com a alteridade. Um encontro decisivo para que uma experiência reparadora resulte numa possível reconstrução narcísica; onde analista e analisando são produtores de efeitos de linguagem pela propulsão de novas associações entre re(a)presentações e qualidades de afeto.

## POÉTICA E FANTASIA: “ESTAMOS EM OBRAS”

No estudo da dimensão estética na psicanálise, pensadores e leitores encontram apoio na teoria da criatividade artística, concebida por Freud e, aparentemente, descolada – *decollé* (ANZIEU, 1981) – do método clínico por ele proposto. Para Rancière, no entanto, as investigações de Freud sobre os artistas (Da Vinci, Michelangelo, Jensen, Goethe) e a validação teórica que ele propõe nessas discussões clínicas expõe, para além do estudo sobre os sintomas, uma discussão sobre o caráter estético do funcionamento do inconsciente. Esse argumento se sustenta quando entendemos Freud como um espectador imbricado nos debates e conceituações da arte em seu tempo de vida (RANCIÈRE, 2001/2009).

No encontro com a arte, Freud teria deixado um espaço para uma teorização a respeito do efeito que as formas ambíguas exercem no psiquismo, como é o caso dos chistes, sonhos e manifestação dos sintomas. Embora suas considerações sobre as expressões artísticas não preencham sua obra teórica a ponto de fazê-lo um crítico da arte, elas dão luz à ideia de que a estruturação da vida psíquica se funda na fantasia com as mesmas características de um romance (infantil), composto por personagens, narrativa, tempo e espaço, enredados pela trama das intensidades pulsionais. Por essa razão, é propícia ao trabalho com as expressões ambíguas com as quais o analista possa trabalhar. Afinal, nessa trama, a linguagem constitui desde o início da obra de Freud, como lemos em “O tratamento psicanalítico” (1891), o lugar por excelência da psicanálise, sendo “ela própria instrumento de uma operação: confissão, acusação, injunção” (SCHNEIDER, 1993, p. 20).

Nessa senda, M’Uzan traz à psicanálise a ideia de que o inconsciente se configura de modo romanesco. Para o autor, o que Freud não teoriza – ou aquilo que está “recalcado” na obra freudiana, é a ideia de que as representações se organizam e se associam no espaço psíquico como uma *poiesis*. Tal como aquela que Freud estudou, através do “exemplo” dos artistas, enquanto ele próprio assim estaria diante do estranhamento inquietante constante que sua criação lhe trazia e que o fazia buscar interlocutores, principalmente Fliess. Da parte inconsciente dessa narrativa, teríamos notícias imagéticas ambíguas manifestas nos instantes de vacilo da delimitação psíquica, espaço onde a contradição e a ambivalência coexistem confortavelmente. No instante dessa vacilação, operado pela matéria do estranhamento, uma espécie de iluminação se estende sobre a figurabilidade do inconsciente (M’UZAN, 1977), expandindo-se por associações contínuas até o sistema pré-consciente, em movimentos flutuantes de ida e volta; presença e ausência; avanço e retorno da cena fantasmática.

Embora Freud temesse que a atenção à estética inviabilizasse o modelo empírico/científico da psicanálise em construção, segundo Rancière, o autor teria apontado para o que podemos chamar de uma poética do inconsciente ou, na defesa de Mezan (1989), de uma ficção metapsicológica. Aquela de pôr em obra – *poiésis* – a dimensão da subjetividade que inexistente sem que uma narrativa lhe seja dada. É o que ocorre, afinal, na construção da fantasia, responsável promover a acessibilidade pela linguagem ao fluxo pulsional permanente. A fantasia permite que o analista, diante desse texto (tecitura) que se-lhe apresenta, diga a si mesmo: “estou diante de uma estrutura com essas e essas características; a fantasia de meu paciente se construiu de tal e tal forma; essas são as minhas hipóteses”, e daí em diante, esboce uma estratégia para o curso do tratamento, encontrando seu espaço como semblante. Entre paciente e analista, há um *acordo poético* e um estilo de formas e efeitos de figuração ou de enunciação, baseado essencialmente na construção fantasmática e sua flutuante ambiguidade.

Como “O caos revisitado” que apresentaremos adiante, o acordo poético entre analista e analisando permite que se potencialize a capacidade operacional da experiência analítica, uma vez que o analista toma como guia o próprio constructo poético que recria as relações entre o antigo par romântico “corpo e alma”. Pela fantasia, em cada sessão de análise, a potencialidade poética do inconsciente retorna e retoma seu lugar. É preciso pôr de novo em cena e em palavras o rearranjo desses elementos que motivaram os sintomas que o analisando endereça ao analista.

## E DA POÉTICA À ESTÉTICA

Na arte, a poética é a disciplina que descreve o fenômeno artístico, atribuindo leis universais que configuram o texto de arte, e que se diferencia dos demais por produzir a qualidade de “apreciação estética”. Por muito tempo considerou-se que essas leis equivaliam às leis da beleza, fazendo coincidir qualidade estética com beleza. Com o passar dos anos, no entanto, a estética descola-se dos cânones do belo e estende-se como campo das qualidades do sentir; como capacidade de provocar afetação sensorial entre um autor e um receptor de uma obra, independente se tal efeito for associado à beleza, à feiura, ao grotesco ou mesmo ao bizarro. A estética passa a incluir em seus significados a disciplina de recepção, condição complementar para todo o ato de pôr em obra, num permanente dialogismo.

Em psicanálise, é evidente que o paradigma do “estranho” também provoca um rompimento da sinonímia entre beleza e estética (LOUREIRO, 2005; 2009). A partir de 1919, Freud mostra que uma das condições do analista é se pôr em posição de recepção do inquietante, associado a uma “estética da angústia”, que

expõe a ambivalência, o vazio, o enigmático e o horror no laço transferencial. Separar estética e beleza, no campo psicanalítico, equivale a considerar que não apenas a possibilidade de síntese e simbolização – paradigmas centrais do belo filosófico – seriam guias para uma experiência efetiva de análise. A provocação e sustentação da estranheza entre a dupla analista-analisando, na “atmosfera” analítica, indicam que essa dimensão da estética constitui motor complementar de rearranjo da cena fantasmática, não o seu entrave. Trata-se de uma dimensão da experiência humana na qual o estranhamento da relação com a alteridade ganha status de presença central, de tal maneira que a principal ferramenta de ação clínica do analista são a instabilidade e a ambiguidade próprias da gramática que constitui o texto do analisando.

O conjunto da obra freudiana integra um movimento de passagem da lógica da ordenação do pensamento para a lógica da vacilação do pensamento. De acordo com Rancière (2001/2009), essa passagem declara que no cerne da teorização existe uma união paradoxal entre *logos* e *pathos*, inerente ao modo de pensamento psicanalítico. Isso porque, em suas palavras, “o pensamento freudiano, para além de qualquer classicismo das referências artísticas de Freud, só se torna possível com base na revolução que opera a passagem do domínio das artes do reino da poética para o da estética” (RANCIÈRE, 2001/2009, p. 14). Se, ao longo da História, a estética reposiciona continuamente tal tensão entre eu e não-eu, ou entre *pathos* e *logos*, presume-se que reposicione também uma determinada relação da subjetividade com as manifestações da estética, nas quais se incluem então a formação e a manifestação do inconsciente. Por *pathos*, leia-se o que é estranho ao “si”, o que já não é o eu; por *logos*, o seu contrário; a apropriação e a clareza sobre si que pode ser posta em ato através de uma relação transferencial, como é exemplo o caso clínico que vamos trazer adiante.

Portanto, o aspecto central da dimensão estética na clínica é aquela relacional, própria de todo fenômeno que exige a presença de um receptor e um emissor de mensagens, com um objetivo que está para além da ideia de comunicação baseada nos códigos comuns da língua ou pelas imagens saturadas pelo senso comum. Assim como em uma manifestação de arte, tampouco em uma sessão de análise se pode separar por completo a criação subjetiva da apreensão estética (M’UZAN, 1977), e nossa pesquisa põe em discussão justamente aquilo que inspira um artista/um analista/ou um paciente a criar – a pôr em obra: o estado de abertura radical ao outro, a entrega ao “outro de si” na busca incessante pela liberdade de lhe e se dar novas faces. Essas considerações abrem caminho para elementos de extrema relevância no campo psicanalítico, nomeados pela manifestação do duplo, dos estados de despersonalização e fragmentação e de perda de limites entre as fronteiras psíquicas.

Do caminho que vai da poética à estética, é justo supor que isso que entendemos como “potência da obra” não se aplica apenas quando há representação e simbolização do “caos” pulsional, que deixam pistas para que o psicanalista vasculhe nos escombros e encontre o fio condutor que conduzirá a sessão. A potência de obra também está onde não há coisa alguma; e o trabalho analítico é o de “fazer estranhar” esse espaço. Por essa razão, é evidente que a construção teórica de Freud não poderia acontecer sem as análises a respeito das obras de arte e dos motivos da criação artística.

#### AQUELE FREUD “MEIO POETA, MEIO ESTETA”

Essas ideias levam, comumente, à investigação sobre um possível “lado” artístico de Freud, associado ao período do nascimento da psicanálise, quando existiu uma mútua infiltração entre Freud e a estética artística da época. Alguns autores dirão que ali germina-se a premissa básica de que, para o inconsciente, tudo ganha a marca do estético, uma vez que “não existem temas nobres e temas vulgares, muito menos episódios narrativos importantes e episódios descritivos acessórios. Não existe episódio, descrição ou frase que não carregue em si a potência da obra” (RANCIÈRE, 2001/2009, p. 35-36).

Estabelecer um “lado artista” para Freud pressupõe então estabelecer o lugar (sempre ocupado pela arte) de margem e tangência à construção do método clínico por excelência. Por exemplo, quando em 1930, Freud recebe o prestigioso Prêmio Goethe, a questão de o autor ser ou não “oficializado” como um escritor literário fica em suspenso. Como se sabe, a premiação foi instituída em 1927 na cidade de Frankfurt, cidade natal do poeta que lhe dá nome, e é considerada ainda hoje como um dos mais importantes eventos de reconhecimento intelectual e cultural da Alemanha, não limitado à literatura. No discurso da cerimônia que concedeu a honraria a Freud, Arnold Zweig constata o brilhantismo com que o autor atuou na psicanálise em diálogo com a arte, tendo sido sua própria extensa escrita reconhecida como valorosa do ponto de vista literário, porém não restrita a esse aspecto (BRACCO, 2011). Poderíamos dizer, então, valorosa do ponto de vista estético.

Sendo assim, nossa investigação não tende a tomar a relação de Freud com a arte – e, conseqüentemente, com a estética – como mero “acidente”. Se, em vez de tomarmos a arte como “mais um” dos múltiplos objetos de análise de Freud, nos lançarmos, alternativamente, num gesto estético de leitura dos trabalhos freudianos, concluímos que desde as primeiras investigações de Freud sobre o tema das obras de arte, ele incorporou a esfera da estética no próprio método clínico e antecipou a compreensão de que o detalhe, o fragmento e a parcialidade eram uma forma de dispersão de ideias visando à sementeira e às futuras colheitas.

A título de ilustração, lembremos que em 1905, o autor apresenta a uma plateia de colegas da medicina a conferência “Sobre a Psicoterapia” utilizando a comparação da técnica da psicanálise com a técnica utilizada na produção de esculturas. O trabalho de lapidar e moldar excessos, a busca por contato com o material bruto que sempre estivera ali, é posto como similar ao trabalho de derrubar as resistências do paciente, dando a ideia de que, em ambos os processos, há um trabalho de arte a ser empreendido. Mais tarde, em “A Dissecção da Personalidade Psíquica” (1933), ao definir a já conclusiva versão do aparelho psíquico, Freud volta a compará-lo às técnicas artísticas, afirmando que, se fôssemos colocar o psiquismo em contornos gráficos, o mais apropriado seria recorrermos aos pintores modernos, “com áreas cromáticas que se fundem umas nas outras” (FREUD, 1933/2010, pp. 222-223), ao invés – poderíamos supor – da técnica clássica de sombreamento.

Para Pontalis (1977), a relação da psicanálise com a literatura, por exemplo, marca em grande parte as origens do saber psicanalítico, configurando simultaneamente pilar e objeto de aplicação de suas questões. Toda a questão ficcional dos casos clínicos de Freud, relatados em tom romanesco, “o Projeto para uma Psicologia Científica jogado no papel como um poema em sua febre criativa” (PONTALIS, 1977, p. 5), o acervo epistolar e o ato “colocar em escritura” descrito em “A Interpretação dos Sonhos”, seriam dados sobre a dimensão estética que ergue os pilares do saber psicanalítico e esse fato seria mais importante do que a discussão sobre considerar ou não Freud um artista.

## O BELO E OS EIXOS METAPSICOLÓGICOS

Na metapsicologia freudiana, os principais conceitos articuladores das ideias sobre arte e beleza foram a sublimação; a inquietante estranheza e a regressão, apesar de o primeiro deles ser frequentemente associado ao “valor” estético ligado à beleza, à elaboração e à simbolização; isto é, à capacidade de revelar sentidos ocultos através das leis da forma estética, que devem sua constituição à história do belo.

Como vimos, uma vez que beleza e criação artística se encontram atreladas na metapsicologia freudiana, não se pode confundir esse par com a amplitude das manifestações estéticas; mesmo porque Freud foi além dele. A ideia de beleza, levada pelos trilhos da sublimação, “refere-se antes à harmonização interna ligada ao trabalho de integração, entender-se bem, ver-se bem, sentir-se bem, refletir sobre si mesmo o melhor possível e se exprimir da forma mais justa e mais verdadeira” (ROUSSILLON, 2010, p. 243). Já a inquietante estranheza e a regressão coabitam na construção teórica de Freud como uma espécie de “corpo

estranho” no conjunto das análises sobre arte e sublimação. Isso porque o autor articulou algumas figuras da arte que expressavam, para ele próprio, a ação de um irrepresentável, inapreensível para o psiquismo a não ser em seu caráter estético (RECH, 2019).

Por exemplo, o estudo sobre o “Moisés”, de Michelangelo (FREUD, 1914/2006) e a particular atenção aos contos fantásticos (FREUD, 1907; 1919), indicam que há uma elaboração subjacente em Freud, submersa no campo do fazer estético, para além do sintomático e para além da representação: aquela onde se performa um trabalho psíquico capaz de dar conta ao excedente pulsional por meio do gesto de apreensão e fruição das formas. Um modo de restauração da cadeia representacional e sensorial dos afetos (FREUD, 1985/2006), sejam eles expressos como palavra ou como ato.

Desse modo, nossa proposta de pesquisa absorve essa postura de Freud que, afinal, permanece uma espécie de “resto” de sua teoria sobre arte e beleza, de onde se busca a ação e os efeitos de elementos inscritos num registro aquém da representação, atuante tanto na recepção estética da arte como na recriação de um ato de vida e escolha. É o que defendem Pontalis e M’Uzan (1977) quando indicam que o objetivo de toda a análise é, por fim, “desenvolver um sentido de escrita”, embora seja necessário, de fato, que a psicanálise realize movimentos mais redutores em comparação aos movimentos expansivos próprios ao registro da arte. O fato de Freud ter sido “meio poeta, meio esteta” deixa como legado, afinal, que o método psicanalítico leva consigo uma raiz estética sob a qual o analista pode trabalhar. Tal raiz estética, para além dos apaziguamentos proporcionados pela beleza e pela harmonia das formas, dá notícias da regressão das formas como instrumento de sua própria recriação.

#### MICHEL DE M’UZAN: UMA NOVA PERSPECTIVA

A obra do psicanalista e escritor Michel de M’Uzan é notável porque se arrisca em questionamentos dessa natureza, realizando a inversão de algumas premissas básicas de Freud. Onde lemos em Freud “onde está o isso, o eu deve advir”, para M’Uzan trata-se do contrário: “onde está o eu, o isso deve advir”, indicando que a psicanálise é uma experiência de coabitação do eu com sua estética fragmentária própria. Onde Freud afirma que o efeito estético é *produto* da experiência inconsciente, M’Uzan compreende que ele é *produtor* de ações psíquicas, inclusive de construções na clínica psicanalítica. Na maioria dos trabalhos do autor, a hipótese psicanalítica está a serviço da criação *poiética* em sua exuberância formal.

O autor resgata elementos como ângulos, ritmos, som, cor, luz, expressões do corpo e figuras de linguagem, para buscar posteriormente os conceitos no arsenal teórico psicanalítico, figurando como um inovador da questão da criatividade e dos processos ligados à criação.

Suas hipóteses indicam que há um instante decisivo na experiência estética: uma espécie de “sumiço” do eu, totalmente passivo ao plano sensorial, em que o corpo está à mercê das formas do mundo. Para descrever essa disposição psíquica, o autor utiliza a noção de *saisissement*, expressão substantivada do verbo *saisir*, que na tradução para o português estaria aproximada à ação de “apreender bruscamente” ou “capturar algo de forma inesperada”. Ressonância do enigmático e do imponderável que permite que o estranho tome corpo na experiência de análise. Os silêncios e espaços de vazio e de ruptura promovidos no eu durante o processo psicanalítico poderão impulsionar a busca por uma reconstrução narcísica.

Entendemos, afinal, que o “âmago” da criação artística e a reflexão sobre a estética expõe a medula óssea do que nos leva a criar e recriar formas para a existência, processo que não pode ocorrer fora da zona de visão do outro. Onde analista e paciente representam e tantas vezes incorporam papéis e sensações para as quais apenas ensaiamos uma descrição inteligível, mas que tem no enigmático sua permanente matéria prima. Vamos a ela, a partir da apresentação de um caso clínico atendido por Halina Grynberg, descrito como uma experiência limite em uma clínica reinventada, vivida e formulada dentro do espaço/tempo transferencial, demarcando um corpo e uma direção de cura; um modo de saber estar no mundo do Outro. O caso é narrado em primeira pessoa do singular.

#### O CAOS REVISITADO: CASO CLÍNICO DE HALINA GRYNBERG

O trabalho criativo com a linguagem produzido entre o Dom e eu ganha o nome de “O Caos Revisitado”; título sugerido pelo paciente e mantido por nós a fim de acentuar sua vocação criativa e vislumbrado numa futura publicação, demanda que ele anuncia claramente. Juntos, construímos um processo narrativo e um discurso/estrutura na forma de um vocabulário, a partir de trocas que se estabeleceram no *setting* analítico a confrontar e legitimar suas vivências na realidade.

O significante “livro” instalou-se na transferência desde o nosso primeiro contato, num *stand* da Bienal de Livros, após um debate meu com a plateia. Do público, surge Dom, que solicita o cartão profissional e destaca: “agora sei que devo confiar nas minhas percepções”. Fazia referência a uma passagem comentada de meu livro onde eu “traduzira” para esse público de não

especialistas o conceito de confusão de línguas (FERENCZI, 1988), existente nas relações de duplo-vínculo.

Ao longo de um extenso e intenso processo analítico, Dom e eu construímos este artefato transferencial *sui-generis*: um vocabulário composto por léxicos e suas definições autorais, assinado pelo heterônimo escolhido pelo analisante, que aqui segue como o nome fictício do paciente. Diante da heteronímia, vejo-me na iminência de acompanhar uma travessia fantasmática, onde pulsão e linguagem se encontram num imaginário de onde brota uma tentativa simbólica.

Num primeiro momento, debati-me entre hipóteses diagnósticas, ao mesmo tempo que o caso exigia um desprendimento a suposição de saber absoluto, para que eu não viesse a encarnar uma das muitas “vozes” que diziam ao paciente o que fazer de sua vida, evitando tornar-me mais uma das figuras que, após terem sido alvo de seu amor, confiança e bem-querer, tornaram-se perseguidores inescrupulosos.

O impasse transferencial parecia construir uma continuidade entre o trabalho individual de elaboração e escritura de Dom e a nossa produção conjunta. Demandava a mim agora, como demandara a todos os seus mestres e orientadores, durante o curso do Mestrado, sem que me fosse designado o mesmo destino ao qual ele relegara a todos esses, substituindo-os um a um, deslizando de um a outro, sem amarração, sempre que eles “não entendiam” a linha de trabalho que ele queria desenvolver ou “só estavam interessados em atrelá-lo às pesquisas que já desenvolviam em interesse próprio”.

Mesmo diante das dúvidas sobre a conduta a assumir, optei por recusar qualquer classificação de causas e efeitos psiquiátricos, e decidi-me pela psicanálise. E por escutar, ou melhor, por ser testemunha de sua construção, minha aposta num modo de saber usar a linguagem do Outro sem ser por ele consumido. Assim, optamos pela construção do seu vocabulário; uma narrativa de linguagem sobre a língua. Um ato de criação, situado aquém da elaboração própria ao processo sublimatório, na construção de um arcabouço de significações que estivessem à disposição do seu ego, como um conjunto de memórias de palavras no pré-consciente.

No conforto dessa rede de enunciados transdisciplinares, pude transitar entre pares de opostos e de controvérsias, permitindo-me apenas um suposto saber e um suposto e provisório lugar de onde admirei e coproduzi o horizonte estético dessa narrativa clínica que suportou o teor de *experiência-limite* do caso. Na transferência, experimentamos o processo de recontextualização de ideias e afetos, representação de coisa e representação de palavras vividas no aqui e agora do

enquadre psicanalítico. Como analista, aceitei a função de semblante, e tomei o lugar de leitora e editora, solicitado na relação de transferência. Dom formula seu desejo com as seguintes palavras: “Se este livro, se o meu sofrimento ajudar alguém além de mim a se sentir melhor com a vida, já valeu a pena”. Com esta “epígrafe” marca-se a esperança de uma produção de sentido reconhecida e aceita com tal.

## ERA UMA VEZ UMA VOZ

Dom telefona para marcar a primeira entrevista e imediatamente reconecto voz à imagem que dele apreendi. Liga do estágio. Finaliza um mestrado em Inteligência Artificial, numa multinacional que desenvolve e comercializa programas e sistemas cibernéticos para computadores em rede. A cibernética é o estudo comparativo do sistema nervoso, do cérebro e dos sistemas de comunicação eletromecânicos. Profissão herdada da relação com o pai.

Em nossa primeira entrevista, sua fala é lenta, as pausas são largas e a voz é densa, como que impregnada de medicamentos e vazios. Dom está sem recursos para entender seus sentimentos, dar ordem aos pensamentos, criar fronteiras entre a realidade externa e sua interpretação do mundo, situar-se frente a outro ser humano, ouvi-lo e ouvir-se, sem estabelecer qual a diferença entre o que pensa dizer, o que diz e aquilo que os outros entendem. Embora muito deprimido e angustiado, dominado por constantes crises de ansiedade e medicado por um psiquiatra, mantém-se localizado no tempo e no espaço.

Não falta às consultas, três vezes por semana, e raramente se equivoca a respeito dos horários. Mesmo assim, telefona-me várias vezes ao dia, comenta que quer me ouvir, mantém-se em rede comigo, para dar pequenos informes ou observações, como se deixasse em mim um registro de sua existência no decorrer das horas. Demanda um Outro que se faça interlocutor. Minha voz garante a sua permanência no mundo da realidade, como se lhe fizesse compreender que sabe que não sabe o que diz.

As primeiras sessões decorrem numa atmosfera hipnótica; suas falas são quase inaudíveis. Assinalo: “não consigo te ouvir, não consigo entender o que você diz”. Ajeita o tom de voz sem ajeitar o corpo no divã; posição que escolheu. Retoma o balbucio. Retorna o sussurro. Quase não consigo respirar. Tento outra vez. Recorto, corto. Não encontro o discurso, nem a associação livre de ideias. Minha atenção não flutua, ao contrário, pesa-me muito. Onde o sujeito, onde o objeto? Sobre o que fala Dom? Por muito tempo, não sei. Ouço, é o meu desejo de analista. Digo: “Dom, quero ser mais do que um ouvido, quero que me diga

algo sobre você, o que lhe faz doer, o que busca”. Mas ele não sabe e, ainda assim, ou talvez por isso, continua a telefonar e vir às sessões.

Aos poucos, no movimento da cadeia significativa inconsciente que amarra precariamente um estado confusional, surgem algumas referências repetidas. As repetições acabam por ganhar uma certa cadência, uma rítmica significativa começa a ser produzida em torno dos seres humanos no mundo que Dom habita. Eles não o escutam e ele não os entende; eles o abandonam, desaparecem e o perseguem. Anseia por “continuidade”, palavra-chave do período inicial. Sem conseguir estabelecer alianças pessoais com os outros, tudo ao redor fecha-se em torno de uma alarmante solidão. Considera, às vezes, que o trabalho que desenvolve no estágio não se conecta com o dos outros profissionais, que não sintoniza o tempo da produção solicitada pela chefia e não consegue entender quem é quem na hierarquia de funções na empresa onde está. Outras vezes, contraditoriamente, sugere que aquilo que faz é tão especial que ninguém é capaz de entender. Por isso o agridem. Oscila de humor. E troca de posição sintática na frase: fala ou é falado? Não sabe. E, sobretudo, não sabe que não sabe. E continua a me buscar ao celular, onde encontra alguém que o ouve. E, talvez por isso, descobre que é ele quem fala para outro que o escuta.

#### QUANDO O ESTRANHO FAZ PARTE – O ATO PSICANALÍTICO

Na véspera de uma ausência de 4 dias de feriado, sugiro: “Dom, por que você não escreve, escreve mesmo, e não apenas palavras soltas, mas algo que descreva o que você está sentindo e me mostra quando eu voltar? Quem sabe você aguenta ficar com seus próprios pensamentos se os registrar no computador?”. Dom arrisca. No retorno, encontro na caixa de entrada de meu *e-mail* uma primeira e longa mensagem. Assunto: “palavras”. Dias depois, a segunda mensagem: “autorização”. E a terceira: “continuação do link autorizado”.

De volta às sessões, trago impressas as mensagens: “Por onde começamos?”, pergunto. Pede que eu decida e me recuso: “Como posso decidir sobre a organização de teu texto? Estas são tuas palavras e não minhas”. Entrego-lhe as páginas impressas, que as leve para casa e traga novamente quando descobrir a ordem que quer lhes dar. Na próxima sessão, organizada a sequência das mensagens de *e-mail*, me devolve os textos. Deita-se no divã, outra vez, e pede, como uma criança prestes a dormir, que os leia em voz alta para ele. Assim iniciamos uma nova passagem, um novo método: torno-me sua leitora.

Procuo decifrar o texto, caminhar por entre as frases desconexas, pontuação indefinida, sintaxe desgredada. Peço a sua ajuda, que me esclareça o que não entendo enquanto continuo lendo em voz alta suas mensagens para mim. Serão

para mim? Não há designação de endereçamento, nem assinatura; no final do texto tão somente “beijos”, esvaídos da mesma zona cinza de onde começa a formular o tema primeiro: “palavras”. Naquele ponto, Dom demanda um novo modo de trabalho, como uma produção em equipe, um laço social, dentro do espaço definido da sessão clínica: a construção de um vocabulário – seu e próprio, que lhe permita acessar e guardar o sentido das palavras na sua comunicação com os outros. E, assim, produza uma continuidade.

Inicia também a consulta e a reflexão sobre certas palavras num dicionário de língua portuguesa; descreve o sentido que estas palavras têm para si e compara com o sentido tradicional. Deste modo, torna-se capaz de comparar o que lhe dizem e aquilo que entende. Pede que eu o ajude: “preciso conhecer as palavras, senão não terei inconsciente” (a linguagem psicanalítica lhe é familiar). Aos poucos, desenvolve o registro do seu emprego particular da língua, considerando a relação entre o seu modo de expressão, o conteúdo, a apreensão pelo outro interlocutor e a sua resposta. Solicita uma testemunha para este processo, que eu o ajude a situar-se numa sintaxe gramatical comum a ambos. Quer estudar as palavras enquanto elementos de uma frase com suas relações de concordância, subordinação e ordem. A cada vez que não tem certeza de haver entendido algo do que eu dissera, na forma de uma alusão interpretativa, ou algo que colhera de um mal-entendido narrado em família ou no estágio, traz de casa um novo escrito para ser lido por mim em voz alta; algo como “versículos” ou “termos”. Pretende discutir as significações possíveis de cada palavra em seu respectivo contexto, a serem revistos por mim a cada sessão. Naquela etapa da análise, assume a posição sentada no divã.

A cada palavra definida, explorada, seguem-se, com a análise, momentos de experimentação com o seu sentido – no convívio com pessoas do mundo externo. Almeja, num esforço consciente, produzir um “sistema de ordenações”, como viria a postular mais adiante. Enquanto acompanho Dom no seu desejo de produzir esse sistema significante, que faça conexão entre o seu mundo interior e a realidade, surgem também esboços gráficos chamados de “representações de realidade”, tentativas de “desenhar” uma topografia de viver e sentir, conhecer e compartilhar. É um artífice gráfico atualmente; produtor de textos e desenhista.

A consequência disso é a constatação de que, de fato, na experiência analítica a lógica é menos determinante que a poesia. Se fazer poesia, portanto, é fazer violência ao uso comum da língua, é também permitir que o mesmo significante tenha em outro contexto um outro sentido, assim como o analista que, na função de intérprete/tradutor, se torna o parceiro da criação de novos sentidos e significantes para o sintoma.

Juntos, Dom e eu fizemos um percurso operacional narrativo. Uma escrita que teve leitor. Um ato de criação, para além da interpretação, da construção, ou complemento de consolo. Efeito de arte.

## REFERÊNCIAS

- ANZIEU, Didier. *Le Corps de L'ouvrier*. Éditions Gallimard, 1981.
- BRACCO, Mariangela Oliveira Kamnitzer. *Freud e o Prêmio Goethe*. J. Psicanal., São Paulo, v. 44, n. 81, p. 253-258, dez. 2011.
- FERENCZI, Sandor. *Escritos Psicanalíticos 1909-1933*. Ed. Taurus, RJ, 1988
- FREUD, Sigmund (1985). *Carta 52*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1905). *Sobre a Psicoterapia*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1914). *O Moisés de Michelangelo*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1919). *O Inquietante*. Trad.: Paulo César de Souza. Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14: São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. (1933). *A Dissecção da Personalidade Psíquica*. Trad.: Paulo César de Souza. Obras Completas de Sigmund Freud, v. 18: São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GAGNEBIN, Murielle. *Glossaire des principales notions élaborées par l'auteur*. In: M'UZAN, Michel de. *L'Inquiétude Permanente*. Paris: Gallimard, 2015.
- LOUREIRO, Inês. *Sobre as várias noções de estética em Freud*. Pulsional: Revista de Psicanálise, São Paulo, XVI (175): 23-32, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Notas sobre a fruição estética a partir de sua experiência-limite: a Síndrome de Stendhal*. Psyche (São Paulo) [online]. 2005, vol.9, n.16, pp. 97-114. ISSN 1415-1138.
- M'UZAN, Michel de. *L'Inquiétude Permanente*. Paris: Gallimard, 2015.
- \_\_\_\_\_. (1977). *De l'art à la mort*. Paris: Gallimard, 1977.
- MEZAN, Renato. *Metapsicologia/Fantasia*. Revista Brasileira de Psicanálise, 23 (4): 57-77, 1989.
- PONTALIS, J-B. «*Le rêve, entre Freud et Breton*», dans : *Entre le rêve et la douleur*, Paris, Gallimard, 1977, p. 60-61.
- PONTALIS, J-B & M'UZAN, Michel de. *Écrire, psychanalyser, écrire: échange de vues. Écrire la Psychanalyse*. Nouvelle Revue de Psychanalyse. Numero 16, automne 1977. Paris: Éditions Gallimard, 1977.
- RANCIÈRE, Jacques. (2001). *O Inconsciente Estético*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009, 80p.
- ROUSSILLON, René. “A capacidade de criar e a exigência de criar”. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 43, n. 79, p. 237-256, dez., 2010.
- SCARFONE, Dominique. “L'impassé, actualité de l'inconscient”, *Revue française de psychanalyse* 2014/5 (Vol. 78), p. 1357-1428. DOI 10.3917/rfp.785.1357

SCHNEIDER, Monique. Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud. Trad. Mônica M. Seincman. São Paulo: Editora Escuta, 1993.

[nota]

1. Pesquisa clínica inspirada nas contribuições da tese de doutorado RECH, M. *Nas raízes da sublimação: o estranho e o regressivo no âmago da arte*, apresentada em março de 2019 ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica UFRJ.

2. Psicanalista; mestre em Comunicação Social, UFRJ; escritora e produtora cultural. E-mail: [halinag@uol.com.br](mailto:halinag@uol.com.br)

3. Psicanalista; doutora em Teoria Psicanalítica, UFRJ; mestre em Teoria da Literatura (Universidade do Porto). E-mail: [mo.rech@gmail.com](mailto:mo.rech@gmail.com)

## IV. CORREIO

### A escuta sensória: o corpo saliva a palavra<sup>1</sup>

por HELIA BORGES<sup>2</sup>

Até o final da primeira metade do século XX, a transferência era compreendida como um dispositivo analítico que operava a partir de processos identificatórios – na suposição, portanto, da existência de um ego integrado. No entanto, atentos às questões clínicas Winnicott, Ferenczi e Bion problematizaram a limitação imposta pela visão da psicanálise clássica convocando a experiência sensorial, a-semiótica, para a cena analítica.

Do mesmo modo, no que tange à contratransferência, trouxeram contribuições fundamentais em relação ao modelo hegemônico em vigor, que reduzia esse fenômeno à resistência do analista. Propunham a contrapelo uma leitura da contratransferência como um dispositivo de acesso aos estados mais primários do existir, indo além da domesticação simbólica. Possibilitaram, então, com suas observações, uma aproximação do encontro entre analista e analisando como uma zona de colisão, um campo no qual se torna difícil distinguir um momento que pertence a um, de um momento que pertence ao outro.

Por suas contribuições, podemos dizer que esses autores apontam em direção à corporeidade como elemento que no encontro clínico ativa no analista sua visão reticular,<sup>1</sup> descentrada e transdutiva, possibilitando o acesso à característica neotênica<sup>2</sup> do ser. Cada um deles, à sua maneira, colocou o ambiente em cena, saindo da concepção do psiquismo reduzido à vida interior, apontando-nos a

---

<sup>1</sup> Estrutura que explica as alterações físicas, emocionais e mentais ocasionadas pela estimulação de algumas áreas periféricas como pele, músculos ou articulações. Congrega também motricidade e sistema autônomo, como a respiração.

<sup>2</sup> Caráter inacabado que confere plasticidade ao ser, *devir infans* – característica da permanência no adulto de seu estado larvar.

potência constituinte do encontro, pondo a descoberto uma série de elementos que vão se tornando evidentes ao longo da sua obra.

Não é ideia deste texto buscar um caminho de oposição ao modelo de clínica psicanalítica e seus construtos teóricos que vêm sendo disseminados e legitimados como a verdadeira psicanálise, mas abrir espaço para uma interlocução. Ou seja, não a partir de um discurso marginal em oposição ao estabelecido, reproduzindo o modelo colonizado/descolonizado, e sim levar em conta uma produção que se coloca na fronteira, em uma perspectiva transgressiva à lógica dominante que poderá resgatar espaços na clínica e, conseqüentemente, na teoria, para que potências singulares se manifestem em seus rearranjos sempre inaugurais.

Refletimos aqui, portanto, sobre uma prática psicanalítica em que seja possível sair de uma oposição ou contraposição ao modelo hegemônico da clínica majoritária, a fim de propiciar mecanismos de impulsionamento a propostas inaugurais, já que fazer clínica é matéria sempre inaugural. Neste sentido, a lógica de oposição funciona como mantenedora dos processos de colonização do pensamento, pois se sustenta em novos fundamentos e verdades sobre o sujeito, impedindo a emergência de conteúdos singulares.

Construção calcada no fato de ser possível acessar um lugar em que a emissão de signos seja experienciada como um campo de fricção em que os restos de vida – como os restos diurnos dos sonhos – fazem sua aparição. A ideia aqui é explorar, a partir de certos construtos teóricos oriundos da experimentação clínica propostos por Ferenczi, Winnicott e Bion, já que esses autores ressaltam a importância do ambiente no atravessamento dos sintomas, revertendo a perspectiva até então adotada pela psicanálise clássica. Assim, veremos fomentada uma prática que se estabelece buscando signos para além do discurso, fora do campo da representação, apontando o encontro sensorial como vetor expressivo do encontro. Nesta medida, a relação analista-analisando será evidenciada pela sutileza do encontro, de modo a abrir-se à experiência, ao devir, ao transformacional.

A transferência e a contratransferência, nesses clínicos, são vislumbradas como campo de captação de signos emitidos por estados intensivos, possibilitando ir além do que já tanto se discutiu e se entende por *o que se transfere*, ou *por que se transfere*, e possibilitar o acesso *ao como se transfere*. É o *como* que caracterizará o processo, em vez do objetivo ou do sentido; e tal processo é vivido na imersividade – campo da germinação do ser, estado larvar dos começos da vida.

Essa perspectiva, que se conecta com *o como se transfere*, implica novo modo de observar a relação transferencial, privilegiando os atravessamentos, as colisões, os espaços contínuos, os contágios.

Bion, Ferenczi e Winnicott contribuem para um fazer analítico operando uma rebeldia ao projeto hegemônico da psicanálise e, a partir de suas proposições afetivas, ou seja, valorizando o campo do encontro sensório entre analista e analisando, fazem saltar as composições imanentes que povoam o espaço clínico.

Suas contribuições fazem valer aspectos fundamentais da prática clínica em que o analista não se coloca como colonizador, implicando seus conteúdos ideativos ao outro, mas, justamente, uma clínica que se realiza pelo encontro, na medida em que são os campos de afecção, que se manifestam via corporeidade, aqueles que oferecem os novos percursos para atingir um saber que pode produzir desvio ao instituído.

Nessa perspectiva, a questão de Guattari, que permanece *hoje* colocada – “seriam os modelos de inconsciente [...] convenientes às condições atuais de produção de subjetividade?” (GUATTARI, 1990, p. 8) – já estava sendo evocada por esses três clínicos em seus construtos teóricos no começo e meados do século XX.

## FERENCZI

Ferenczi perturbou, em sua época, a teoria da técnica psicanalítica quase ao mesmo momento em que ela própria foi instituída. Seu espírito subversivo, ou sua excentricidade clínica, fez com que, denegado, permanecesse dentro de um certo esquecimento, uma certa censura. O que sua obra redescoberta nos aponta é essencial, particularmente hoje, quando certas problemáticas psíquicas aparecem de maneira muito aguda pela trajetória de nossa cultura, obrigando-nos a repensar conceitos e métodos.

Desde esse ponto vista, com efeito, os primeiros questionamentos de Ferenczi, colocados de modo corajoso, são referidos aos sofrimentos oriundos do campo social nas produções subjetivas. Trouxe contribuições inaugurais e fundamentais em suas reflexões sobre o tratamento do sofrimento psíquico dos pacientes, na relação entre analista e analisando, o desejo de cura deste último, assim como em relação ao analista nos efeitos sobre o analisando, de seu comportamento, sua atenção, suas palavras ou seus silêncios – em uma só palavra: seu tato. Ora, não podemos deixar de nos colocar essas questões de interação mútua no dispositivo terapêutico.

Graças aos seus primeiros textos, podemos desobstruir as intuições clínicas para compreender casos clínicos que sofreram marginalização em função da dúvida sobre a possibilidade de percorrer uma trajetória analítica singular. O conceito de fuga para doença, evocado por Ferenczi, revela sua atualidade mostrando-nos que o sintoma atualiza forças que não encontram modos de se manifestar a não ser pela dor, sendo o sintoma uma consequência, e não a causa de sofrimentos psíquicos.

Sua atualidade se deve, principalmente, aos impasses de uma psicanálise que, na busca pelo ideal científico, colocou de lado o sujeito e sua relação imediata com a cultura, comprometendo-se com um saber endurecido, “purificado” visando a sua inscrição em um ambiente legitimado pelo logocentrismo. Neste sentido, da relação entre cultura e sujeito, nos seus primeiros textos, as ideias de sofrimento, de vida e de morte nos revelam um Ferenczi particularmente sensível às condições sociais na produção de patologias, denunciando as injustiças e contradições da sociedade.

Seu *Diário Clínico* é um documento diferencial, tanto por sua forma muito pessoal, como pelo seu conteúdo. Nesses textos aborda problemas teóricos/clínicos do psicanalista ao longo das sessões, e se coloca questões sem jamais perder de vista o jogo e as sutilezas dos processos transferenciais e contratransferências que tratará com rigor e, com efeito, busca com suas anotações de uso pessoal uma nova teoria da psicanálise a partir da experimentação.

A elasticidade da clínica: cada relação convoca um modo singular, o “tato” do analista: o sentir com o paciente, a capacidade empática – são temas da obra de Ferenczi desde seus primeiros escritos e, assim como o controle da hipocrisia e do narcisismo do analista, são questões para ele fundamentais, que podem viabilizar ou inviabilizar uma clínica analítica. São tais constatações que colocam em questão a ideia comumente veiculada na época, de que alguns casos não seriam passíveis do processo analítico, revelando a abertura para o manejo do analista – ou seja, a técnica analítica é que deve ser modificada, adaptada, desenvolvida em função da necessidade dos pacientes.

Ferenczi denuncia o caminho que havia sido tomado por alguns analistas ao estimularem uma posição passiva em seus analisandos, retirando destes sua capacidade aloplástica em transformar ativamente suas vidas e, a partir das situações traumáticas revividas em análise, constituir novas possibilidades existenciais. Ao tratar da questão do trauma, retira lições para conduzir a tarefa terapêutica. Seus pacientes, que não seriam vistos como neuróticos clássicos, o motivaram a modificar a técnica psicanalítica ortodoxa, voltando-se para o que se

coloca nas zonas não representacionais da psique, nas bordas, deixando lugar ao não verbal, às afecções.

O conceito de traumatismo fez parte das bagagens da psicanálise desde seus começos e constitui-se como um núcleo teórico fundamental. A princípio marcado pelo modelo de causalidade hereditária dominante na época, num segundo tempo – momento considerado como inaugural da psicanálise –, Freud abandona a teoria da sedução, a fim de promover a realidade psíquica que se torna objeto por excelência de investigação psicanalítica. O abandono da noção de traumatismo foi relativo; Freud voltou muitas vezes a ela por incorrer um duplo risco: de um lado, privilegiar o ilusório na reconstrução de uma verdade histórica em detrimento da participação fantasmática do sujeito; e de outro, avantajar o fantasma ao risco de desconhecer a realidade de traumatismo com sua dimensão sócio-histórica.

A diferença de concepção do traumatismo entre Freud e Ferenczi se situa no centro desse debate. Face ao acontecimento traumático, que vem dar corpo a qualquer coisa de irrepresentável, o psiquismo não pode assegurar sua tarefa virtual, que é de integrar os elementos do mundo exterior, pois o excesso do fator quantitativo ultrapassa a capacidade de elaboração. Ferenczi, assim, coloca em cena a ideia da realidade traumática, trazendo-nos a questão fundamental que seria a paralisia do pensamento. E, a partir da experiência traumática face ao efeito destruidor do trauma no psiquismo, como forma de sobrevivência, produzir-se-ia uma autoclivagem. O paciente se desdobra: uma parte da personalidade continua a viver e a se desenvolver, enquanto outra permanece enquistada e aparentemente inatingível, mas pronta a ser reativada via processo transferencial.

Para Ferenczi, este jogo transferência-contratransferência, portanto, será o que permitiria sua elaboração, o que implicaria uma participação emocional do analista no qual as qualidades requeridas serão o tato, a indulgência, a delicadeza ajudando os pacientes que resistem a abordar a dor do trauma, apontando que a fuga de não sentir e não saber é pior do que os sintomas nos quais se refugia. É nessa linha de pensamento que Ferenczi, no *Diário Clínico* datado de 8 de agosto de 1932, faz uma crítica a sua frieza enquanto analista, sustentado na posição de neutralidade característica. No seu compromisso com uma clínica ativa, Ferenczi não hesita em colocar suas falhas e reconhecer a importância do jogo de intimidade vivo entre analista e analisando. Nesse texto, abordando um caso clínico a partir de uma experiência traumática e da dificuldade em ajudar a paciente a sair de sua paralisia em relação às associações livres, nos diz:

[...] começou a dedicar-se seriamente a associação livre perguntando-se o que é que poderia ter mudado para que ela se sentisse mais altura dessa tarefa penosa, a própria paciente respondeu: “neste meio tempo, minha confiança em você aumentou de tal modo que por esse fato tornei-me capaz disso, de associar [...] Espero que você agora me trate de uma forma diferente da de antes, do tempo de minha doença”. Essa esperança é perfeitamente justificada; no intervalo havia chegado à convicção de que, apoiando-me nas regras fundamentais da análise, portara-me em relação a B. com excessiva frieza, poderia até dizer crueldade. Essa confissão de minha parte e a mudança de minha disposição emocional que disso decorria, logicamente, aumentou cada vez mais a confiança nela [...] (FERENCZI, [1932], 1990, p. 239).

A qualidade de presença do analista é então de importância fundamental no processo. O autor nos convida, nós clínicos, a uma atitude particularmente humana, respeitosa, autêntica e humilde, como analistas ou psicoterapeutas, desenvolvendo maior sensibilidade dirigida aos pacientes com os quais a técnica psicanalítica deve-se fazer elástica.

É importante, portanto, estar atento para a questão do processo de colonização, anteriormente abordado. O trauma nos convoca a refletir sobre a experiência de clivagem, que tem como decorrência o impedimento ao pensamento crítico, pois reproduz a lógica daquele que o violenta, impondo sua verdade ao outro. Impossibilitado ao pensamento crítico, o sujeito se condena e se abandona. E, em um movimento de transformação subjetiva, autoplástico, identifica-se à lógica perversa e se organiza através das práticas que instauram a alienação de si pelo subjugamento aos ideais daqueles que ocupam o lugar de poder, reproduzindo a mesma lógica.

Assim como Ferenczi, ocupado com as questões do ambiente, Winnicott nos convoca para uma prática clínica que evidencia a relação dinâmica que se dá em uma escuta que se dirige ao outro, e não ao texto. Ou seja, preocupado com as sequelas do ambiente nas produções subjetivas, volta-se para as comunicações que se dão fora do campo discursivo, interpretativo, visando restituir um possível.

## WINNICOTT

Tendo em vista que o processo de identificação pressupõe um ego integrado para que haja um eu e um outro, Winnicott, em suas investigações clínicas, propôs a transferência como campo de captação do que não se encontra no sentido representado, de modo a realizar uma torção necessária no entendimento do

processo transferencial que até então, segundo a proposição freudiana, se via sustentada nos processos identificatórios. A contratransferência seria vivida e revista, a partir daí, como um *perder-se no outro*, como um sonho partilhado aproximando-se aqui de problematizações trazidas por Bion em relação ao encontro clínico.

Neste sentido, há uma modificação do trabalho analítico. Winnicott alarga o conceito de transferência ao mergulhar nos estados-limite, e o efeito é que esta não se apresenta como uma entidade determinada, pois não é possível estabelecer uma neurose de transferência como na perspectiva clássica freudiana, porque requereria um ego integrado capaz de manter as defesas contra a angústia. É através do *ir ao encontro do paciente*, quando o analista se disponibiliza para os espaços de *sintonia afetiva*, que poderá ser desencadeado o próprio processo de *continuar a ser* que, permitindo a diferenciação, possibilitará a transformação do ser num *eu de ser que se diferencia*.

O ambiente – que é o corpo da mãe, com seus cuidados e receptividades acuradas para as necessidades do bebê – deve funcionar como referência para o analista. Para Winnicott, o *setting* é o corpo do analista, que se coloca disponível como campo de afecção no encontro com o paciente.

Uma característica da transferência nesse estado é que o analista permite ao paciente ser: ser o presente. O presente retorna ao passado e é o passado. Ação clínica que se retira de um *topos* já conhecido e insuficiente – regulado pelo interpretar signos ou decifrar signos, ao aproximar-se da força de um estado de presença.

O *setting*, nessa lógica – ao contrário do que se passa quando o eu está intacto –, é que o encontro, o acontecimento, é a ocorrência mais importante que a interpretação. Winnicott, desde tal perspectiva, explicita-nos o que entende por *setting*. Diz ele: “Por *setting*, quero dizer a soma de todos os detalhes do manejo” (WINNICOTT, 1978, p. 486). Designa o comportamento do analista *suficientemente bom*, como na relação mãe-bebê em termos de adaptação do *self* às necessidades do paciente no corpo-a-corpo.

Problematiza-se, assim, o lugar de ausência, lugar de neutralidade característico de um certo fazer clínico, na medida em que o *setting* passa a ser apreendido como *locus* no qual analista e ambiente se confundem, propiciando a aquisição de novos instrumentos que assegurem alterar as decorrências do trauma, para fazer emergir variantes de desassujeitamento (FOUCAULT, 1990, p. 40). Variantes de desassujeitamento entendidos como processos de ruptura e desvio dos estados de colonização indicativos dos sintomas.

Assim como Ferenczi, Winnicott implica-se em um exame de sua contratransferência, utilizando suas falhas visando facilitar – pelo incremento da confiança, a apropriação, pelo paciente, de sua capacidade em lidar com a realidade, liberar o agir, favorecendo atos de criação. Na aproximação que realiza aos estados mais primários do existir, Winnicott acessa estados constituintes do trajeto vivido, e nesse modo de apreender irá pensar a transferência como uma experiência assubjetiva, pois o que há é “a experiência do *perder-se no outro*” (OGDEN, 2017, p. 177), característica da unidade dual mãe-bebê que existe nesse momento de vida.

A transferência se manifesta, portanto, como uma possibilidade de ir além dos vetores de comunicação consciente, dos conteúdos discursivos, pois a partir do encontro clínico, toca nos *entre-meios*, no campo intensivo que nomeia espaço potencial, onde ilusão e realidade se implicam imersivamente. O encontro nesse estado primário se dá como na interação entre mãe e bebê, atravessados pela emissão de signos assemióticos, signos afetivos que se baseiam no ritmo e na estrutura melódica do comportamento; e ainda, na comunicação não verbal, desde as performances de gestos, vocalizes, expressões faciais... Assim, a ideia seria orientar o processo transferencial (e contratransferencial) na direção do atravessamento dos signos, pela atmosfera, pelas pequenas percepções, pelas percepções dos micromovimentos que se dão no interior do corpo e que se expressam como nos atos performáticos do bebê.

No artigo “Contratransferência” (1960), o autor ressalta a importância da singularidade do gesto analítico, pois a atitude profissional se relaciona, na sua imediaticidade, ao *como somos* quando exercemos nossa profissão, de modo que, no mesmo ato, cada análise é uma análise, como cada olhar analítico é um olhar analítico, retirando o processo transferencial dos modelos estabelecidos para acessar, a partir daí, o *modo* como se transfere.

Nesta direção, ressalta no mesmo artigo que “o psicoterapeuta (analista ou psicólogo analista) deve permanecer vulnerável, e ainda assim, reter seu papel profissional durante suas horas de trabalho” (WINNICOTT, 1983, p. 147). Assim, também, no texto “Os objetivos do tratamento psicanalítico” (1962), podemos dizer que Winnicott realiza uma torção no conceito de neutralidade, pois para ele o lugar do analista deveria ser o de uma presença ativa. Diz ele: “Ao praticar psicanálise, tenho o propósito de: me manter vivo; me manter bem; me manter desperto” (WINNICOTT, 1983, p. 152). Justo para ocupar o lugar da entrega necessária, o *perder-se no outro* – é preciso que o analista esteja vivo, bem e desperto, compondo uma cartografia do encontro clínico aberto aos trânsitos necessários.

A transferência-contratransferência, então, se coloca para esse clínico como um trânsito passível de acessar a linha contínua entre o fora e o dentro, *o entre-meios*, perspectiva que nos remete à experiência da queda, no deslocamento entre os dois planos característica da queda, nos movimentos para cima e para baixo. E é pelo acolhimento, pelo *ir em direção ao outro*, pelo *holding* que se desenvolve a capacidade de confiança na vida quando se aprende a cair; a queda como experiência encarnada na sustentação das linhas dos planos: o colo. A queda é o voo, a queda é o trânsito, a queda é o gozo. No *holding* está sendo construído, pela ação motora de um corpo sobre outro, o estar seguro aos empuxos gravitacionais. Winnicott, nos artigos “Medo do colapso” (1963) e “A psicologia da loucura: uma contribuição à psicanálise” (1965), nos questiona e chama atenção para o fato de que a loucura, na verdade, pertence a todos nós, e seria esta capacidade do analista em, de certo modo, acessar seus estados insanos, que permitiria ajudar o analisando, a viver no *setting* a experiência necessária de enlouquecer para a resolução dos sintomas. Afirma que:

[...] pode-se tirar a conclusão de que esse medo se acha relacionado a experiências passadas do indivíduo e aos caprichos ambientais. Ao mesmo tempo, tem-se de esperar um denominador comum do mesmo medo, a indicar fenômenos universais, já que estes, em verdade, tornam possível a todos saber empaticamente o que se sente quando um de nossos pacientes apresenta esse medo em grande escala (o mesmo se pode dizer, em verdade, de todos os detalhes da insanidade da pessoa insana. Todos nós conhecemos, embora esse detalhe específico possa não estar nos incomodando). (WINNICOTT [1963], 1994, p. 70-71).

Por colapso, Winnicott entende a condição de fracasso das defesas que sustentariam sintomaticamente um modo de lidar com a angústia maior que se localizaria na experiência da insanidade, total desamparo às forças intensivas, pulsionais que poderiam irromper violentamente, desorganizando e desafiando os estados de consciência decorrentes de um suposto ego integrado. Chama de “o impensável estado de coisas subjacente à organização defensiva” (WINNICOTT, [1963] 1994, p. 71).

A maior ameaça, porém, segundo o autor, advém pelo fracasso do ambiente em sustentar os estados de dependência mais primitivos. Para Winnicott, seria a provisão ambiental decorrente do *holding*, da sustentação, que poderia – ou poderá via encontro clínico – efetivar a experiência de sustentar-se em oposição ao medo de falência, de uma queda sem fim. Como na ação da gravidade sobre o corpo... a queda infindável, por exemplo, como anúncio de desaparecimento, morte, aniquilação, ameaças vividas nos estágios iniciais da vida que, ao serem acolhidas, desencadeiam a instalação da psique na soma.

É em “Medo do colapso” (1963), ainda, que Winnicott proporá a assertiva paradoxal de que o que o paciente precisaria reviver na análise é a experiência de entrar em contato com algo que não existiu e, portanto, algo que não pode ser integrado na experiência de amadurecimento e que permite a aquisição do estado de autonomia relativa, ou seja, da capacidade em lidar com a vida, com a realidade. Essa ideia sinaliza não só a importância de retirar a loucura de um lugar marginal, afirmando-a, mas também de propor uma torção no conceito de rememoração do fato vivido, para uma perspectiva em que seja possível, no encontro clínico, inventar, criar um fato novo – fato que, embora já tenha sido vivido, não pode ser experienciado. Paradoxo que nos traz de volta a complexidade da existência fora dos gonzos normalizadores.

## BION

As ideias de que os traços traumáticos estão à espera de representação e de que a experiência emocional procura ser rememorada no quadro transferencial está ao centro do modelo da psique elaborada por Bion, de forma que podemos considerá-lo como descendente de Ferenczi pela filiação kleiniana, o que o aproxima de Winnicott, assim como prolonga e esclarece, retroativamente, as ideias de Ferenczi.

Os pacientes traumatizados serão confrontados ao seu limite: um pensamento que se lhes apresenta da ordem do impensável, o que os coage, segundo a terminologia de Bion, a produzir um aparelho que permita pensar *os pensamentos que já estão lá*. Carregado de suas virtualidades significantes, os elementos ligados ao trauma assaltam a psique à procura de uma transformação.

Toma o modelo do aparelho psíquico apresentado por Freud no capítulo da interpretação dos sonhos – o tema da consciência como órgão de percepção periférico, em duplo contato, centrípeto e centrífugo, com a realidade externa e a realidade interna. Essa percepção periférica designa um estado mental que coexiste toda a vida em graus variados para cada indivíduo. Esse estado se assemelha aos estados psicóticos, que se caracterizam por alguns traços dominantes: a intolerância à frustração; a predominância de pulsões destrutivas – que se exprimem por um ódio violento contra a realidade externa e interna; nos esvaziamentos eminentes; e no estabelecimento de relações marcadas, ao mesmo tempo, de modo paradoxal, por sua precariedade e pela tenacidade do sujeito a preservá-las.

Tal como já nos apontavam Ferenczi e Winnicott, Bion acreditava que pelo mecanismo da introjeção projetiva é possível diferenciar estados psicóticos de não

psicóticos, na medida em que a criança que encontra um ambiente favorável pode sustentar a possibilidade de reduzir as experiências emocionais de violência. Bion considera os mecanismos de identificação projetiva como origem da atividade que se tornará posteriormente o processo de pensamento e que pressupõe o desenvolvimento da relação empática com o objeto, da comunicação com outrem e da formação de símbolos. No registro patológico, a hipertrofia dos processos de identificação projetiva se acompanha da distorção da relação dinâmica continente-conteúdo.

Essa situação é marcada pela predominância da inveja e da voracidade em que se exprime o conflito jamais resolvido entre vida e morte. Ou seja, a tendência a expulsar tudo aquilo que toca a frustração, e a dor se manifesta em particular sob as formas de tentativa de destruição do órgão de percepção interna e de ataque sádicos dirigidos contra o ego e a fonte do pensamento, aos estados germinativos. Estado mental dirigido contra o próprio aparelho psíquico, contra a matriz do pensamento e da linguagem, tomando a forma de *ataque aos vínculos*, ao estabelecimento de laços, e não aos objetos, como na perspectiva clássica.

Assim, Bion nos propõe uma leitura renovada da relação sujeito/objeto, trazendo para a cena a importância do espaço que se constitui nos *entre-meios*, como nos propõem tanto Ferenczi, como Winnicott, ao transitarem por suas conceituações clínicas. Os ataques sádicos, então, se dariam dirigidos contra as funções de um estado nascente, e no qual o papel consiste precisamente em estabelecer os laços, que são consciência, atenção e julgamento. Portanto, *o não poder pensar* decorrente do fracasso do vínculo leva à perda de toda a capacidade de síntese, que evidencia um aglomerado informe e que se caracteriza pela incapacidade de produzir as transformações necessárias do material psíquico.

A dissociação, pela clivagem patológica, das partes do aparelho mental produz uma multidão de fragmentos minúsculos, objetos bizarros que não podem ser recuperados pelo pensamento. A esses objetos bizarros, Bion chamará de “elementos beta”, que não podem mais ser projetados, nem reprimidos.

Bion retoma e desenvolve a teoria da primeira tópica freudiana. Do estado de angústia descrito como descarga motora emocional, seguida da emergência da ação adaptada, primeiro inconsciente, o pensamento implica o uso de uma energia ligada sob a forma de pequenas quantidades aplicadas à sensorialidade, ou seja, elementos beta. Postula, assim, a existência de pensamentos primitivos, de protopensamentos anteriores à formação do aparelho de *pensar os pensamentos*. Impressões sensoriais e vivências emocionais ligadas à presença, mas sobretudo à ausência, esses protopensamentos podem se desenvolver em elementos alfa, em pensamentos que representam a coisa em si, seja ao contrário, vividos como

excrescências indesejáveis de maus objetos então expulsos sob a forma de elementos beta.

[...] os *elementos beta* e *elementos alfa* pretendem detonar objetos que não são desconhecidos e que podem mesmo não existir. Referindo-me a *elementos beta* e *função alfa*, pretendo viabilizar a discussão de algo, ou falar sobre isso, antes de saber o que vem a ser “isso”. Correndo o risco de sugerir um significado, quando desejo que o sinal represente algo cujo significado seja uma questão em aberto, a ser respondida pelo analista através de sua própria experiência, devo explicar que o termo *elemento-beta* objetiva abranger fenômenos que talvez não possam ser considerados em absoluto como pensamentos [...] [como] os objetos bizarros. (BION, 1976, p.21-22).

Bion denomina de “função alfa” a capacidade simbólica primordial que permite a transformação dos protopensamentos em representações. O elemento alfa é a função mesma do aparelho de pensar. A proliferação de elementos alfa se organiza em uma barreira de contato, membrana semipermeável, que é comparável ao processo do sonho e representa o princípio da separação entre a realidade externa e a realidade interna, atividade de vigília e de sono, de consciente e inconsciente.

É também nesse sentido que podemos nos aproximar da perspectiva bioniana, que tal como Winnicott, seguindo os passos inaugurais de Ferenczi, nos conduz a uma reflexão sobre figura materna que, no espaço-tempo, poderá ajudar o desenvolvimento de seu bebê, através do dispositivo da *psicose*<sup>2</sup>, como condição para realizar o que denomina *preocupação materna primária*. Esta tarefa se realizaria por um aumento da sensibilidade, aumento que teria a função de acompanhar o bebê nas suas necessidades básicas, no seu ritmo.

Somente quando possui sensibilidade do tipo de que estou descrevendo é que uma mãe pode sentir como se estivesse no lugar do bebê e deste modo responder às necessidades do bebê. Estas são inicialmente necessidades corporais e gradualmente tornam-se necessidades do ego, à medida que, a partir da elaboração imaginativa da experiência física, surge a Psicologia. (WINNICOTT, 1978, p. 496).

Assim, podemos pensar esta *disfunção*, característica da capacidade psíquica materna ao se ocupar da construção de um outro, como algo que estaria à disposição para ser vivido e, assim, viabilizar a qualidade de intimidade no encontro com o *outro*. É esta abertura para o outro, a ativação de um estado

---

<sup>2</sup> Ferenczi, ao falar do amor, sugere que o encontro amoroso é um encontro psicótico possível, em que o psiquismo de um se abriria ao psiquismo do outro (cf. LORIN, 1983).

deiscente, que possibilitará, em última instância, o pensamento como criação – pois esta abertura é uma *realização ativado ambiente* ao novo. Esta característica se torna uma experiência que inocula na subjetividade do bebê uma forma de existência que pode ser evocada pelos sentidos, na troca com o mundo.

Nesta trilha, Bion pesquisará, a partir de seu trabalho com pacientes psicóticos, modos de contato e elaboração psíquica, o que enriquece a clínica com as demandas que surgem nos dias de hoje. É ele quem nos diz:

Graças à superfície de contato beta o paciente psicótico tem a capacidade de suscitar emoções no analista; suas associações são os elementos da superfície de contato beta destinados a suscitar uma interpretação, ou qualquer outra resposta, menos ligada à necessidade de uma interpretação psicanalítica que a de induzir ao engajamento emocional.<sup>3</sup> (BION, 1979, p. 41).

Segundo Bion, o papel metabolizador da personagem materna permite transformar os protopensamentos em elementos alfa, por meio de sua reintrojeção. Designa esse mecanismo particular de retroação característico da maternagem como a capacidade de *rêverie*. A *rêverie* é um canal que permite o trânsito das emoções do *infans* até a mãe, e dela até o filho. Essa misteriosa função permite, facilita e propicia que a experiência sensorial do bebê, constituída pelos *elementos beta*, seja acolhida, sonhada, compreendida, significada e transformada pela mãe pensante, pelo devaneio.

Bion propõe, a partir daí, que essa condição experiencial dos atravessamentos sensórios entre analista e paciente seja uma prática que desocupe a mente do analista das concepções formuladas pelas teorias psicanalíticas e experimente o estado de abertura para as conexões nos *entre-meios*, através da experiência do sonhar conjunto característico da *rêverie*. Sintonicamente às proposições ao *aberto*<sup>4</sup> de Ferenczi e Winnicott, Bion nos chama atenção para o que André Green já o havia alertado, convocando o enunciado de Blanchot: “a resposta é a doença, o infortúnio, da pergunta”<sup>5</sup> (BION, 2017, p.19).

O Pensamento sem Pensador, o inconsciente infinito, que Bion designará como “O”, se apresenta sob a forma de vividos emocionais primitivos, em que a aparição surge como uma forma particular de experiência, a intuição. Bion nos

---

<sup>3</sup> “Grâce à l’écran bêta, le patient psychotique a la capacité de susciter des émotions chez l’analyste; ses associations sont les éléments de l’écran-bêta destinés à susciter une interprétation, ou toute autre réponse, moins liées au besoins d’une interprétation psychanalytique qu’à celui induire un engagement émotionnel” (tradução livre da autora).

<sup>4</sup> Refiro-me aqui ao conceito utilizado por alguns pensadores contemporâneos ao formular a ideia de um campo infinito de deslizamento, local da possibilidade, zona de não conhecimento.

<sup>5</sup> “La réponse est le malheur de la question” [(Maurice Blanchot, 1907-2003). *L’Entretien Infini*].

aponta que é a intuição, como descoberta do novo, o modo de conhecimento que se caracteriza por fazer observar e realizar as transformações do incognoscível, do ser sendo.

Fenômeno que transparece na atmosfera das emoções, das palavras e do pensamento. O saber sobre “O” identifica e modifica o devir, apontando o caráter interminável de uma análise. Portanto, o analista não mais toma as teorias psicanalíticas como geometrias (modelo cientificista), passando a ser um explorador renitente em suas próprias experiências clínicas, auxiliado pelas comunicações de exploradores (analistas) anteriores. Nesta última visão, teorias deixam de ser tomadas como moldes, para se voltarem à experiência singular do encontro.

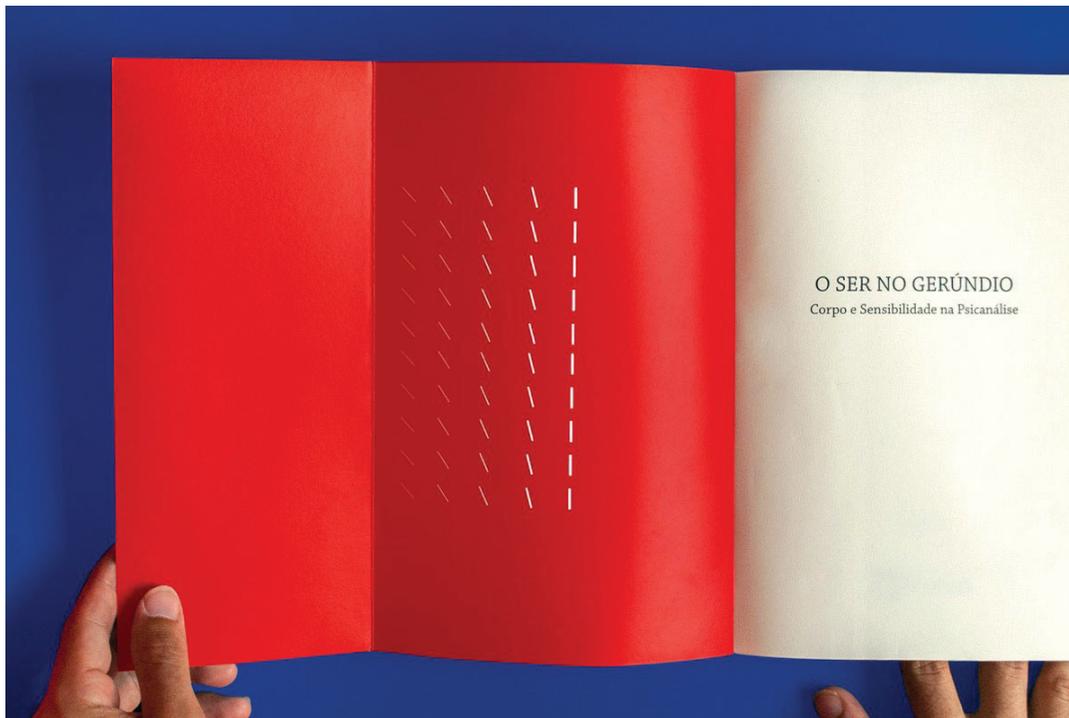
#### REFERÊNCIAS

- BION, W. *Aux Source de L'Expérience*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.
- BION, W. *Domesticando pensamentos selvagens*. São Paulo: Blucher, 2016.
- BION, W. *Seminários na Clínica Tavistock*. São Paulo: Blucher, 2017.
- GUATTARI, F. *Linguagem, consciência e sociedade*. In: LANCETTI, A. (Org.). *Saúde e Loucura*. 2. 3ed. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 3-17.
- FERENCZI, S. *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FOUCAULT, M. *Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung*. In: Bulletin de la Société Française de Philosophie, v. 82, n. 2, p. 40, 1990 (Conferência proferida em 27 de maio de 1978).
- LORIN, C. *Le Jeune Ferenczi*. Paris: Aubier Montaigne, 1983.
- OGDEN, T. *A matriz da mente*. São Paulo: Blucher, 2017.
- WINNICOTT, D. *Preocupação materna primária*. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978 [1956].
- WINNICOTT, D. *O medo do colapso*. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994 [1963].
- WINNICOTT, D. *A psicologia da loucura: uma contribuição à psicanálise*. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994 [1965].
- WINNICOTT, D. *O objetivo do tratamento*. In: \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983 [1962].
- WINNICOTT, D. *Contratransferência*. In: \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983 [1960].

[nota]

1. Trabalho apresentado na SPID, nos Encontros Clínicos, no dia 8/5/2019.

2. Psicanalista; membro do Grupo de Pesquisa Sandor Ferenczi; doutora, IMS/UERJ; professora da graduação e da pós-graduação da Faculdade Angel Vianna; autora do livro *O movimento, o corpo e a clínica*. E-mail: borges.helia@gmail.com



## V. ANTENA

### Resenha: No gerúndio, memória de Eduardo Rozenhal<sup>1</sup>

por NINFA PARREIRAS<sup>2</sup>

A publicação de livros de psicanálise é sempre muito bem-vinda, principalmente, quando traz a discussão contemporânea acerca da clínica e da teoria. *O ser no gerúndio, corpo e sensibilidade na Psicanálise*, publicado há cinco anos, tem muito a nos dizer. Além de apresentar os impasses da clínica diante das compulsões, da insaciabilidade de desejos e dos excessos, valoriza a afetividade e os sinais de linguagem não verbal que podem chegar com a transferência. É um livro que dialoga com a nossa clínica hoje e com o referencial psicanalítico, desde Freud até pensadores mais recentes.

É no encontro analista-analisante que Rozenhal vai destacar a dimensão estética da clínica, em que o psicanalista possa resistir e encontrar as pequenas percepções no exercício de afetações do par. O autor vai mais além e nos adverte que muitas vezes devemos prescindir da interpretação a favor da representação. É sobre isso que a obra discorre: como reinventar a clínica da contemporaneidade.

A obra está dividida em cinco capítulos que aproximam os fundamentos da clínica e da teoria: “De que corpo trata a psicanálise?”; “O controle da diferença e a diferença sem controle na obra de Freud”; “O ser no gerúndio: sobre Freud e Foucault”; “No corpo a corpo da análise: uma psicanálise das pequenas percepções” e “Eu, Pedro F., 20 anos, drogado...: interpretação e sensibilidade”. Importante destacar a leitura atenta que Rozenhal faz de Freud, Winnicott, Lacan, Foucault, Deleuze, dentre outros. E como ele atualiza a trajetória de Freud e de outros psicanalistas e filósofos.

Logo no capítulo 1, o autor nos provoca a pensar sobre a produção de Freud a partir de 1920, com os textos da “virada teórica”, e a chegada dos novos conceitos de pulsão de morte, Isso e angústia automática. Ele propõe o uso da expressão *corpo erógeno* (pura potência de subjetivação, para Serge Leclaire) para subsidiar a compreensão da subjetividade com a qual lidamos.

Já no capítulo 2, (“*O controle da diferença e a diferença sem controle na obra de Freud*”), Rozenthal vai falar daquilo que nomeia a sua obra, o gerúndio. Nomeado de *devenir* pela filosofia, é o tempo do presente, do movimento contínuo de diferir de si mesmo. Nas palavras do autor: “os encontros seriam a condição dos processos imanentes de diferenciação.” (p. 25). É com este gerúndio, tempo do acontecimento, do aqui e agora, que vamos lidar.

Ao defrontar Freud e Foucault, no capítulo 3 (“*O ser no gerúndio: sobre Freud e Foucault*”), Eduardo propõe um ser que só pode ser dito no gerúndio. Nas suas palavras: “a subjetividade não existiria propriamente, senão insistiria na temporalidade do gerúndio como potência e processo de diferenciação.” (p. 28). É no capítulo 4 (“*No corpo a corpo da análise: uma psicanálise das pequenas percepções*”) que nos deparamos com a fragmentação de si, o excesso da sociedade do espetáculo e o esvaziamento da capacidade subjetiva de simbolização. Rozenthal fala que o analista hoje deveria possuir uma sensibilidade refinada, capaz de resgatar o potencial criativo e desejante da subjetividade. São os elementos sensoriais, disponíveis para uma percepção sensível da escuta analítica, que devem fazer parte da clínica contemporânea.

Mais adiante, no capítulo 5 (“*Eu, Pedro F., 20 anos, drogado...: interpretação e sensibilidade*”), ele valoriza a sensibilidade do analista quando expõe um caso clínico, com todas as suas implicações no trabalho sobre as forças do corpo erógeno. Para atender às compulsões e às adições, não basta interpretar os conteúdos desejantes dos analisantes. Isso não parece suficiente. Com despojamento, ele nos abre seu consultório, nos mostra suas vicissitudes, sua escuta e seu sono diante do sono do analisante aqui chamado Pedro. Esse sono que toma o analista será o caminho para tocar as vivências pulsionais ignoradas por Pedro e o que vai facilitar as mudanças nos seus sentimentos, pensamentos e percepções.

O psicanalista Eduardo Rozenthal foi integrante da SPID, onde participou ativamente e ministrou seminários que dialogavam com a filosofia, a antropologia, a sociologia, a arte e a história. No momento em que ele nos deixa (15/03/1952 – 06/07/2019), é oportuno lembrar a sua trajetória como analista, pesquisador e professor, bem como os seus textos publicados.

Uma das suas contribuições recentes foi a pesquisa sobre Feminismo e Psicanálise, apresentada em palestras em diferentes instituições. Ele propunha que o processo analítico fosse um trabalho de singularidade e não de identidade do sujeito. E que a análise tivesse o compromisso com o estilo do analisante, e não com a sua adaptação à sociedade. Ou seja, uma psicanálise comprometida com a escuta e suas afetações. Uma psicanálise voltada para as contribuições de Ferenczi e de Winnicott, que valorizaram o campo afetivo, das pequenas percepções de linguagem não verbal.

Em 2017, quando a filósofa norte-americana Judith Butler veio ao Brasil houve uma polêmica sobre a sua apresentação em São Paulo, com milhares de assinaturas em abaixo-assinado contrário às suas palestras. Como uma das principais pensadoras contemporâneas sobre o feminismo, a teoria queer, a filosofia política, a ética, a terceira onda do feminismo, ela aposta no primado da diferença e na deflação da identidade. Sua obra era referência de leitura para Rozenthal que se posicionou em artigos e entrevistas para jornais à época, a exemplo da Folha de São Paulo:

“O perigo do pensamento de Butler está na presença de seu corpo. Judith é perigosa porque seu pensamento corporal é feito de gritos e sussurros, apelos sedutores que convidam para o encontro. Pensamento de quem pensa diferente de si mesma, sendo esta a diferença total que convoca ao exhibir, sem pudor, os confins de si onde está sendo gestado.” (acesso em 07/07/19, <https://bit.ly/2neO1nY>)

Uma palavra carrega a possibilidade de criação de si, quando simboliza e multiplica. A palavra de Eduardo Rozenthal está entre nós, como testemunho de uma época que tentamos entender. Tateamos diante da cegueira em que vivemos e da transitoriedade da vida. A palavra pode tornar presente aquele que se ausentou. O ser no gerúndio!

[nota]

1. Resenha do livro *O ser no gerúndio, corpo e sensibilidade na Psicanálise*. ROZENTHAL, Eduardo. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014. 230 p.

2. Psicanalista; membro titular SPID; mestre em literatura comparada (USP); escritora e professora de criação literária. E-mail: [ninfaparreiras@gmail.com](mailto:ninfaparreiras@gmail.com)



---

**Ruth Goldemberg**, por  
Janaína Garcia e Marcos  
Serenio

## V. ANTENA

### Entrevista com Ruth Goldemberg<sup>1</sup>

Antes de mais nada, temos que agradecer à Ruth Goldemberg por ter aceitado nosso convite para esta entrevista. É com muita satisfação que inauguramos a sessão “Entrevistas” da revista Ensaios com esta estimada psicanalista. Esperamos que nossos leitores possam capturar a atmosfera acolhedora do nosso encontro, bem como a disponibilidade e generosidade com que Ruth respondeu nossas perguntas.

ENSAIOS: DE INÍCIO, GOSTARIA DE SABER COMO VOCÊ AVALIA TER CHEGADO AOS 95 ANOS EM PLENO VIGOR?

O que mais me ajudou na vida foi o bom humor. Viver as situações, por mais difíceis que fossem, sempre bem-humorada e me divertindo um pouco às custas das situações. Outra coisa importante foi a genética. A família do meu pai toda é bem longeva. Acho que tive muita sorte na vida, apesar de não ter tido uma vida fácil, minha mãe morreu quando eu tinha um ano e meio de idade. Meu pai, muito severo, criou a mim e a minha irmã, praticamente, sozinho; mas as coisas comigo sempre deram certo e, se não deram certo eu não dei bola. Seria injusto eu dizer que tive uma vida terrível ou muito difícil. Eu fui levando e as coisas foram acontecendo e continuam acontecendo, coisas muito boas e até surpreendentes na minha idade acontecem.

ENSAIOS: CONTE-NOS COMO FOI SEU PRIMEIRO ENCONTRO COM A PSICANÁLISE, O QUE TE FEZ BUSCAR A PSICANÁLISE? SOBRE SEU PERCURSO DE ANÁLISE PESSOAL. COMO FOI A ESCOLHA DE ESTUDAR PSICOLOGIA E COMO SURTIU O DESEJO DE SE TORNAR PSICANALISTA E A EVOLUÇÃO DO SEU TRABALHO CLÍNICO DURANTE ESTES ANOS TODOS.

Quando meu filho tinha sete anos, ele precisou ir a um psicanalista. Eu nunca tinha ouvido falar nisso (aliás, hoje meu filho é um grande psiquiatra e psicanalista). A terapeuta fazia uma consulta com ele e uma comigo na época. Em uma das minhas entrevistas com ela, eu percebi que ela não era boa. Por conta disso, procurei outra que tivesse melhores referências. Fui indicada a procurar a Catarina Kemper, que estava no Rio e atendia crianças. Com muito esforço consegui marcar uma hora com ela. Após ter conversado com meu filho, ela me chamou e, através da arrumação que meu filho havia feito com bonecos na sessão

dele, ela descreveu a minha vida. Fiquei impressionada. Implorei para que ela atendesse meu filho e não o indicasse para outra pessoa. Ela alegou que estava com pouco tempo, pois, juntamente com o seu marido, o Werner Kemper, estavam fundando a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Por fim, ela acabou aceitando meu filho em análise com a condição de que meu marido e eu fizéssemos análise. Frequentamos então um grupo de análise de casais, composto por três casais, coordenado pelo psicanalista Júlio Gonçalves dos Santos. Esta experiência não deu certo e o grupo se desfez. Tempos depois, Júlio me telefonou para saber como eu estava. Eu realmente não estava bem e disse isso a ele, ele então pediu para que o procurasse. Assim, comecei em 1959, uma análise com ele e fui me sentindo melhor. Um detalhe: eu comecei a trabalhar com 15 anos de idade, trabalhei em várias coisas, fiz concurso para o IBGE e fui fazer faculdade matemática (que passei em primeiro lugar). No terceiro ano da faculdade passei em um concurso para funcionária pública com ótimo salário e larguei a matemática. Mais tarde, incentivada pelo Julio, resolvi voltar à faculdade.

Quando soube que, para me reintegrar ao curso, teria de voltar um ano, fiquei desanimada. Então, o Júlio me disse que havia aberto um concurso de Psicologia na PUC e que eu deveria fazer, pois ele queria que eu trabalhasse com ele. Proposta irrecusável, não é? E eu nem sabia onde era a PUC! Meu desejo era fazer parte da equipe dele, pois eu nem sabia o que era Psicologia. Passei com média alta no concurso, tirei 100 em matemática e entrei em terceiro lugar. Isso aconteceu em 1963. Neste mesmo ano eu fiquei grávida e minha filha nasceu no primeiro ano da minha Faculdade de Psicologia. Comecei a estudar e a me interessar bastante. Li Karen Horney e Melanie Klein, que eram os nomes da época. Nesta época, os médicos, os psiquiatras proibiam os psicólogos de serem psicanalistas. Nós não podíamos fazer formação. No terceiro ano da faculdade, abriram as vagas para estágio. Eu já participava de um grupo que assistia estágio das turmas antecedentes. Nós fazíamos os testes, tirávamos uma conclusão que era levada para essa reunião e, ali, discutiam-se as questões e se deliberava o que fazer com o caso em questão: se fosse encaminhado para análise, seria atendido por um médico, já que os psicólogos não podiam ser psicanalistas. Numa dessas reuniões, foi apresentado o caso de uma menina que, ao ver o pai empurrar a mãe pela escada, gritou tanto que ficou muda. Ninguém sabia como tratar a garota, uma vez que ela não falava, e por conta disso, decidiram que não havia nada a fazer. Eu não me conformei, achei um absurdo. Neste momento, então, o Kleber, diretor do SPA na época, perguntou se eu queria tratá-la. Ângela Podkameni se ofereceu para me dar supervisão. Aceitei e foi muito interessante porque a Ângela acabara de chegar dos Estados Unidos com formação terapêutica muito livre e me ajudou muito. A menina que comecei a atender só sorria e eu brincava com as bonecas dela, ia com ela jogar pedras no riacho, costurava roupinhas de boneca e etc. Um dia ela ficou doente e eu, com apoio da Ângela, fui a casa dela. A casa era

grande e bagunçada e ela dormia em uma cama no corredor, apesar dos 3 quartos da casa. Ter ido à casa dela me ajudou muito no atendimento desta menina. Enfim, minha primeira cliente foi uma experiência muito rica. Acho que fui uma das primeiras psicólogas que trabalhou clinicamente, meu registro no CRP é número 139!

ENSAIOS: POR QUE ESCOLHEU A SPID?

Dr. Kleber, do SPA da PUC, era da SPID. Meu antigo psicanalista morreu subitamente quando eu estava no terceiro ano da faculdade, o que me desanimou um pouco de continuar, mas aconteceu uma coisa muito boa. No dia da minha formatura, Padre Benko, diretor da Psicologia da PUC, me convidou para trabalhar como supervisora na PUC. Nesta época, eu fazia análise com Wilson Chebabi. Ele e a Inês Besouchet tinham criado um centro com o objetivo de desenvolver mais o estudo da Psicologia. O CESAC era um centro de estudos de antropologia clínica, mas, na verdade, era para preparar psicólogos para serem terapeutas. Fiz minha formação neste curso com Wilson Chebabi e Inês Besouchet. Depois que me formei, as coisas já estavam mais livres para psicólogos e eu vim para SPID.

ENSAIOS: E COMO FOI A SUA PASSAGEM PARA MEMBRO PSICANALISTA NA SPID?

Olha, eu não me lembro exatamente em que ano eu fiz a formação. E naquele tempo, apesar de ser bem mais *light* que as outras sociedades, a SPID era bastante exigente. Tínhamos que escrever muitos trabalhos, apresentarmos muitos casos. Quando eu terminei minha formação fiquei com vontade de conhecer outras coisas. E aí eu fui assistindo palestras, vendo outras coisas, indo a congressos, lendo livros e fazendo um estudo geral. E fiz isso por muitos e muitos anos. E quando, há uns dez, doze anos atrás mais ou menos, eu vim à SPID assistir palestras, eu gostei do clima, achei que estava muito mais livre, muito mais solto, de modo que me deu vontade de voltar. Voltei, e aí, a Ângela Coutinho – que havia sido minha supervisionanda na PUC – sugeriu de fazer o evento para a minha passagem a membro titular. Tem até um filme sobre isso que é muito bonito. Eu fiz a apresentação do caso clínico, houve perguntas da mesa e muita gente na plateia. Foi muito bom.

ENSAIOS: CONTE-NOS SOBRE OS SEUS PRINCIPAIS INTERLOCUTORES, DA SPID OU DE OUTRAS INSTITUIÇÕES, NO SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO. O QUE ELES PUDERAM TE TRANSMITIR PARA O ENRIQUECIMENTO DO SEU TRABALHO?

Você diz interlocutores livros ou pessoas?

ENSAIOS: INICIALMENTE PESSOAS, POIS OS LIVROS VEREMOS MAIS À FRENTE.

É tanta gente... brincando, brincando são cinquenta anos desde que me formei. É muito tempo, muita gente e muita coisa. Mas a Magdalena Pimentel, com quem eu fiz supervisão, foi uma pessoa muito importante. Especialmente por ela ser muito livre e valorizava esta questão de ter a liberdade de ser, independente do que você sabia. Isso eu acho fundamental no nosso trabalho. Isso é uma questão que eu sempre valorizo muito. A teoria é fundamental, com certeza, mas tem que ser uma teoria que passe por você.

ENSAIOS: SOBRE A TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE, VOCÊ ACHA QUE ALGUM ASPECTO DEVERIA SER INTRODUZIDO NOS MECANISMOS ATUAIS DE TRANSMISSÃO E FORMAÇÃO? VOCÊ INTRODUZIRIA ALGUMA COISA A MAIS NA FORMAÇÃO DO PSICANALISTA?

Difícil esta questão. Eu acho que cada pessoa, cada analista, é diferente do outro. Tudo bem que a gente estude, estude a teoria, várias teorias, mas cada um escuta da sua forma e traduz na relação analítica da sua forma também. Para mim, do jeito que estou, me encontro satisfeita. Não teria a preocupação de introduzir mais alguma coisa. Embora isso possa acontecer, e se acontecer, é importante fundamentar.

ENSAIOS: PASSAREMOS AGORA PARA INTERLOCUTORES DE LIVROS E AUTORES. FREUD CONTINUA SENDO UMA REFERÊNCIA FUNDAMENTAL PARA VOCÊ? VOCÊ PODERIA NOS CONTAR SOBRE A SUA RELAÇÃO COM O PAI DA PSICANÁLISE E DE COMO A OBRA DELE AINDA INFLUENCIA O SEU TRABALHO? ALGUM TEXTO DELE QUE TENHA TE TOCADO DE FORMA MAIS SENSÍVEL?

Olha, Freud foi um gênio, isso não se discute. Eu acho que ele é fundamental, com certeza. Os livros dele, a teoria dele para o conhecimento da psicanálise é fundamental, isso é indiscutível. Agora, depois dele, tanta coisa já aconteceu, tantos autores novos. Por exemplo, agora eu estou dando a teoria de Thomas Ogden. A questão dos relacionamentos – que na época de Freud, há cerca de cento e cinquenta anos atrás – foi marcado por uma rigidez que era totalmente presente. Mas veja, uma coisa que me intriga um pouco com relação ao Freud, especialmente quando ele falava de neutralidade analítica, é que ele fez a análise da filha dele, a Anna. Como? Com que neutralidade ele podia ouvir a filha falar

da família dela? Do pai dela? (risos) Quer dizer, uma coisa é o que se escreve, outra coisa é o que se faz. Mas sem dúvidas, depois dele as coisas continuam crescendo. Há uma frase do Ogden, do livro que eu estou trabalhando sobre a teoria da psicanálise, em que ele fala que uma coisa uma vez escrita se torna concreta e, em se tornando concreta, enrijece. Para continuar crescendo e se desenvolvendo você tem que procurar novas formas de sentir, de pensar, ou seja, de desenvolver. Não é ficar repetindo a teoria. Hoje em dia a contratransferência é fundamental no nosso trabalho. Aqui na SPID tem se falado muito de terceiro analítico, por exemplo. E cada um fala na sua forma de entendimento, o que está certo, pois não podemos enrijecer o terceiro analítico também. Mas o terceiro analítico para o Ogden – o que eu acho extraordinário a maneira como ele escreve sobre este tema – é justamente a possibilidade de a cada diálogo você ter uma nova possibilidade. E essa nova possibilidade ao se tornar novamente um diálogo se cria outra possibilidade, e isso não tem fim. Hoje em dia estou procurando uma gerontóloga e não encontro uma que sirva para mim (risos). Pois todas querem que a gente se cuide e se cuide, e não é esta a questão, de jeito nenhum! Mas enfim, eu acho que quanto mais a gente trabalha, mais a gente lê, mais a gente vive, mais as experiências vão se tornando novas. Atualmente eu tenho pensado em muitas coisas da minha vida passada que estou vendo de modo diferente do que eu vi na minha análise. E diferente do que vi antes da minha análise. Ou seja, a gente está sempre pensando novas coisas. Isso é viver, não é? (risos).

ENSAIOS: E WINNICOTT? COMO COMEÇOU WINNICOTT NA SUA VIDA?

Começou na PUC. Na época a minha supervisora era kleiniana rígida, muito rígida. As coisas que eu fazia com os clientes que atendia, ela reclamava muito, especialmente com as formas de ir passear com os pacientes e jogar pedras no riacho, de brincar, de trazer brinquedos para as crianças, enfim, coisas que eu inventava e que eu julgava que eram boas, mas que para a supervisora não eram. Eu não podia dizer tudo, pois eu tinha que passar no estágio né? (risos). Como eu sempre pesquisava livrarias, um belo dia eu encontrei um livro do Winnicott (O brincar e a realidade). Eu não sabia quem ele era, mas não se falava dele por aqui. Comecei a ler, e pensei: poxa! Esse cara faz muitas coisas que eu faço! (risos) Aí eu fiquei muito animada, sabe. E eu tinha um amigo que estava fazendo formação na Tavistock, em Londres. Eu mandei uma carta para ele (naquele tempo enviávamos carta! Risos) pedindo os livros de Winnicott, pois aqui não havia traduções. Este meu amigo me mandou os livros de Winnicott. Foi assim que fui me aproximando dele cada vez mais.

ENSAIOS: E SE VOCÊ PUDESSE ESCOLHER A PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO DE WINNICOTT PARA A PSICANÁLISE? EU SEI QUE É MUITO DIFÍCIL PENSAR APENAS UMA, MAS...

Tudo! (risos) Eu acho que a ideia do objeto transicional uma coisa fundamental. Eu estou dando aula agora sobre Complexo de Édipo em Ogden, que é todo pensando em cima da noção de objeto transicional. Esta dimensão eu acho de uma riqueza enorme. Inclusive o Lacan se interessou muito sobre a conceituação de objeto transicional em Winnicott. Eles trocavam correspondências. E ele era muito interessado nisso. E a questão da Criatividade, que Winnicott propõe. Acho que são dois pontos indispensáveis.

ENSAIOS: E OS AUTORES CONTEMPORÂNEOS? EXISTE ALGUM PSICANALISTA QUE INFLUENCIA E SUA CLÍNICA DE MODO ESPECIAL? VOCÊ JÁ CITOU OGDEN, MAS TERIA ALGUM OUTRO?

Atualmente Ogden, com certeza. Winnicott, de vez em quando eu dou uma relida pois sempre que a gente relê vê coisas novas. Além destes, André Green, Gilberto Safra, etc.

ENSAIOS: COMO VOCÊ OBSERVA AS MUDANÇAS EM SUA CLÍNICA DESDE O INÍCIO ATÉ AGORA? VOCÊ OBSERVA ALGUMA MUDANÇA NA SUA CLÍNICA?

Olha, atualmente fica um pouco difícil dizer isso para vocês, pois a minha clínica atual é toda de psicanalistas. Eu não tenho nenhum cliente que não seja psicanalista! Supervisão também eu dou para pessoas que estão fazendo formação em psicanálise. O fato de serem todos psicanalistas implica mais amadurecimento e controle o que levam a procurarem ser mais objetivos, embora, é claro, há momentos de muitas emoções. Todos nós somos sujeitos a isso, graças a Deus. Mas dizer de alguma mudança assim, uma coisa mais específica, não sei. No início eu atendia muitas crianças, depois atendi muitos adultos e jovens e atualmente adultos. Talvez a grande diferença do início para agora, o que mudou foi a introdução da tecnologia. As pessoas eram mais afetivas. Quando saiam em viagem, mandavam cartas para mim, quando estavam aqui, mandavam cartões, coisas que hoje em dia ninguém mais faz, eu acho. Atualmente a utilização de WhatsApp comanda. Mas mudança central mesmo, não vejo não.

## ENSAIOS: COMO É PARA VOCÊ TER DESCENDENTES DIRETOS QUE TAMBÉM OPTARAM POR SEREM PSICANALISTAS?

Eu fico muito orgulhosa, claro! Os meus três filhos, o mais velho se tornou psiquiatra e psicanalista, a mais nova Ana Lúcia, que está em Cabo Frio, também se tornou psicanalista. A minha neta Fernanda e minha nora Lucila também. Fico muito feliz ao vê-los seguir as profissões sem nenhuma pressão de minha parte. O Arnaldo fez medicina, acredito que por conta da influência de Catarina Kemper, que achava que ele deveria ser médico. Eu acho que ele tem um talento muito especial, uma tolerância, fora a sensibilidade, uma maneira de lidar com as dificuldades de uma forma muito boa, muito agradável. E a Ana Lúcia tem muito jeito também. Ela tem uma captação muito profunda das coisas.

ENSAIOS: QUE LEGADO VOCÊ TRANSMITIRA PARA OS ANALISTAS QUE TE PROCURAM PARA ANÁLISE, SUPERVISÃO, PARA SEUS ALUNOS? QUE ELEMENTOS IMPORTANTES VOCÊ GOSTARIA DE TRANSMITIR PARA AS PESSOAS QUE TE PROCURAM COMO PACIENTES, SUPERVISIONANDOS, COMO ALUNOS? QUE CONSELHOS VOCÊ DARIA PARA UM JOVEM PSICANALISTA?

Para quem está começando eu acho importante estudar muito as teorias, conhecer bem elas, mas acho que não é apenas receber as teorias, é, principalmente, discuti-las. Questionar as teorias. Não é só receber e pronto. É trabalhar a teoria com as experiências. Acho que isso seria fundamental. Por acaso eu ontem estava mexendo em uma papelada que eu desejo dar para meus bisnetos. São versos que fiz quando tinha oito, dez anos de idade, e que gostaria de deixar de lembranças para eles. Em um deles, que não me recordo direito, eu escrevo sobre o que eu deveria ser: “ser uma flor bem bonita, isto quem sabe? Não. Vejam só a desdita, cair desfolhada no chão.” A terceira estrofe diz assim: “na verdade quero ser apenas o que devo ser”. Escrever isso com oito anos estava bom, não é? Então eu acho que é isso: seja você, mais do que tudo.

[nota]

1. Entrevista concedida em 01/07/2019 aos membros associados da SPID, Leandro Rafael Ferreira dos Santos e Nadia Couri.

2. Psicanalista, membro titular SPID. E-mail: [ragold@hotmail.com](mailto:ragold@hotmail.com)

A **Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle – SPID** tem como princípio a aceitação das diferenças teóricas e práticas e a troca permanente entre pares, o que a caracteriza como pluralista.

O objetivo da Sociedade é congrega profissionais visando a transmissão de conhecimentos, levantamento e discussão de experiências, realização de estudos, investigações e pesquisas, de forma a preservar e promover o avanço da Psicanálise em todos os domínios nos quais esteja implicada.



## ATENDIMENTO PSICANALÍTICO

A clínica da SPID – Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, oferece atendimento a crianças, adolescentes, adultos, casais e famílias.

Tel.: 21 2522 0032

Rua Visconde de Pirajá, 156, sala 307, Ipanema – Rio de Janeiro  
[spid.adm@gmail.com](mailto:spid.adm@gmail.com) / [spid.secretaria@gmail.com](mailto:spid.secretaria@gmail.com)

Atendimento em todos os bairros, através de profissionais associados.

O MELHOR DA LITERATURA NEOLATINA  
CONTEMPORÂNEA ESTÁ NA CASA PHILOS.  
PUBLIQUE SEU LIVRO CONOSCO.

novas ideias. novos espaços.  
submeta seus originais.

# publique conosco.

ENVIO DE ORIGINAIS  
JORGE PEREIRA  
tel.: (81) 987 921 062  
[jorge@revistaphilos.com](mailto:jorge@revistaphilos.com)

COMERCIAL  
LUCAS FONSECA  
tel.: (81) 996 230 887  
[lucas@revistaphilos.com](mailto:lucas@revistaphilos.com)

NAS REDES  
[www.revistaphilos.com](http://www.revistaphilos.com)  
[www.revistaphilos.minestore.com.br](http://www.revistaphilos.minestore.com.br)  
[www.instagram.com/casaphilos](http://www.instagram.com/casaphilos)